Borba Moraes I, 274

384/4800

GAUDEO

John Carter Brown
Library
Brown University

85

MEDICINA THEOLOGICA,

OU

SUPPLICA HUMILDE,

Feita a todos os Senhores Confeſſores, e Directores, ſobre o modo de proceder com ſeus Penitentes na emenda dos peccados, principalmente da Laſcivia, Colera, e Bebedice.

LISBOA:
Na Offi. DE ANTONIO RODRIGUES GALHARDO,
Impreſſor da Sereniſſima Caſa do Infantado.
ANNO M. DCC. XCIV.
Com Licença da Real Meza da Commiſſaõ Geral ſobre o Exame, e Cenſura dos Livros.

Si cladis causa cognoscitur, & medela vulneris invenitur.

Divus Cyprianus de Lapsis.

Foi taxado este livro em papel a quatrocentos réis. Mesa 30 de Outubro de 1794.

Com duas rubrícas.

RPJCB

PREFAÇAÕ.

NAquelles momentos felices, em que o Pai das luzes aviva nos coraçoẽs dos homens hum affecto íntimo de piedade, para conhecerem primeiro ſuas miſericordias, e depois a grandeza das iniquidades, com que nós todos os mortaes o havemos offendido, ou por miſeria, ou por malicia: neſtes momentos he que lançando eu huma viſta de olhos ſobre mim, e ſobre o Univerſo inteiro, comecei a filoſofar ſobre a ruina, e eſtrago, que geralmente em todos os eſtados faziaõ os tres peccados, hum o da Laſcivia, outro o da Colera, e o terceiro o da Bebedice.

Naõ me cauſou tanta pena a corrupçaõ, em que antes do Diluvio havia cahido o Gentiliſmo, e ainda agora ſe abyſmava nos appetites de ſua carne; porque offuſcada a razaõ, e attenuado o livre arbitrio, vivia todo o homem debaixo da tyrannia do Principe das trévas, e da rebeldia de ſuas paixoẽs. O Chriſtianiſmo he o que mais me laſtimou, e arrebatou toda a minha compaixaõ, porque luzindo nelle o Farol da Fé, naõ dá lugar a que os Chriſtãos ſe deixem ſurprender das trévas do engano; havendo nelle tanta ſciencia devia deſapparecer a ignorancia; e correndo em fim nos ſeus Sacramentos as fontes da Graça podia proſperar a ſantidade, creſcer a virtude, e extinguir-ſe todos

os vicios: ſuccede pelo contrario, que ſó domina a deſordem, e a iniquidade, propaga-ſe a libertinagem, desfallece o Santo, e marchaõ todos pela eſtrada dos peccadores. Oh meu Deos! Suſpendei o furor das voſſas iras, prendei com fortes diques a torrente do peccado, que trasborda, e inunda voſſa Igreja.

Eſte penſamento excitou em meu eſpirito hum deſejo de remedio a tantos males, e a Confiſſaõ foi o que logo ſe offereceo como hum entre todos o mais proporcionado, e efficaz; porque deſcobrindo-ſe nella as chagas todas do coraçaõ humano facilmente ſaõ conhecidas, e podem ſer inteiramente curadas pelos Medicos, que as obſervaõ, e examinaõ em ſegredo. Já Celſo dizia (*), que ſe devia preferir hum Medico, que nos conhecia, a hum Eſtrangeiro, que naõ nos conhece, ainda que eſte foſſe mais habil. Eſtes Medicos ſaõ os Senhores Confeſſores, e Directores. Toda a Theologia ha muitos Seculos os tem conſiderado como taes; ninguem nos conhece melhor que elles, e neſte conhecimento naõ póde haver engano. As regras, ou methodo, com que devem curar, tambem já tem ſido delineadas á proporçaõ da meſma qualidade de Medicos com que ſaõ diſtinguidos. Nada faltaria ſe eſte Miniſterio naõ podeſſe ſer conſiderado mais que entre os limites da Theologia. Porém aqui he que minhas eſperanças naõ podiaõ ficar ſatisfeitas, e a expe-

(*) In fin. Præfat.

periencia me tinha moſtrado, que os remedios moraes tinhaõ poucos ſucceſſos, que podeſſem alentar a confiança de os applicar a todos com igual effeito.

Por iſſo tomei a reſoluçaõ de ampliar a idéa, que geralmente ſe tem formado da qualidade, ou officio dos Confeſſores, moſtrando até onde podia chegar a denominaçaõ de Medicos, com que ſaõ decorados, pela neceſſidade em que eſtaõ de conhecer radicalmente muitas doenças, que, depois de inficionar o corpo, penalizaõ a alma, e os faz desfalecer, ou cahir em peccado. Daqui ſe ſeguia naturalmente fallar em todas aquellas enfermidades, que precediaõ os peccados da Laſcivia, Colera, e Bebedice, que tambem ſe póde dizer ſaõ ſuas origens, e meſmo que ſempre, ou os acompanhaõ, ou os ſuppõem. Era conſequencia fallar em Capitulos diſtinctos de todos os males, que ſe derivaõ dos ditos peccados; porém como eſtes males em ſi naõ ſaõ peccados, nem tambem nelles influem de novo, por iſſo os omitti, e ficaõ reſervados para os trabalhos dos Medicos, e Cirurgiões, que os devem tratar, e curar.

Mas porque ſeria inutil declarar as queixas, que os Senhores Confeſſores devem conhecer, e curar, ſem inſinuar os ſeus remedios fyſicos, exponho tambem aquelles, que ſaõ mais convenientes, e ſe podem praticar com ſegurança, ſegundo as conjuncturas de eſtado, ſexo, e idade, quero dizer, que manifeſto em cada enfermidade aquelles medicamentos reſpectivos,

de

de que geralmente podem uſar com ſegurança os homens, e mulheres, velhos, e moços, peſſoas ſolteiras, caſadas, eccleſiaſticas, ou ſeculares, e regulares, que forem tocados de algum dos vicios mencionados.

Da exhibiçaõ, e do uſo dos remedios fyſicos poderiaõ naſcer algumas dúvidas Theologicas, mas naõ me eſqueci de as reſolver, ou nos meſmos Capitulos onde ſe formáraõ, ou em outros reſpectivos, e particulares. Tambem do uſo dos remedios podia naſcer algum deſejo de ſe ſaber ſeus perigos, e precauções, mas igualmente deixo tudo iſto indicado, e ſatisfeito.

Depois do uſo dos remedios fyſicos, tirados ſómente da Medicina, me empenhei a inculcar os que ſe podem chamar Theologicos, por ſerem preſcriptos na Eſcriptura Santa, e coſtumarem ſervir de materia ás Penitencias. Chamei a todos Dietetica Sagrada, e fiz ver como podiaõ ſer praticados com mais fruto dos penitentes, e conformidade ao eſpirito da Santa Igreja Catholica.

Iſto feito, acabo minha obra com huma exhortaçaõ a todos os Penitentes, ſobre a utilidade da Confiſſaõ, e ſupplico aos Senhores Miniſtros do Tribunal da Penitencia queiraõ tratar por eſte modo a nós outros peccadores, conduzindo-nos por hum caminho ſeguro, e racional, livre daquelles perigos de illuſaõ, em que aos Confeſſores, e Penitentes tem mettido tantos Eſcriptores, deſpidos das ſciencias fyſicas,

cas, e meſmo mui pouco criticos nas Theologicas, que tudo querem attribuir á violencia do demonio, e nada ás enfermidades da natureza humana.

Queiraõ pois os Senhores Confeſſores ler eſta obra, e deferir á ſúpplica, que comigo lhe fazem todos os Penitentes, que ſe deſejaõ emendar de ſeus peccados, e caminhar em paz nos atalhos da ſalvaçaõ.

MEDICINA THEOLOGICA,
OU
SUPPLICA,

Em que aos Senhores Confeſſores pedem os Penitentes queiraõ conſiderar, como neſte

CAPITULO I.

Os Senhores Confeſſores devem ſer chamados Medicos do homem, e naõ ſó do ſeu eſpirito.

QUATRO ſaõ os officios que dizem os Theologos exercita hum Confeſſor no Sacramento da Penitencia, que ſaõ: o de Pai, de Juiz, de Doutor, e de Medico. Eſtes officios ſaõ diſtinguidos por todos os Moraliſtas, na intençaõ de que os Confeſſores por todos os modos procurem a ſalvaçaõ de ſeus Confeſſados; porém baſtava que nelles ſe reconheceſſe o officio de Medico para os obrigar a deſempenhar todos os demais; porque na qualidade naõ eſtaõ incluidos os officios de Doutor, de Pai, e de Juiz naquella

mesma extensaõ que até agora se ha admittido? He sem dúvida; porque supponde-se estes officios espirituaes, e sendo hum só o espirito de Deos, que dirige ao Confessor na salvaçaõ dos Penitentes commettidos a seu cuidado, bastava designar-se este espirito por hum só nome, que comprehendesse todos os outros. Ora este nome he o de Medico; porque ser Medico, quer dizer: hum sogeito que examina seu enfermo com cuidado, combina com attençaõ as circunstancias da culpa, julga da sua causa com inteireza, ensina com brandura tudo quanto o Penitente deve fazer para evitar seus peccados, prescreve os remedios necessarios para os curar, e mesmo procura com affecto estes remedios; e eis-aqui exercitado com o officio de Medico tambem o de Juiz, de Doutor, e de Pai.

Eu naõ pertendo confundir estes officios, antes desejava que os Senhores Confessores nas funções de seu Ministerio se revestissem sempre da ternura de hum Pai, que cuidadoso da salvaçaõ de seus filhos, lhes manifestassem tanta piedade, que todos entendessem os queriaõ ver santos naõ só no espirito, mas tambem na carne. Desejava que naõ sómente examinassem seus Penitentes ainda com maior industria, do que o costumaõ fazer os Juizes Seculares, fazendo-os descobrir naõ só os crimes occultos, mas ainda suas causas, seus motivos, com todas as mais circunstancias que se podem suspeitar do tempo, e do lugar; porque por este exame fica-

cariaõ elles mais capacitados da indole do Penitente, e por conſequencia da qualidade de ſeus propoſitos. Deſejava que como Doutores os enſinaſſem naõ ſó aquelles myſterios eſſenciaes da Virtude, e do Chriſtianiſmo que todos devemos crer, e praticar ſob pena de condemnaçaõ, mas tambem aquelles modos que facilitaõ a ſua obſervancia, e excitaõ igualmente a vontade para a pratica das devoções. Tudo iſto deſejava, mas perſuadido que os Senhores Confeſſores melhor o ſabem, e podem fazer do que eu declarallo, por iſſo lhes fallo ſómente no officio de Medico que tem, provando a grandeza da ſua extenſaõ, que até agora tem ſido taõ limitadà pelos meſmos Theologos, que naõ chegáraõ a dizer mais, que os Confeſſores ſaõ medicos do Eſpirito.

Se eſta propoſiçaõ ſe entendeſſe do meſmo modo, como vulgarmente entendem os Fyſicos, quando chamaõ Medicos do Eſpirito a Antonio le Camus, a Verdriers, e outros que eſcrevêraõ da Medicina do Eſpirito, e do equilibrio do Corpo com a alma, entaõ eu ficaria deſcançado, e com Medicos taõ ſabios paſſaria a expôr todos os methodos de curar as paixões da alma; porém a intelligencia da dita propoſiçaõ naõ he a meſma nos Theologos, que nos Fyſicos, porque eſtes por Medicos do Eſpirito entendem aquelles Medicos, que naõ dividindo no homem vivo a alma do corpo, mas conſiderando ſempre ſua uniaõ, e mútua correſpondencia em todas as acções de qualquer ge-

nero que sejaõ, julgaõ que o espirito he sempre affectado quando no corpo se produz alguma mudança, e que remedeada esta mudança do corpo se remedea em consequencia a turbaçaõ do espirito. Os Theologos porém só chamaõ Medicos do Espirito áquelles, que sabendo que coisa seja peccado, buscaõ a sua emenda, e puniçaõ no pezar da alma; ensinaõ que com huma distracçaõ piedosa do entendimento, ou huma resistencia constante da vontade se póde a alma subtrahir a todas as tentações do demonio, do mundo, e da carne; e naõ prescrevem outro remedio que orações, jejuns, e disciplinas. O corpo entre estes Senhores Medicos do Espirito, he sempre olhado como hum escravo rebelde, e merecedor sómente de ser dilacerado com tormentos, por concorrer algumas vezes para a execuçaõ do peccado, ainda que outras vezes em nada participe dos segredos da alma, que he sua Rainha e Senhora.

Ora este sentimento dos Theologos, taõ longe está de poder servir de fundamento, para que com verdade se chamem os Confessores Medicos do Espirito, que antes melhor os caracterizaõ por destruidores da humanidade. Sim: porque, se he impossivel haver operaçaõ em huma alma, que seja independente da modificaçaõ do corpo com que está unida, como he hoje sentença corrente dos Filosofos; se esta uniaõ da alma, e corpo, he uniaõ necessaria com igual correlaçaõ, ou communicaçaõ entre

si,

ſi, ſaõ tambem neceſſarias por conſequencia as reciprocações mútuas de ſuas funções, e operações; ha de o Confeſſor de neceſſidade ſer Medico do Eſpirito, e do Corpo, em huma palavra, ha de ſer ou Medico do homem, ou deſtruidor de ſua humanidade.

A ſentença que até agora melhor explicou o modo deſta uniaõ da alma com o corpo, foi aquella que em Mr. le Cat foi coroada na Academia de París, e que a eſtabelece no intermedio dos eſpiritos animaes. Une-ſe a alma immediatamente com os eſpiritos animaes, ou por outro nome, o ſucco ethéreo, que flue pelos nervos, e ſuſtenta todos os movimentos do homem; e eſte ſucco ethéreo unindo-ſe tambem immediatamente com o corpo, vem eſte por boa dialectica a unir-ſe tambem com a alma. Ora naõ ha movimento eſpiritual, ou corporal, naõ ha paixaõ, naõ ha vicio, naõ ha peccado que poſſa conſiderar-ſe ſem concurrencia deſte ſucco ethéreo; logo naõ póde haver operaçaõ no homem, que naõ tenha por Agente a alma, e o corpo intimamente unidos: mas havendo eſta uniaõ, e ſendo igualmente certo terem as paixões, principalmente a da Laſcivia, Colera, e Bebedice ſua conſummaçaõ no Corpo, quem naõ vê ſer fantaſtico o titulo de Medico, que cura ſó o Eſpirito ſem cuidar do Corpo? Quem naõ vê que o Confeſſor para ſe conſervar eſte titulo honroſo deve ſer chamado Medico do homem? Eu naõ lho poſſo negar, e ſe o houveſſe de reſtringir, diria ſim, que era Me-

Medico do homem, mas homem Christaõ, por ser a Confissaõ só no Christianismo hum Ministerio de Medicina, empenhado a curar os peccados humanos.

Quererem tambem os Senhores Theologos considerar o corpo como hum escravo da alma, que por mil rebeldias a insulta, e ultraja, para dahi se tomar hum motivo piedoso de o dilacerar com açoites; isto he commetter huma injustiça, e negar com erro, que o Corpo seja hum companheiro da alma; naõ disse bem, he asseverar que Deos impôz ao corpo huma lei que naõ existe, he persuadir que o corpo naõ está unido com a alma, fazendo ambos hum só supposto, huma só pessoa. Se o corpo, e a alma considerados metafysicamente saõ de diversas substancias, a sua nobreza he muito gratuitamente distinguida huma da outra; porque ambos tiveraõ o mesmo Deos por Creador, ambos foraõ unidos no mesmo instante da sua creaçaõ, ambos vivem com mútua dependencia, ambos tem igual relaçaõ ao complemento do Universo, ambos foraõ punidos com males temporaes depois do primeiro peccado, ambos se haõ de separar na morte, ambos haõ de permanecer na eternidade, e reunir-se outra vez para receberem no mesmo supposto, ou o premio, ou o castigo dos peccados, e virtudes que juntos ambos commettêraõ, e praticáraõ. No Tribunal de Deos, naquelle dia ultimo, nem o corpo imputará só á alma os seus peccados, nem a alma se attribuirá tambem sómen-

te

te a si só as suas virtudes; á gloria, e a pena será commua para ambos, e neste intervallo de tempo, que medêa na separaçaõ das almas, e dos córpos de todos os que desde a origem do mundo até agora tem morrido, nem a alma, nem o corpo merece, ou desmerece por mais gloria que tenhaõ huns, e ignominia outros. A mesma Escriptura Santa favorece inteiramente este sentimento, quando o bem, e o mal attribue naõ á alma só, nem ao corpo só, mas sim ao todo unido que fórma o homem, e mesmo quando lemos, que o corpo que se corrompe aggrava a alma, nos deixa persuadidos, que a correspondencia destas duas substancias unidas he mútua, e necessaria, e que quando hum adoece, adoece tambem outra, ou que o peccado de huma he tambem o peccado de outro, a vileza de hum, a vileza de outro: *Corpus quod corrumpitur aggravat animam.*

Quem diz pois, que os Senhores Confessores saõ só Medicos da alma se engana, senaõ quer que elles estendaõ seus cuidados aos córpos dos Penitentes. Saõ sim os Confessores Medicos das almas, que devem curar as paixões humanas, reformar o mundo, e extinguir nelle as origens de todos os peccados, como queria o Santo Padre Pio V. Eu o creio, e assevero, porém he entendendo sómente daquelles que conhecendo o homem fysico, e moral, estudando continuamente os mysterios da graça, e da natureza, combinados em individuos singulares, sabem como huma, e outra se concor-

caõ,

daõ, ſabem tambem como a alma obra no corpo, e o corpo na alma, ſabem como ambos ſe communicaõ, e ſe firmaõ em ſuas paixões, e adquirem ſuas virtudes; e depois de conhecido o jogo deſte mechaniſmo occulto, deſta ſympathia admiravel, tiraõ indicações ſeguras, formaõ juizos certos, e applicaõ remedios naõ ſó moraes, mas tambem fyſicos, ou proporcionaõ ambos de modo que facilmente curem os peccadores de ſuas enfermidades eſpirituaes, e corporaes, e os dirigem em fim nos caminhos da ſaude do corpo, e da ſalvaçaõ da alma.

Daqui ſe vê que eu conſidero aos Confeſſores como Medicos que curaõ naõ ſó o formal dos peccados, porém tambem o material, iſto he, que naõ ſómente conhecem dos peccados como huma tranſgreſſaõ da Lei, mas tambem das cauſas fyſicas de que elles dimanaõ: que naõ ſómente abſolvem os Penitentes depois de ſe capacitarem de ſua dor, e propoſito; mas tambem que lhes preſcrevem medicamentos fyſicos, que os ajudaõ a perſerverar na emenda promettida, a vencer os máos habitos, e ainda a mudallos, ou a facilitar a ſe adquirirem outros ſantos em lugar dos perverſos que tinhaõ. Eis-aqui tambem o que eu chamo Confiſſaõ, e o que igualmente ſó he que ſe póde chamar converſaõ perfeita dos peccadores.

Eſta minha pertençaõ deve fazer honra a todos os Senhores Confeſſores, e cada hum delles ſe deve intereſſar em meu deſignio, que

naõ

naõ he outro, que de os reſtabelecer em ſeus direitos antigos. Elles ſabem, ou ao menos com facilidade podem ſaber, que deſde aquelle tempo, em que a Medicina principiou a ſer arte, ſe ligou ao miniſterio dos Sacerdotes da Religiaõ, e quando alguma doença ſe curava por outros cuidados, deviaõ reconhecer com tudo a authoridade deſtes Miniſtros, levando aos ſeus Templos como hum tributo todas aquellas taboas, e monumentos, que em compendio enſinavaõ a hiſtoria de tal, e tal enfermidade. No meſmo Chriſtianiſmo depois de Jeſu Chriſto, que curando os córpos, e ſalvando as almas, ſe fez noſſo exemplar na Medicina, houveraõ hum Medico Evangeliſta, Santos Papas, Biſpos, e outros Miniſtros do Altar, que ajuntando a Theologia com a Medicina, produziraõ mais fruto na Igreja de Deos, do que aquelles Theologos Aſceticos, e abſtractos, que occupados unicamente de idéas Platonicas, e Ariſtotelicas, tomáraõ por profana toda a Medicina, e vieraõ a deſprezar todas as Leis da Natureza, obſervando muito mal as ſobrenaturaes, e Divinas. Foraõ Medicos muitos Sacerdotes de Jeſu Chriſto, e o deviaõ ſer todos os Confeſſores, para que o titulo de Medicos que tem naõ foſſe hum nome vaõ, e de ceremonia, mas ſim para que foſſe real, e legitimo, capaz de ſatisfazer a todas as funcões em que a Medicina ſe exercita. Foraõ Medicos grandes Miniſtros do Altar, eſtudáraõ a natureza humana de todos os modos, conhecêraõ

ſuas forças, e enfermidades, curáraõ eſtas, e preſerváraõ aquellas, foraõ dignos de mil louvores. Porque pois naõ feraõ os Senhores Confeſſores inteiramente Medicos do homem? Porque ſe deſdenháraõ deſta honra?

Porém, dir-me-haõ, que os Canoniſtas naõ approvaõ minha pertençaõ, por ſer huma ſentença corrente entre elles, que o exercicio da Medicina faz irregulares aos que a praticaõ, e já mais os Confeſſores quereráõ expôr-ſe a incorrer neſta irregularidade: ao que podia reſponder: que eſta ſentença naõ eſtá definida, e que outros Canoniſtas defendêraõ tambem a opiniaõ contraria, mais ponderoſa na verdade em ſeus fundamentos intrinſecos; moſtrando que naõ tem os Sacerdotes prohibiçaõ alguma para o exercicio da Medicina; mas que baſta empenharem todo o ſeu cuidado, e arte para naõ errarem com perigo de vida dos enfermos. O Grande Navarro, e Farinaceo aſſim o aſſeveraõ com outros, que naõ tem menor authoridade. Porém minha pertençaõ naõ ſe extende a tanto. Eu naõ quero inculcar que os Senhores Confeſſores andem a correr o mundo para curar a todos os enfermos, e de todas as enfermidades. O que pertendo ſómente he fazer-lhes conhecer, que o officio, e denominaçaõ de Medicos, que poſſuem, deve paſſar do conhecimento dos males do Eſpirito, tambem áquelles males do corpo de que ſe originaõ os do eſpirito, e que com eſte conhecimento exercitem tambem a Medicina nas meſmas queixas,

e

e só para o fim de fazerem mais virtuosos aos seus confessados, o que he facil, e naõ involve perigo algum de vida, principalmente se os Confessores tiverem huma sciencia profunda de todas as partes da Medicina, o que nunca a ninguem foi prohibido pelos Santos Canones, antes era justo que assim soubessem para evitarem em muitos casos o recurso de seus confessados à outros Medicos, talvez bem ignorantes na sua Arte, e sómente sabios em matar, e ganhar dinheiro.

Eu me restrinjo ainda mais, e mesmo me contento que os Senhores Confessores tivessem sómente da Medicina aquelles conhecimentos fysicos, que lhes mostrassem os inconvenientes da Lascivia, Colera, e Bebedice; ou aquellas enfermidades que na Theologia tem o nome de Carnaes, para que sabendo-as curar, soubessem tambem constituir seus confessados no caminho da salvaçaõ, com esperança mais segura da emenda de seus máos habitos.

Porém para mais clareza deste assumpto digamos ainda no seguinte

CAPITULO II.

Se póde ser bom Confessor o Theologo, que for bom Medico.

NAõ sei na verdade como a Theologia naõ obriga universalmente a todos, que se applicaõ ao seu estudo, a se applicarem tambem ao estudo da Medicina. Estas duas Sciencias deviaõ estar taõ ligadas, que nunca andassem huma da outra separadas: ambas se dizem huma correlaçaõ taõ notavel, que quem a ella chega a attender, exclama logo: Como he possivel que haja Theologo sem ser Medico! S. Paulo quer que subamos do conhecimento das obras visiveis de Deos ás suas operações invisiveis; que as creaturas sejaõ hum espelho da Divindade, e a natureza, ou sã, ou enferma a Pregoeira mais legitima da excellencia da Graça. Na Escriptura Santa, e nos Santos Padres se achaõ outras maximas singulares, que mostraõ bem a connexaõ da Medicina com a Theologia: e eu entrára com grande gosto em huma carreira extensa, que fosse descubrindo a alliança necessaria destas duas Sciencias em todos os Dogmas do Christianismo, e fizesse ver a impossibilidade de se ter delles huma verdadeira intelligencia, sem se ter de ambos hum conhecimento exacto.

Eu fizera ver como os Santos Padres tomáraõ da Medicina mil razões, e comparações pa-

para provarem os Myſterios da Trindade Santiſſima, o da Incarnaçaõ Divina, a Euchariſtia, a Confirmaçaõ, o Baptiſmo, &c. Fizera apparecer todas as obras de Deos como objectos proprios da conſideraçaõ dos Medicos, e concedidos como de empreſtimo ás meditações dos Theologos. A creaçaõ do mundo, iſto he, daquella obra que o Senhor ha feito em ſeis dias, o Ceo com todos os ſeus Aſtros, a terra com todos os ſeus mineraes, vegetaes, animaes, e o homem, eſta machina viſivel que nos encanta com todas as ſuas Leis, e individuos, ſó o Medico tem della hum conhecimento mais profundo, que o faz entrar com facilidade na intelligencia da Eſcriptura Santa. Pergunte-ſe a hum Theologo por toda eſta variedade de objectos, que ſe comprehendem nos Livros de Moyſés, e dos Profétas, em todo o Teſtamento Velho, e Novo, e ſe verá como elle ſem exceptuar as meſmas queſtões dogmaticas ſe ſerve da Fyſica para explicar tudo o mais, ou nos remette para aquelles que tomáraõ em partilha o eſtudo da natureza. Porém eu naõ me occupo agora com eſte argumento (naõ por elle ſer fóra do meu aſſumpto, mas ſim porque me conduziria muito longe, e extenderia eſta obra a hum grande volume, que enfadaria a quem a quizeſſe ler em breve tempo.

A Theologia pratica, o officio de Confeſſor he ſó o de que devo tratar, ſegundo aquelle reſpeito que os faz Medicos das almas, e que

pa-

para bem cumprirem as suas obrigações lhes he preciso saberem a Medicina do corpo. Neste sentido he que digo ser bom Confessor o que he bom Medico, e que entre milhares deve ser escolhido aquelle que melhor tivesse unido a sciencia das enfermidades da alma com as do corpo, e soubesse em tudo remediar as deste para curar as daquella.

Sim: porque assim como he sómente bom Medico do corpo aquelle que depois de conhecer as causas das suas enfermidades, e os methodos differentes de as curar, sabe com prudencia applicar os remedios convenientes na occasiaõ: assim tambem deve sómente ser considerado por bom Confessor, aquelle que tendo antecipadamente hum conhecimento exacto das causas das enfermidades da alma, as sabe depois remediar por methodos differentes. Ora estas causas tanto na Medicina do corpo, como na do espirito saõ todas corporaes, pois ou no corpo tem seu assento, ou delle dependem; logo tambem devem ser corporaes os remedios; mas destes remedios só quem he bom Medico corporal tem perfeito conhecimento, logo só será tambem bom Medico espiritual o que for bom Medico corporal.

O fim da Medicina corporal he recuperar a saude perdida, e conservar a que se ha recuperado; este mesmo he tambem o officio do Confessor; mas assim como o Medico corporal para satisfazer a este fim, deve procurar junto com a do corpo a saude da alma, assim tambem

bem o Medico espiritual para satisfazer ao mesmo fim, deve junto com a saude da alma procurar a do corpo.

O estado da natureza, e o estado da Graça ambos saõ obras de Deos, que se podem unir no mesmo sugeito, e na verdade se unem em quanto na natureza se naõ suscitaõ aquellas enfermidades criminosas, que tiraõ a vida á alma, e ao corpo, como a fé ensina: ora como a bondade do Medico corporal se estende a conservar em saude o estado da natureza, sem destruir o da Graça, assim tambem a bondade do Confessor deve estender-se a conservar o estado da Graça sem destruir o da natureza; mas como isto naõ poderá fazer quem naõ for instruido, tanto na Theologia, como na Medicina; logo o bom Confessor para ser tal, deve ser tambem bom Medico, ou por outros termos deve o Confessor para ser bom praticar a Medicina com a Theologia.

Os dois braços da boa Medicina saõ a razaõ, e a experiencia, com elles adquirem os Professores hum bom nome, tanto na Theoria, como na pratica: o Confessor tambem deve exercitar o seu ministerio com estes dois braços: ora a razaõ lhe mostra, que mal poderá elle combinar os peccados dos homens com as Leis Divinas, se conhecendo sómente estas naõ examinar todas as circunstancias que influem naquelles; mas como a experiencia igualmente mostra que muitos peccados humanos tem sua origem, naõ digo só nas enfermidades da na-

tu-

tureza em geral, mas ainda em doenças particulares do corpo; logo para se dizer que o Confessor he dotado de razaõ, e experiencia deve possuir o que esta mesma razaõ, e experiencia persuadem ser-lhe necessario, e sendo a Medicina o que estaõ persuadindo, segue-se que quando o Confessor a possue, entaõ he que elle he qualificado de bom.

Mas para que he provar com argumentos variados hum ponto de que todos na mesma prática mostraõ estar persuadidos? Qual he o Confessor discreto, e amigo de acertar, que naõ queira ler os Medicos Legistas, taes como hum Paulo Zachias, &c.? Quantas vezes saõ estes Authores consultados no fòro interno, e externo? E tambem qual he o Penitente que sabendo que algum Theologo he juntamente Medico o naõ queira ter com preferencia por Confessor? Pois porque obraõ assim todos, senaõ porque por hum sentimento commum estaõ capacitados da necessidade da uniaõ da Medicina com a Theologia, ou que só he bom Confessor o que tambem he bom Medico? Logo esta questaõ he sem dúvida, e naõ necessita de ser provada. Passemos pois a dizer no seguinte

CA-

CAPITULO III.

O Confeſſor deve tambem ſaber Medicina corporal.

OS Senhores Confeſſores porque ſaõ conſtituidos Medicos das almas, ficaráõ com a obrigaçaõ de ſe prepararem antecipadamente pelo eſtudo das enfermidades da alma, e ſeus remedios. Eſte eſtudo comprehende tudo aquillo que os conduz a conhecer os peccados, igualmente que as virtudes praticaveis em cada eſtado, e condiçaõ dos homens: a Theologia, os Direitos, e a Hiſtoria ſaõ as Sciencias que ſe julgaõ mais neceſſarias para elles deſempenharem o ſeu officio, e que com juſto titulo ſe chamaõ Medicina eſpiritual: Eu louvo muito eſte eſtudo, e deſejava que elle foſſe univerſalmente requerido a todos os Senhores Confeſſores, e que nenhum delles ſe contentaſſe com aquella ſufficiencia de que hum Santo Papa os manda examinar; e de que os meſmos Senhores Confeſſores explicaõ a extenſaõ como lhes agrada; dizendo huns que baſta para confeſſar haver lido alguma Summula de Moral, tal como o Larraga, e outros que he ſufficiente o conhecimento da Theologia que mais anda em moda no ſeu tempo, quer ella ſeja probabiliſtica, ou probabilioriſtica, tucioriſtica, ou rigoriſtica. Abunde cada hum em ſeu ſentimento porque todos ſe capacitaõ que conhecendo-ſe os

os peccados, e as virtudes, ſe tem a ſufficiencia neceſſaria; mas iſto naõ deve impedir para que eu naõ peça com todos os Penitentes, queiraõ os Senhores Confeſſores perſuadir-ſe, que tambem lhes he neceſſaria alguma ſufficiencia no conhecimento da Medicina corporal.

Sim, porque a maior parte dos peccados de que no Tribunal da Penitencia ſe accuſaõ os homens, ſaõ verdadeiras enfermidades tambem de ſuas carnes. O eſpirito muitas vezes deixaria de peccar, ſe o corpo eſtiveſſe ſaõ: as fraquezas deſte occaſionaõ as quédas daquelle: o homem he que pecca, a elle he que Deos ha punido com os males temporaes, e corporaes, e eſtes males ſó os conhece bem a Medicina corporal, porque ſó ella ſe empenha a remediallos para dahi remediar tambem os que reſultaõ na alma. Ora devendo os Senhores Confeſſores remediar os males da alma pois delles ſaõ conſtantemente Medicos, e ſendo igualmente certo, que os males do eſpirito ſó ſe remedêaõ com ſegurança, quando ſe remedêaõ os do corpo, com que aquelles ſe ligaõ, ſegue-ſe, que ſó ſabendo os Senhores Confeſſores Medicina corporal, he que poderáõ deſempenhar o officio de Medicos eſpirituaes.

Mas que parte de Medicina corporal ſaõ obrigados os Senhores Confeſſores a ſaber? A conformidade de deciſaõ deve aqui reinar entre a Medicina, e Theologia: baſta aquella parte da Medicina que he ſufficiente, e neceſſaria para o dito deſempenho: baſta aquella

par-

parte da Medicina que enſina a conhecer todas as enfermidades corporaes, de que ſe originaõ os peccados da alma. Os dois livros da Medicina de Eſpirito, que publicou o ſabio Francez Antonio le Camus podiaõ entrar no rol daquelles que naõ ſe diſpenſaõ aos Confeſſores. Elle enſina a remediar as paixões da alma remediando as enfermidades do corpo: lêllo pois, e ſabello baſtava para ſe dizer, que hum Confeſſor poſſuia a ſciencia ſufficiente da Medicina; mas como eſte Author eſcreve para Medicos inſtruidos na materia Medica, ou que ſabem eſcolher na claſſe dos ſimplices as drogas mais convenientes, e combinallas em formulas bem calculadas, por iſſo o ſeu livro póde naõ ſer julgado ſufficiente para aquelles Senhores Confeſſores, que naõ tem adquirido a ſciencia de receitar os principios que facilitaõ a intelligencia da Medicina. Bem vejo que poderá haver algum outro livro, que com o meſmo aſſumpto traga já as receitas formuladas, mas como eu delle naõ tenho noticia, por iſſo lembro o arbitrio de accreſcentar de Antonio le Camus, ajuntando-ſe-lhe as receitas neceſſarias, ou que ſe faça outro por quem melhor o ſouber. Eu lhes offereço eſta obra em que acharáõ as receitas neceſſarias, naõ ſó para remediar os tres generos de enfermidades de que nellas ſe faz mençaõ, mas tambem a outras muitas, que os Senhores Confeſſores acharáõ ſer ſimilhantes. Naõ duvido que os Senhores Confeſſores a leaõ, porque o conceito que faço da ſua benig-

nidade me deixa esperar naõ deferiráõ á supplica que lhes faço logo nas primeiras folhas deste livrinho; mas nem por isto quero dizer que julgo ser a Medicina comprehendida nesta obra a sufficiente para o desempenho da obrigaçaõ dos Senhores Confessores.

A Sciencia Medica que eu peço naõ se aprende nos livros. Estes sim ensinaõ as regras da Medicina prática depois da Theorica, mas isto naõ basta para fazer Medicos. A natureza he que deve ser o Codigo dos Senhores Confessores, só ella lhes fará conhecer as enfermidades que devem curar; porque só ella se descobre pelos peccados de que se accusaõ os Penitentes. Os peccados v. g. da Lascivia, Colera, e Bebedice mostraõ que o Penitente tem huma disposiçaõ em sua carne, e espirito, que originariamente os inclina aos vicios, e facilita a se firmarem nos máos habitos.

Quando pois os Senhores Confessores ouvem as accusações de seus Penitentes; se estas accusações saõ primeiras ficaõ logo conhecendo que no Penitente houve disposiçaõ mortifica da natureza, que o inclinou a tal peccado, e que agora já ha enfermidade grave, curavel com tudo nos seus principios, mas que passará bem depressa a desesperada se se deixa arraigar com recahidas. Se houve segunda vez a accusaçaõ, ou ainda na primeira a seu respeito fica conhecendo ter sido repetida já muitas vezes; entaõ adquirem os Senhores Confessores a experiencia que melhor que tudo lhe mostra a rebeldia

da

da enfermidade, e lhes perſuade a neceſſidade de remedios fyſicos, que tomem o lugar dos moraes, de que elles ficaõ conhecendo a ineſficacia. Aſſim com eſte conhecimento naõ heſitaõ de applicar aquelles medicamentos, que a experiencia de outros tem comprovado infalliveis, e depois de os applicar reconhecendo o ſeu effeito, vem a ſaber que taes, e taes culpas de ſeus confeſſados ſaõ enfermidades corporaes, e que taes, e taes remedios ſaõ o eſpecifico ſeguro com que ellas ſe curaõ. E eisaqui a Medicina que ſó he neceſſaria, e ſufficiente para o deſempenho da obrigaçaõ dos Senhores Confeſſores.

Quem dirá agora que os Senhores Confeſſores ſe podem diſpenſar de ſaber eſta Medicina pratica? Parece-me que ninguem, logo deve ficar maxima certa que elles devem ſaber Medicina corporal. Mas ſe alguem naõ ſe contentar da ſufficiencia deſta Medicina pratica, e peça ainda alguma theoria, entaõ para o ſatisfazer, digo no ſeguinte

CA-

CAPITULO IV.

Basta que os Senhores Confessores saibaõ a Neurologia.

A Obrigaçaõ que tem os Ecclesiasticos de adquirirem a sciencia he taõ grande, que a Escriptura Santa, os Concilios, e Santos Padres consideraõ como hum cofre os labios do Sacerdote, aonde ella se deposita para dahi sahir os Oraculos que haõ de instruir o Universo. Elles saõ repellidos do Sacerdocio quando a tem desprezado, e sem dúvida naõ merecem ser tirados do meio da plebe quando naõ daõ provas de sua propensaõ ao menos a adquirilla. Mas que culto deva ter esta sciencia a mesma Igreja Santa o demonstra, quando pela promulgaçaõ de suas Leis, creaçaõ de seus Seminarios, faz instruir os Ecclesiasticos em todo o genero de Sciencias. Ella lhes manda ensinar naõ só as Theologias, e Direitos, mas tambem as Filosofias que comprehendem em sua extensaõ as Sciencias naturaes. Mas se esta he a vontade da Igreja a respeito de todos os Ecclesiasticos em geral, que pedirá ella dos Confessores em particular? Ella quer sem dúvida que os Senhores Confessores conheçaõ os homens fysica, e moralmente, quer que elles evitem aquelles erros do fanatismo, e superstiçaõ em que cahíraõ tantos Escriptores, que ignoráraõ os modos com que a Natureza obra; e

com

com velipendio dos triunfos de Jesu Christo introduzíraõ ao lado do homem hum demonio companheiro, que o move em todas as suas acções, e mesmo o violenta a commetter o peccado. Mas para que o Confessor conheça o homem fysicamente, e moralmente qual he a Sciencia que em compendio o dispõe, e facilita? Naõ he outra mais que a sciencia dos nervos, ou instrumentos com que a alma, e o corpo se movem reciprocamente. A Neurologia pois he a Sciencia fysica, da qual eu digo que o Confessor deve possuir huma theoria sufficiente, ou que para a saber manejar naõ he preciso que saiba tudo quanto entra na vasta circumspecçaõ desta Sciencia. Basta que tenhaõ algum conhecimento da natureza dos nervos, de sua estructura, sua disposiçaõ, seus usos, e sua sympathia, porque tendo-se destes pontos alguma intelligencia, que fenomenos poderáõ appresentar as paixões humanas, principalmente a da Lascivia, Colera, e Bebedice que naõ possaõ depois ser conhecidos pelos Senhores Confessores, e por elles mesmos remediados.

Sim, porque nada póde custar aos Senhores Confessores o saber que os Nervos saõ huns Cordões, que tomaõ sua origem do Cerebro, e da Medulla espinal, que se distribuem por todas as partes do corpo. Pouco custa saber que os nervos parecem ser prolongamentos da substancia medullar de donde vem, e que a sua força igualmente que sua firmeza se devem ás mem-

membranas, ou tunicas em que eſtaõ envolvidas: como tambem que eſtes nervos ou ſejaõ groſſos, ou finos, ſaõ compoſtos de muitos fios que correm ſempre com diſtinçaõ huns dos outros, e ſe podem chamar nervos multiplicados. E ſabendo iſto, já ſabem qual he a natureza, e eſtructura, e diſpoſiçaõ dos Nervos. Para agora ſe ſaber quaes ſejaõ os ſeus uſos, baſta que precedendo huma idéa preliminar de que eſtes nervos tem hum fluido ſubtil, que nutrindo-os, e humedecendo-os ſervem de inſtrumento, por cujo meio elles executaõ ſuas funções. Depois quando ſe ſabe communicaõ o ſentimento, e o movimento a todo o corpo, fica o ſeu uſo conhecido, e naõ he preciſo recorrermos a experiencias, e raciocinios para provarmos hum facto que ninguem rejeita. No que ſe póde demais reflectir, he que naõ havendo parte no corpo, aonde naõ haja mais, ou menos ſentimento, com tudo o movimento ſó ſe executa naquellas que tem huma eſtructura capaz para iſſo como ſaõ os muſculos em geral, as partes organicas, e os vaſos ſanguineos, que na applicaçaõ dos eſtimulantes ſe moſtraõ dotados de irritabilidade, ou facilidade de ſe encolher, e relaxar alternadamente. Mas feita eſta reflexaõ para paſſarmos a ter huma idéa da ſympathia dos nervos, baſta abrirmos os olhos ſobre nós meſmos, e obſervarmos que aſſim como em nós, aſſim em todos os homens ha dois movimentos, hum voluntario, e outro involuntario; mas que para

que

que ambos se executem em nòssos córpos saõ precisos os nervos desembaraçados, e communicando naõ só entre si, mas tambem com o cerebro; e a esta communicaçaõ de movimento he que chamaõ sympathia. Quem naõ ha sentido doer-lhe a cabeça quando lhe dóe o estomago, ou quando lhe dóe a garganta dôer-lhe os ouvidos? Quem deixa de rir quando lhe fazem cocegas? Quem naõ se entristece quando o ferem? Porque fechamos os olhos, ou queiramos, ou naõ, quando alguma coisa ameaça offendellos? Porque nos cresce a agua na boca quando vemos hum bom alimento? Porque nos arripiamos ao ranger de huma lima, que gasta o ferro? Porque trememos ao estrondo de huma espingarda? Porque chegada a puberdade se muda a voz, e se sentem estimulos nos genitaes á vista de alguma formosura tambem nova, &c. Naõ ha outra razaõ do que a que se tira da sympathia: toda a sympathia suppõe hum sentimento, e movimento, que se produzem pela mediaçaõ dos nervos; ora em todos os quesitos assima propostos se descobre no sentimento, e movimento dos nervos huma razaõ geral para a explicaçaõ de todos os fenomenos que se experimentaõ; logo para que os Senhores Confessores tenhaõ huma idéa geral da Medicina para remediar as paixões humanas, isto he, para que possaõ conhecellas, dar dellas razaõ, e remediallas, basta entrarem no Tribunal da Penitencia com hum conhecimento preliminar do jogo dos nervos. Mas sendo necessa-

rio este sufficiente conhecimento, quem poderá dispensar aos Senhores Confessores da obrigaçaõ de os adquirir? Vejaõ elles se achaõ algum Moralista que os desobrigue de estudar huma sciencia, sem a qual seu ministerio naõ se póde cumprir com segurança, e muito menos satisfazer aos officios de Pai, Doutor, Juiz, e Medico com que se honraõ. Eu naõ peço mais, e passo a dar huma idéa das paixões humanas.

CAPITULO V.

Da mudança morbifica, que produz no homem as suas paixões.

SAõ as paixões humanas hum producto da sensibilidade, e movimento de seus nervos; se o homem naõ tivera nervos naõ haveria communicaçaõ entre sua alma, e seu corpo; faltaria hum sensorio commum, naõ chegariaõ as impressões exteriores até o espirito, nem os movimentos do espirito abalariaõ parte alguma do corpo; mas porque o homem he formado de nervos, que saõ outros tantos vasos delicados cheios de hum succo subtil, ethereo, e elastico, e que com este succo subtil está sua alma ligada, segue-se que toda a mudança que se occasionar em alguma destas substancias produzirá ao mesmo tempo em todas ellas sua mudança respectiva.

A differença sómente que se deixa observar nes-

neſtas mudanças he aquella que ſe ſegue em conſequencia ou do agrado, ou do enfado, que recebe a alma depois de affectada de hum, ou outro modo. Se a mudança lhe foi agradavel concebe amor, e ſe lhe foi deſagradavel ſe inflamma em colera, deſeja o objecto que lhe produzio a primeira, aborrece a ſegunda que a moleſtou com crueldade, empenha-ſe depois a poſſuir o que he amado, e a apartar longe o que he aborrecido, e quanto mais repete eſtas acções, tanto mais ſe firma em ſeu exercicio, ou adquire ſeus bons, e máos habitos. Porém ou eſteja o homem arraigado em ſeus bons, e máos habitos, ou ſe deixe levar ſómente á primeira vez das ſuas paixões, quem ſe atreverá a ponderar o damno, tanto corporal, como eſpiritual que ſoffre, quando o impeto deſta, ou daquella paixaõ foi violenta, e ſe produzio ſem moderaçaõ.

As Hiſtorias eſtaõ cheias de ſucceſſos, que nos fazem mover a compaixaõ. Hum grande amor, huma grande ſaudade, huma grande colera, e huma grande bebedice occaſionaráõ ſempre ſymptomas nervoſos os mais funeſtos, e horriveis. As Convulsões, a Cathalepſia, o Tetanos, os Syncopes, a Phthiſica, mil enfermidades, e ainda a morte ſaõ ſeus effeitos mais ordinarios.

Seleuco, filho de Antiocho ſe conſumia com huma febre lenta pelo amor que tinha a Stratonice ſua Madraſta. Boerrhave conta de huma rapariga, a quem por negárem o matri-

monio com ſeu amante acabou eſtatica com a cabeça debruçada ſobre os joelhos. Baglivio diz que todas as peſſoas que elle viſitou, e tinhaõ ſido atacadas de alguma paixaõ violenta ſoffriaõ enfermidades do eſtomago, Monſieur Begue de Presle o obſervou em todas as paixões de triſteza. Boneto nos conta que a triſteza em huma rapariga a fazia cahir em Syncopes, que duravaõ mais de meia hora, e With diz, que conhecêra huma enferma, que ſabendo da morte de ſeu marido, ficára ſugeita a ſimilhantes acceſſos, que a poſſuiaõ até quinze minutos, e que no tempo deſtes paroxiſmos ella ficava eſtendida ſem movimento ſenſivel do peito nem do coraçaõ, e ſe notava ſómente que o lume da véla, que ſe lhe chegava á boca, naõ ficava em perfeito repouſo, e quando ſahia deſtes accidentes ſuſpirava, e gritava, e paſſado hum quarto de hora recahia de novo, e aſſim durára dois dias. Pechlin diz, que a colera rende o pulſo mais vivo, a reſpiraçaõ mais frequente, e que víra acceſſos deſta paixaõ, ſeguidos immediatamente de huma expreſſaõ extraordinaria de ſaliva, vomitos biliosos, hemorrogias do nariz, e roturas de vaſos, que ſó a morte póde fechar. Que damnos naõ tem produzido o Satyriazes nos homens, e o furor uterino nas mulheres? A hypocondria, e o hyſteriſmo tem ſido o ſeu menor producto, porque a lepra, o delirio, Phthyſica, a morte ſaõ ſeus effeitos mais ordinarios. Naõ ha Author na Medicina, que naõ traga muitas obſer-

fervações fobre eftes pontos, igualmente como todos tem promulgado o eftrago corporal, que produz fempre o vinho nos ebriofos, até chegar Boerrhave a affeverar com a experiencia, que o fó vapor do mofto quando fermenta mata de repente com fer cheirado. Mas para que me canço já com apontar exemplos dos damnos que caufaõ as paixões, quando ainda hei de tomar novo trabalho em defcrever algumas em feus Capitulos feparados?

Bafta agora notar que naquelles fugeitos, que tem grande firmeza em feus nervos com hum gráo de fenfibilidade proporcionada, naõ faõ taõ funeftas as impreffões que lhes fazem fuas paixões. O Amor em hum Hercules, e a Colera em hum Achilles fó produzíraõ damno em outros, e naõ nelles; porém nas peffoas delicadas, que recolhidas nos Clauftros, affentadas em feus eftrados, occupadas na liçaõ dos livros, tem feus nervos mui flexiveis, feus fluidos, ou mais abundantes, ou mais volateis; neftas com toda a certeza produz infallivelmente qualquer paixaõ todos os fymptomas nervofos, males convulfivos, obftrucções, fchirros, cancros, e as demais enfermidades, de que abaixo farei mençaõ, como mais neceffarias para o conhecimento dos Senhores Confeffores que as quizerem eftudar, e meditar: fique pois certo que as paixões produzem mudanças morbificas no homem, proporcionada á fua maior, ou menor força: huma paixaõ quando produz huma grande mudança he igualmente grande; e quan-

quando aquella he pequena tambem esta o he; mas ou seja grande, ou pequena esta mudança, sempre ella he enfermidade que desordena a harmonia da alma com o corpo, tira neste o equilibrio dos sólidos com os líquidos, perturba naquella todas as funções espirituaes, e consome assim a vida do homem. Vamos agora certificar-nos com provas evidentes tomadas das mesmas enfermidades, e seja a primeira deducçaõ do Amor.

CAPITULO VI.

O Amor he enfermidade.

NAõ se póde exceptuar do catalogo das enfermidades ao Amor. Qualquer que elle seja, ou Divino, ou Humano he sempre huma doença. A Escriptura Santa está cheia de exemplos, que provaõ a languidez, e desfallencia que em muitas almas pias produzio o Amor Divino, e quando se puderem contar todas as mortes com que este Amor celeste fez acabar os Santos, que tem seus nomes escriptos nos annaes da Igreja, entaõ se poderá admittir alguma dúvida neste ponto. Felices todos elles que assim morrêraõ, e felices seriamos nós tambem se tivessemos a enfermidade deste Amor. Huma enfermidade, meu Deos, ha de separar minha alma de meu corpo, vós assim o determinastes por vossa Lei, depois que nosso primeiro Pai quiz peccar, e offender-vos; mas,

Se-

Senhor, trocai-me outra qualquer enfermidade na de voſſo amor, e deixai-me morrer para vos ir amar eternamente: eu quero adoecer deſta enfermidade, produza ella embora em meu corpo mil chagas abertas como em S. Franciſco de Aſſis, ou huma Phthyſica como em S. Luiz Gonzaga, rompa-ſe meſmo meu peito, quebrem-ſe minhas coſtellas como em S. Filippe Neri, e eu me darei por contente, naõ procurarei remedio para me curar de huma tal doença, ſempre goſtarei de dizer com S. Paulo: *Cupio diſſolvi, & eſſe cum Chriſto.*

Mas depois de ſer doença o amor de Deos, naõ o poderá deixar de ſer tambem o amor do proximo, quando ſóbe áquelle gráo de intenſidade que tiveraõ muitos Santos, e de que Jeſu Chriſto noſſo amabiliſſimo Salvador nos deo exemplo. Eſte amor do proximo fez acabar a huns de peſte com outros males contagioſos, e a outros fez exhaurir de forças, opprimio com fadigas immenſas. Naõ poſſo deixar de lembrar-me de hum S. Franciſco Xavier, morrendo na terra dos barbaros, ſem dizer que o amor do proximo foi o verdugo que lhe tirou a vida; porém tambem eſta doença ſerá eternamente louvada em S. Paulino, que quiz vender-ſe, e ſoffrer todo o pezo da eſcravidaõ para com o preço de ſeu corpo reſgatar as almas dos captivos. Muitos Santos ſacrificáraõ ſuas vidas no amor de ſeus amigos, e inimigos, adoecéraõ com ſeu proximo, e prôvera a Deos que o mundo todo fôra huma enfermaria geral

de

de taes doentes. Mas naõ he eſte amor que conduz hoje á ſepultura tantos enfermos, outro he o amor que devem curar os Senhores Confeſſores, ou Medicos do homem achacado de paixões.

O Amor inſano, em que fallaõ os Poetas, aquelle amor, ſobre que o Doutor James publicou hum Tratado em Oxford no anno 1640., e do qual Celio Aureliano ha dito cauſava a loucura. Eſte amor ſim conſiderado em geral, ſem reſpeito á ſingularidade de objecto, quero dizer, ſem ſe declarar ſe o objecto amado he homem, ou mulher, hum animal, ou eſtatua, o oiro, ou os livros. Eſte amor geral quando ſe applica com força a ſeu objecto, he na verdade grande doença, que produz naõ ſó a loucura, mas tambem huma infinidade de males que os Fyſicos, e Moraliſtas tem conſpirado numerar, e naõ tem podido. Produz o Amor a loucura, porque originando-ſe eſta da deſcompoſiçaõ das fibras nervoſas, que entraõ na textura do cerebro, e eſta deſcompoſiçaõ provindo da nimia attençaõ, que ſe dá a qualquer coiſa, vem a ſer certo que o amor cauſa eſta loucura; porque elle he o que fixa o penſamento ſobre o objecto amado, deſcompõe a fabrica interior do cerebro, levanta o tumulto nos fluidos nervoſos, e deſordena a connexaõ das idéas ſobre que ſe occupa.

Produz tambem o amor huma infinidade de males fyſicos, que naſcendo eſtes tanto da relaxaçaõ, como da conſtrucçaõ das fibras do corpo

po humano ; vem o Amor a produzir todos, quando occaſiona ou huma, ou outra das ditas mudanças corporaes. Ora he certo, que a colera, a inveja, a emulaçaõ, os ciumes acompanhaõ ordinariamente ao Amor, e põem as fibras dos nervos em hum eſtado de rijeza, creſpatura, e erectiſmo, que pervertem ſuas acções, e movimentos, como igualmente he certo, que a alegria, o contentamento, o prazer, que eſtaõ gravados no meſmo circulo do Amor, relaxaõ as meſmas fibras nervoſas, e as enfraquecem, vem o Amor por huma conſequencia neceſſaria a perverter tambem os fluidos mais principaes do corpo, que em ſua circulaçaõ dependem inteiramente da harmonia dos ſólidos. Mas ſendo iſto aſſim fica claro, que do Amor ſe haõ de ſeguir todas aquellas enfermidades em que a Medicina deſcobre algum reſpeito com o objecto amado; quero dizer que ſe os objectos que ſe amaõ forem livros, reſultaráõ aquellas enfermidades em que falla Tiſſó no ſeu excellente tratado das doenças dos homens de letras ; ſe forem riquezas naſceráõ as vigilias, as indigeſtões, gota, febre putrida, vertigens, e outras queixas dos mercadores; ſe forem animaes, v. g. hum gato, hum caõ, ficaráõ ſeus amantes expoſtos a aſthma, e hydrophobia; ſe for a Patria virá a Noſtalgia ; ſe forem licores eſpirituoſos, e o vinho ſerá a bebedice ; e em fim ſe forem peſſoas do ſexo, além do morbo celtico, e outras enfermidades que ſe adquirem no ſeu

F com-

commercio, ferao atacados da Erotomania, e vexados, ou de fatyriazes, ou de furor uterino. Oh quantas enfermidades capitaes produz o amor que fao outros tantos vicios, enormes que perdem as almas, e as arraftao para o inferno!

Todos eftes pois que eftao tocados da enfermidade de Amor fe deixao geralmente conhecer pelos olhos; porque ou os tem fundos, triftes, e abatidos, ou vivos, accefos, e inquietos com movimentos frequentes, principalmente quando fufpeitao alguma privaçao do objecto amado. O pulfo neftes amantes nao he tal que lhe feja proprio como alguns Medicos pertendem perfuadir, mas fómente he o mefmo que fe obferva nas Peffoas que andao com algum cuidado. Alegrao-fe quando fe lhes falla no objecto amado, e quando o chegao a ver de repente fe põe a confufao em fuas idéas, o pulfo muda, e fe faz fraco, e defigual: em algumas peffoas falta tambem o fomno, nao agrada o exercicio, e fó fe bufcao aquelles divertimentos, que occupao com o objecto amado.

Eu poria agora exemplos para fe verificarem eftes fignaes em todos os amantes, porém para nao fer extenfo defcreverei fó o que paffa hum homem apaixonado pelas Sciencias. Efte de dia, e de noite nao fe tira de cima dos livros, dorme com elles á cabeceira, vai paffear fem os deixar, os fenomenos que moftra nos olhos fao bem conhecidos de todo o mundo,

quan-

quando se lhes traz hum livro novo naõ páraõ sem logo o esfoliar inteiramente, e saber o que contém, e nesta occasiaõ até lhe treme o corpo todo com a frocira, e quando acaba, confessa huma fraqueza geral em toda a machina, mas naõ faz caso de dôr alguma com tanto que o deixem ler. Falta-lhe o regimen na comida, porque ou he pouca, ou logo seguida da applicaçaõ de espirito: as noites saõ passadas em meditações, e a cama tanto que acorda he para elle o berço delicioso aonde as Musas o embalançaõ, e entretem; se outros apaixonados por Sciencias o trataõ, naõ se desapega delles sem pena, e qualquer novidade que ouve de mais do que sabe he hum verdugo que o atormenta, e estimula a augmentar seus trabalhos. Em fim hum tal homem ainda que seja Regular obrigado a Clausura, e estabilidade quer ver tudo, correr todas as Academias, ostentar em todas as Faculdades, familiarizar-se com todos os Sabios; quem isto lhe concede, ou facilita he o seu maior amigo, e quem lho impede o maior inimigo. Ora tanta paixaõ poderá deixar de destruir a saude, e de occasionar alguns peccados? Pois o mesmo succede nos outros amantes em que irei fallando nos Capitulos seguintes. Mas como agora poderáõ os Senhores Confessores remediar este amor em geral com medicamentos tambem geraes? Eu o digo em duas palavras. Será o primeiro mudando aos Penitentes para outros objectos em alguma coisa similhantes,

e obrigando-os a fixar ſua attençaõ neſſes objectos, impoſtos por penitencia para aſſim os occupar, e impedir que ſejaõ arraſtados pelo objecto amado. O Sabio perdido com os livros que vá cuidar na lavoira de hum campo, e ahi pratique ſua Sciencia com utilidade propria, e tambem de ſua patria. Hum amante de mulheres, que ſe caſe ſe lho permitte o ſeu eſtado, quando naõ que eſtude ſuas enfermidades, ſuas mortes, e as eſcreva para ſeu deſengano, e beneficio das meſmas mulheres. Hum colerico igualmente que hum ſaudoſo da Patria, que façaõ viagens, ganhem o comer com o ſuor de ſeu roſto, evitem toda a ocioſidade. Hum ebrioſo que ſeja enfermeiro, que teve o vinho emetico, e as bebidas purgativas para os Hoſpitaes, e veja o que produzem os remedios avinhados, oiça o que delle dizem os Medicos, e ſe capacitem que nos licores eſpirituoſos lhe podem ſeus inimigos dar veneno com que vomite, fique eſtragado, e morra. Em ſegundo lugar preſcrevaõ os Senhores Confeſſores remedios farmaceuticos tirados ou da claſſe dos amargoſos, ou dos azedos, porque ambos ſaõ penoſos á natureza, mas apropriados a cada huma da claſſe dos amantes: iſto he os azedos para aquelles que ſe exercitaõ em trabalhos corporaes, e os amargoſos para os que fazem vida ſedentaria, e ocioſa; vejaõ-ſe as receitas no fim dos Capitulos, e ahi ſe eſcolhaõ ſegundo as indicações aqui mencionadas. Fallemos agora com mais diſtincçaõ nos gráos das doenças do amor, e ſeja CA-

107

CAPITULO VII.

A Noſtalgia, ou Saudades he enfermidade.

DO amor em geral naſce o primeiro ramo de enfermidade, que he a Noſtalgia, ou aquelle amor da Patria, dos parentes, e peſſoas com quem ſe teve algum commercio, e amizade, mas que por eſtarem auſentes naõ podem os amantes tratar com elles; e por iſſo ſe affligem, choraõ, e correm com tanta preſſa a huma Phthyſica nervoſa, que em menos de tres ſemanas ſe vem ſer atacados de maraſmos, e anorexias, iſto he, de magreza, e faſtio; porque naõ comem, naõ bebem, naõ dormem, naõ querem converſar com os Eſtrangeiros, entre quem ſe achaõ, e faltaõ ao cumprimento de todas as ſuas obrigações, ou ſejaõ politicas, ou criticas.

As peſſoas mais atacadas deſte mal, ſaõ as gentes moças de qualquer ſexo que ſejaõ, e que tiveraõ huma educaçaõ molle, entretida na variedade dos prazeres, e que vendo-ſe obrigados a auſentar-ſe por algum motivo, naõ podem tirar de ſeus corações o habito do amor com que eſtavaõ prezos, e faltando-lhes ao meſmo tempo o objecto, em que eſte amor ſe empregava, formaõ inuteis deſejos, deſeſperaõ de o tornar a poſſuir, e ſe enchem de triſteza, e melancolia, ou adcecem, e enlouquecem. Naõ he iſto o que eſtamos vendo em Portugal em

mui-

muitos Extrangeiros que nelle abordaõ, e que ou morrem, ou ſó daõ eſperanças de ſaude quando chega a occaſiaõ de voltarem para a ſua Patria? Naõ he iſto o que tambem temos obſervado nos meſmos Portuguezes, ſó com ſe mudarem de huma Provincia para a outra? He ſem dúvida. Os Eſcriptores de todos os Reinos por hum teſtemunho unanime o tem publicado, e eu ſei que ainda naõ ha muitos dias que, adoecendo em Coimbra hum eſtudante de Lisboa, naõ moſtrou melhoria alguma com todos os remedios, ſenaõ quando o Medico lhe fallou em o fazer voltar para a ſua terra. E para tirarmos algum exemplo da noſſa hiſtoria, temos hum bem ſingular no Eminentiſſimo Cardeal Alpedrinha D. Jorge da Coſta, que no meio da maior grandeza, em que ſe vio em Roma, tinha ataques deſta enfermidade, e ſó ſe alegrava com lhe fallarem em Alpedrinha.

Porém dir-me-haõ que tem os Confeſſores com as ſaudades? Saõ por ventura as ſaudades algum peccado? E eu lhe reſpondo, que oxalá o naõ foraõ em muitos caſos. Só individuarei hum, e por elle vejaõ os Senhores Confeſſores quaes ſejaõ os outros peccados das ſaudades. Huma Freira que vive clauſurada em hum Moſteiro, longe de ſua Patria, e que deſejava voltar para ella, mas que por motivos humanos ha profeſſado, e ſe conſerva como forçada em ſua Cella, devorando triſtezas infinitas; eſta Freira chegando a adoecer, e naõ querendo admittir outros remedios mais que o egreſſo

da

da claufura, e ou mefmo adoecendo de defefperaçaõ fe arroja a procurar amizades, e correfpondencias indecentes, até em fim chegar a apoftatar, naõ diremos que fuas faudades eraõ peccaminofas, ou ao menos que foraõ occafiões proximas de feus peccados? Naõ fallo em outros peccados, com que muitas vezes fe procuraõ alliviar as faudades; porque naõ fupponho a Confeffor algum ignorante neftes pontos, mas peço fómente que eftendaõ efta idéa a muitos Religiofos, e Ecclefiafticos, que arrependidos de feu eftado fufpiraõ por outro antigo, mas que conhecendo a impoffibilidade de o confeguir rompem em efcandalos bem funeftos, e que naõ tiveraõ outro principio que fuas faudades primitivas. Aqui he, Senhores Confeffores, que as coifas minimas crefcem logo a grande vulto, e chegaõ a fazer maior eftrago que a faifca de fogo cahida no meio da polvora. Atrevia-me a dizer que naõ ha Convento em Portugal, que naõ podeffe miniftrar algum exemplo para a inftrucçaõ, mas naõ digamos mais nada, e vejamos fómente que remedios podem atalhar taõ grande damno.

O remedio principal he enviar eftes penitentes para as fuas patrias, e reftabelecellos no feu eftado antigo; mas fe ifto naõ puder executar-fe licitamente, como na verdade naõ poderá fer com alguns Regulares claufurados, mais eftreitamente como os Cartuxos, Conegos Regrantes, Freiras, &c. entaõ a mudança de objectos, o ufo de narcoticos, o paffeio, o

exer-

exercicio, a liçaõ da Hiſtoria natural, e civil, mudaõ as idéas, curaõ as ſaudades, e extirpaõ a raiz de varios peccados. Todos eſtes remedios apontados ſe podem impôr por penitencia, porque no eſtado deſta enfermidade ellas ſaõ penoſas aos enfermos, que nada buſcaõ mais que o retiro, e a ocioſidade para melhor ſe entregarem ás ſuas triſtezas. E ſe os Senhores Confeſſores naõ ſouberem compôr alguns remedios, que ſejaõ indicados, podem uſar com toda a liberdade dos que vaõ tanto nas receitas abaixo deſcriptas, como nas que ſe ajuntaráõ no fim dos Capitulos, onde veraõ que muitas dellas podem ſervir de materia para a Penitencia pelo amargor de que ſaõ dotadas, ou fortum nauſeante de que naõ ſe privaõ com facilidade.

Reſpice de Aſſafraõ ℈b
Canella ℈j
Myrrha gr. ij, faça-ſe pilulas para ſe tomarem em dois dias.

Reſpice Cabeça de papoila branca em pedacinhos, e ſem ſemente n. j. Coza-ſe em agua de fonte lb. j. a diminuir ℥jj, depois coe-ſe, e ſe dê a beber ao deitar.

Reſpice Cabeças de papoila branca n. ij. Coza-ſe em agua limpa lb. j. a diminuir ℥iij., e entaõ ſe coará, e na coadura ſe pizaráõ ſementes de papoila branca, e de melaõ an.

an. ℥b, e ſe fará expreſſaõ na qual ſe diſſolva, Xarope de Golfãos ℥j. E o enfermo que tome eſta emulſaõ repartida em duas doſes, huma logo ao deitar, e outra de madrugada.

Reſpice das quatro ſementes frias maiores ℥b, pizem-ſe em coſimento de cevada, e de raiz de Altéa an. ℥vj. faça-ſe coadura na qual diſſolva Diacodio ʒvj, para ſe tomar na hora do ſomno.

Reſpice De Diacodio ʒv, aguas diſtilladas de papoila vermelha, e de Beldroegas ℥vj, agua de flor de laranja ℥bj, miſture para bebida, repartida em duas doſes, que ſe tomaráõ de noite, huma ao deitar, e outra de madrugada, ſe com a primeira naõ houver o enfermo ainda bem dormido.

Reſpice de Aſſafraõ ʒb infunda em vinho branco ʒv, ſummo de laranja n. j. miſture-ſe, e deixe-ſe digerir por huma noite, e o enfermo o beba de manhã.

Deſtas receitas, e remedios podem tambem uſar os Prelados das Religiões para curar os ſeus Religioſos da Noſtalgia; porque elles tambem ſaõ Medicos eſpirituaes, e naõ haõ de dar menos contas a Deos de ſeus ſubditos pela obrigaçaõ que tem de os conduzir, de

 con-

modo que ſe lhes tirem os impedimentos de aſpirarem á perfeiçaõ com fervor, e alegria.

No fim deſte Capitulo devo advertir, que além deſta Noſtalgia, ou ſaudade de que acabo de fallar, e que na Medicina ſe chama Noſtalgia ſimples, ha outra a que chamaõ Noſtalgia complicada, que he aquella que vem acompanhada de febre ſynodica, terçãs, e outras doenças que aggravaõ ordinariamente as enfermidades, fazendo-as parecer de máo caracter; mas neſte caſo he preciſo que os Prelados, e Enfermeiros, que ſabem da queixa do enfermo, aviſem ao Medico para que elle além dos remedios particulares preſcreva aquelles que ſaõ neceſſarios, e conduzem para o allivio tambem das ſaudades. Os Senhores Confeſſores podem obrigar aos Penitentes a que ſe declarem tambem com os Medicos, para que eſtes melhor acertem com os remedios. Mas baſta de ſaudades, paſſemos a outra enfermidade, que cauſa o amor.

CA-

CAPITULO VIII.

A Erotomania, ou loucura amorosa he grande enfermidade.

O Segundo gráo, a que sóbe a enfermidade do amor, he a Erotomania, ou aquelle amor com que em silencio se busca a presença do objecto amado, suspira-se em segredo, e quando os amantes se encontraõ, trataõ-se com hum respeito singular, mas que porque na Cidade, e no Campo nada fazem sem relaçaõ ao seu dito objecto amado, julgando humas vezes que o estaõ vendo nas pessoas, com quem fallaõ, e outras vezes escrevendo seus nomes, até sobre as cascas das arvores; já dirigindo-lhe a palavra como se estivessem presentes, já entregando-se a extravagancias fantasticas, imitando em fim ao valente D. Quixote nas loucuras, que lhe suggeria seu amor á sua amada Dulcinéa; por isso se chama a este amor Erotomania, enfermidade, ou loucura amorosa.

Ha duas especies nesta enfermidade dos amantes: a primeira, que se podia chamar Erotomania pacifica, só produz nos enfermos a tristeza, e o retiro; similhantes amantes gostaõ da solidaõ, fogem da sociedade, e continuamente saõ affectados de huma doce melancolia; correm ás vezes com abundancia de seus olhos lagrimas, suas vistas saõ ternas, e apaixonadas, suas posturas, seu fallar, seu andar saõ langui-

dos, em huma palavra todo o ſeu viver he hum doce delirio de que goſtaõ ſuas almas.

A ſegunda eſpecie de Erotomania he aquella que produz effeitos mais vivos, onde os enfermos perdem o appetite de comer, e dormir, ſuſtentaõ huma inquietaçaõ occulta, que os devora, ciumes que os conſomem, mil deſejos violentos que os agitaõ, e hum fogo occulto que os abraza, com que as funções de ſeu eſpirito ſe alteraõ bem depreſſa, e os amantes cahem entaõ em hum delirio frenetico, a que ſuccede o furor, e a raiva que os conduzem a precipicios funeſtos.

A Fabula, e a Hiſtoria de differentes póvos nos daõ mil exemplos da Erotomania. Sabe-ſe que Orfeo deſceo aos infernos a buſcar ſua amada Euridice. Salomaõ amou até idolatrar os idolos de ſuas amigas. Ariſtoteles fez queimar o incenſo aos pés de ſua mulher. Tem-ſe viſto a homens illuſtres, e a Heróes famoſos conſumir-ſe, e morrer de amor. Tulpio falla de hum amante a quem ſeu amor conduzio á Catalepſia, enfermidade que, tirando os ſentidos, deixa a flexibilidade com mobilidade. Mangeto faz mençaõ de hum Erotomaniaco que cahio em delirio frenetico. Taſſo, Poeta Italiano veio a ficar louco por ter hum coraçaõ mui terno. Lucrecio, Filoſofo, e Poeta deſeſperado de naõ poder goſar da que amava ſe deo á morte. Achaõ-ſe outras muitas obſervações tanto nos Medicos antigos, como nos modernos, nas quaes todos reconhecem com Plataõ, que

ſem

ſem ſer Medico obſervou tambem, e deixou dito que o amor naõ ſó combatia o eſpirito com impetos violentos, mas tambem exercitava no corpo huma tyrannia cruel conſumindo-o com vigilias, e cuidados, magreza, dores, Phthiſica, e outras mil enfermidades que conduzem á ſepultura. *Non ſolum in animum impetum facit amor, verum & in corpus ſæpenumero tyrannidem exercet, vigiliis, curis, macie, dolore, tabitudine, & mille affectibus lethalem noxam inferentibus corpus vexat.*

Sendo aſſim, devem pois os Senhores Confeſſores ſaber que eſta enfermidade ataca principalmente aquellas peſſoas que naõ tendo ainda muito uſo do mundo, ou que ſó o tem, poſſuem hum genio mui docil, e affavel em que qualquer objecto faz impreſsões que ſobrevem de novo. Aſſim as donzellas, e rapazes que haõ chegado á puberdade, as Freiras, e Religioſos, os Eccleſiaſticos, e todas as mais peſſoas que como elles naõ tem o uſo livre de ſuas acções podem ſer, e ſaõ muito ordinariamente atacados deſta enfermidade, ainda que eſtes meſmos buſquem com cuidado encubrilla, mas que para o Confeſſor nada deve ficar occulto, e elle meſmo o poderá logo conhecer, e deſcobrir, tanto pelos ſignaes acima apontados, como pelas accuſações que de ſi fazem os penitentes. Eu naõ digo que os Senhores Confeſſores intentem ſaber quem he o objecto amado, porque eſte conhecimento lhes eſtá pro-

prohibido por huma Lei nova de D. Joſé I. depois de outras que emanáraõ do Santiſſimo Papa Benedicto XIV. de feliz memoria, baſta-lhes a noticia geral da enfermidade, deduzida das accuſações das culpas dos Penitentes, para que lhes enſinem os remedios proprios que os podem curar deſta loucura amoroſa.

Os Confeſſores pois devem perſuadir as Peſſoas, que podem caſar, e naõ tem impedimento legitimo, que logo cuidem em ſe caſarem, empregando aquelles meios que permittem as Leis do Reino, v. g. ſe ſaõ filhos familias proſtrando-ſe aos pés de ſeus Pais, expondo-lhes ſua paixaõ para tal, e tal peſſoa até conſeguirem ſeu conſentimento; porque ſe os Pais forem Chriſtãos, e tiverem com prudencia piedade, logo veraõ que os empenhos de ſeus filhos ſe naõ ſaõ racionaveis, e de conveniencia podem por elles ſer diſſuadidos com mais efficacia, e ſubſtituidos em outros que com mais decoro os conduza á ſalvaçaõ da alma, e do corpo. Quero dizer que os Pais que forem Chriſtãos, e tiverem com prudencia piedade naõ impediráõ abſolutamente os matrimonios de ſeus filhos, porque ſabendo elles que S. Paulo chama Hereges a todos os que prohibiſſem caſar, por ſer mais perfeito o caſar do que o conſumir-ſe nas chammas da laſcivia, e amor profano, quando virem que os matrimonios que appetecem ſeus filhos naõ ſaõ iguaes, nem á condiçaõ ſuperior de ſuas peſſoas, nem á grandeza das ſuas riquezas, com tudo nem

por

por iſſo os obrigaráõ a tomar outros eſtados, e muito menos a fazerem-ſe Eccleſiaſticos, mas ſim cuidaráõ em lhes procurar outros matrimonios que lhes agradem a elles, e a ſeus filhos, para aſſim attenderem pelo bem de ſuas caſas, e juntamente pela ſalvaçaõ de ſuas almas, pois he certo que tanto os Pais como os filhos ſe aſſim naõ fizerem ſe exporaõ a cahir em huma teia de culpas, que nunca mais poderáõ desfazer. Os Pais ficaráõ diante de Deos réos de todos os peccados, que commettêraõ os filhos fóra do eſtado do matrimonio para que Deos os chamava, e os filhos no eſtado violento do Celibato, que naõ lhes convinha, viviraõ deſcontentes, ou deſeſperados ſem merecer huma graça que Deos naõ lhes ha de dar, porque naõ os chamou, e aſſim caminharáõ ambos a precipitar-ſe na perdiçaõ eterna. As peſſoas porém que naõ eſtaõ em eſtado de caſar como as Freiras, Religioſos, Eccleſiaſticos, &c. eſtes depois de praticar aquelles remedios moraes conducentes a ſe livrarem deſta enfermidade, como ſaõ aquelles que o meſmo Ovidio preſcreve no ſeu livro de Remedio do amor, iſto he: primeiro o conhecimento dos defeitos do objecto amado, que os meſmos Medicos, Confeſſores, e Prelados devem exaggerar até ridicularizallos: ſegundo a diſtracçaõ dos amantes por occupações agradaveis: terceiro o naſcimento de novas paixões taes como as das Sciencias, que fazem por outras idéas eſquecer as paſſadas: quarto a auſencia do objecto amado, depois

pois dizia eu de praticar eſtes remedios moraes, ſe naõ ſe conſeguir mudança alguma, entaõ ſe tomaráõ as precauções neceſſarias para acalmar a agitaçaõ dos humores, diminuir a ſenſibilidade dos nervos, que ſaõ as duas cauſas immediatas de toda a Erotomania.

1. Por remedios refrigerantes, e adoçantes, como as ſangrias, ſanguixugas, purgativos antiplogiſticos, banhos frios, leite miſturado com chá de Golfãos, e as emulsões das quatro ſementes frias.

2. Por remedios antipaſmodicos, como o ſal ſedativo, nitro, chá de macella, e em fim as bebidas aciduladas, tanto com acidos vegetaes, como as laranjas agras, limaõ, vinagre; quanto com os acidos mineraes, como o eſpirito de enxofre, e de vitriolo, os licores anodinos de Hoffman, e Boudon, igualmente que outros Julepes combinados com as gotas anodinas de Talbot, e de Inglaterra, o Laudano liquido de Syndinhaõ, o Diacodio, e outros medicamentos, de que darei as formulas quando depois de tratar ainda do Satyriazes, e Nymfomania acabar com eſtas enfermidades do amor que ſaõ peccados; porque entaõ examinarei a qualidade de alguns gavados antiafrodiſiacos, e direi a efficacia que cada hum tem, ou para moderar, ou para extinguir os movimentos da concupiſcencia carnal.

CA-

CAPITULO IX.

O Satyriazes, ou Salacidade, e nimia propensaõ aos prazeres de Venus, he nos homens a maior enfermidade lasciva.

O Satyriazes he o ultimo gráo da lascivia dos homens, que adoecendo pelos estimulos de Venus appetecem com nimiedade todos os seus prazeres, sentindo naõ só aquelles movimentos da virilidade, que mostraõ a existencia da vida do corpo, mas tambem aquelles furores que os confundem com o estro dos animaes naquelles mezes do anno, em que se applicaõ á producçaõ da sua especie. Esta enfermidade he propria da gente moça, que ha chegado á puberdade, naõ só com vigor, e saude, mas tambem com huma vida deliciosa passada na ociosidade, e boa mesa, sem outro cuidado que a da liçaõ dos Romances do amor, e seu exercicio. Com tudo esta mesma enfermidade ataca tambem ás vezes as pessoas de maior idade, principalmente aos celibatarios em geral, que naõ praticaõ huma austeridade muito rigorosa; porque todos estes accumulando muitos succos, e por consequencia maior abundancia de fluido prolifico, vem este a ficar em orgasmo, e turgencia, distendendo por sua quantidade as vesiculas seminaes, irritando as membranas destas partes com todos os nervos, que aqui como em centro de hum circulo se

terminaõ, e do qual partem as oſcillações para todo o tronco do corpo, e ſuas extrêmidades, e communicando aſſim ao eſpirito toda a agitação, e furor que ſe levanta nos genitaes.

Os ſignaes com que os Senhores Confeſſores podem conſeguir a diagnoſte deſte vicio, ſaõ os primeiros tomados das confiſsões dos meſmos enfermos, que ſendo perguntados, reſponderaõ que o fogo da concupiſcencia, e laſcivia os inflamma com ardores, e deſejos exceſſivos, de que ſe ſeguem pruritos immoderados, titillações contínuas, erecções vehementes com que a razaõ ſe turba, o pulſo fica ligeiro, a reſpiraçaõ curta, e convulſiva, todos os membros inquietos com agitações, e anxiedades, que tiraõ igualmente o ſomno, e a vontade de comer, deſſeccaõ as fibras das fauces, eſofago, e eſtomago cauſando ſede, e appetencia de licores refrigerantes que alliviaõ hum pouco, mas que paſſado tempo volta a enfermidade com enfado, que tira aos enfermos a vontade de tornarem a beber, os faz deſeſperar, e romper em todas as monſtruoſidades da luxuria, amontoando peccados a peccados com que ſe alliviaõ hum pouco, mas que depois pagaõ bem caro o momento de remiſſaõ, porque repetem os ſymptomas com mais violencia; chegaõ os ſegundos ſignaes, que ſe manifeſtaõ por pruritos enfadonhos originados de huma acrimonia univerſal que inficiona toda a machina, ſe faz ſenſivel nos olhos, e narizes, levanta huma contracçaõ ſpaſmodica

de todo o ſyſtema nervoſo, vaſculoſo, e membranoſo, que faz cahir os enfermos em hum delirio furioſo, que ſe augmenta com a difficuldade que ſobrevem no ourinar, e a retençaõ das fezes que naõ deſcem, mas ſe nichaõ em alguma circumvallaçaõ do Colon, e ahi occaſionaõ flatos, intumeſcencia do baço, obſtrucções das demais viſceras, até produzir vertigens, febres agudas, e todos os accidentes hypocondriacos, que mataõ em fim a ſimilhantes enfermos. Ora todos eſtes ſignaes indicaõ huma enfermidade aguda, huma inflammaçaõ geral, phlogoſe no ſangue, erectiſmo nos vaſos, encalhe dos fluidos, e irritaçaõ em toda a machina. Naõ ſe póde pois aſſignar geralmente por cauſa proxima deſta queixa, mais que a meſma inflammaçaõ; porque no mechaniſmo deſta, ſeja qual for o ſyſtema que a explique, entra o que caracteriza o eſtado de ſimilhantes queixas.

As cauſas remotas porém, e que ſe chamaõ tambem occaſionaes para que os Senhores Confeſſores as perguntem, e remedêem ſaõ as principaes, as amizades frequentes com converſações ternas, a vivenda na meſma caſa, a ſociedade nos meſmos exercicios, a ocioſidade, as comidas, eſpecializadas com pimenta, canella, gengivre, a bebida do vinho, e mais licores inebriantes, a liçaõ de livros amatorios, a viſta de paineis laſcivos, e outras curioſidades perigoſas, de que os meſmos Moraliſtas fazem mençaõ, como as operas, comedias, &c.

Sendo pois a enfermidade principal hum eſtado inflammatorio, e ſuas cauſas todas aquellas que induzem á inflammaçaõ, ſegue-ſe que os remedios, de que devem uſar os Senhores Confeſſores para curar a taes enfermidades, ſaõ todos aquelles de que ſe ſervem os Medicos nas febres inflammatorias, ora elles ſe reduzem a ſangrias, banhos, purgantes, antiſepticos, julepes, ou bebidas aciduladas, combinadas de modo que fiquem mais ou menos refrigerantes, medindo-ſe tudo pela qualidade dos temperamentos, e idades dos ſugeitos, como tambem pela condiçaõ, e eſtado das peſſoas, pois he certo que onde houver maior incendio, haverá neceſſidade de maior abundancia de agua para que ſe apague, e evite o damno: quero dizer que hum homem velho, ou de fibra laxa póde ſatisfazer-ſe com qualquer bebida refrigerante preparada com o nitro depurado, ou cryſtal mineral, e os acidos tirados dos vegetaes com algumas gotas do licor anodino de Hoffman, depois de poucas ſangrias, e alguns purgantes com os Tamarindos, e o Ruibarbo; mas os rapazes fogoſos, e já entaõ celibatarios de profiſſaõ, deſtes ſaõ neceſſarias ſangrias por dezenas, os meſmos purgantes com Tamarindos, e o Ruibarbo, e Julepes com agoas de Beldroegas, cozimentos de alfaces, e azedas, flores de malvas com ſuas gotas de eſpirito de Vitriolo ſimples, que ſejaõ até ſeis, e continuadas por quinze, vinte, até quarenta dias; porque ſó aſſim ſe conſeguirá o effeito de os aquie-

aquietar, ou curar de ſuas laſcivias. Eſcolhaõ os Senhores Confeſſores aquellas formulas aonde entrar o vitriolo, que ſempre ſaõ as mais refrigerantes, e deſtas uſem com os celibatarios que mais neceſſitarem; mas ainda he preciſo fallar no furor uterino das mulheres, para entaõ dar o catalogo das receitas.

CAPITULO X.

Da Nymfomania, ou furor uterino das mulheres.

A Nymfomania, ou furor uterino tem tambem o nome de Metromania entre os Authores da Medicina, ſegundo o ſyſtema que cada hum ha seguido ſobre o principal aſſento deſta fêa enfermidade das mulheres. Eſta doença he hum delirio melancolico, furioſo, e laſcivo, de que as donzellas, as mulheres ſolteiras, as viuvas, e ainda meſmo as caſadas ſaõ inficionadas em conſequencia de huma paixaõ amoroſa, exceſſiva, e carnal. Eſte vicio nunca accommette de repente, mas vai ſempre ſobindo a paſſos lentos até ao ultimo gráo de exceſſo. Succede quando v. g. huma donzella chegada á puberdade ſe inclina a acceitar os reſpeitos de hum amante, de quem naõ ſe lhe concede lograr; ou tambem quando já entrada na paleſtra do amor, he depois retirada, como ſe faz com aquellas que ſe mandaõ metter Freiras; ou meſmo que viuvaõ depois

pois das experiencias repetidas de hum marido moço, e valente que lhe morreo. Taes saõ aquellas viuvas moças que tantas vezes S. Paulo reprehende em suas epistolas: tal huma casada, da qual diz Zonáras Historiador Grego, que sendo celebrada por sua formosura morrêra phthysica, e consumida por hum furor uterino, nascido da cobardia de seu esposo: taes em fim saõ outras muitas, de que a Historia faz mençaõ em todos os Paizes do mundo.

Os signaes desta enfermidade saõ bem notorios: porque as mulheres que della saõ tocadas perdem ao principio a vontade de comer, e dormir, nada gostaõ de suas occupações ordinarias: fiar, cozer, bordar, &c. he para ellas entaõ hum tormento insoffrivel; buscaõ o desaffogo da janella para verem, e serem vistas dos passageiros: mas nesta estaçaõ a melancolia se pinta com sombras sobre a sua face, e depois degenera de pressa em hum furor amoroso de que ellas naõ se podem reter, e as faz entregar-se a toda a sorte de indecencias, tanto em suas acções, como em suas palavras: chegaõ em fim a provocar os mesmos homens até força-los a extinguir os ardores que as devoraõ.

Mas repare-se que esta enfermidade ainda em seu principio tem mais outros signaes, com que póde ser conhecida: porque além da tristeza que ella derrama no rosto da mulher, a faz de tempo em tempo lançar suspiros, e vistas lascivas, principalmente quando se lhes presentaõ homens; e se neste tempo se lhes falla

de

de amor, ſeu roſto ſe inflamma, e ſeu pulſo ſe lhe agita. Quando porém a enfermidade ha chegado ao ſeu ultimo gráo, naõ he preciſo aqui declarar-ſe ſeus ſignaes, porque todo o mundo os conhece, e o deſcaramento he entaõ abominado das peſſoas que tem alguma piedade, e pudor, e tambem igualmente pezado ao zelo dos Senhores Confeſſores, que por experiencia quando no tribunal da Penitencia o chegaõ a deſcobrir, deſeſperaõ da ſalvaçaõ, ou emenda de taes almas, nem ſabem com que remedios moraes as poſſaõ curar, porque todos ſe fruſtraõ, nenhum conſegue o effeito que elles deſejaõ.

A cauſa immediata deſta enfermidade he primeiramente a força da imaginaçaõ que ſimpathiza com os nervos que entraõ na compoſiçaõ dos genitaes das mulheres, e depois o he tambem a irritaçaõ deſtas meſmas partes produzida pela acçaõ eſtimulante de alguns humores acres que mais ſe exaſperaõ, ou pelas lições liſongeiras, converſações apaixonadas, viſtas de imagens obſcenas, caricias de objectos amados, &c. Ao que ſe ſe ajunta a ocioſidade, e o uſo das comidas eſpecificas, chamadas afrodiſiacas, entaõ ſe ajunta com a cauſa proxima tambem a remota, e ſe acha tudo quanto póde naõ ſó levantar incendio, mas reduzir a cinzas.

Do que fica dito ſe conhece que eſta enfermidade deve ſer tratada como huma inflammaçaõ: e na verdade os Anatomiſtas em todas

aquel-

aquellas mulheres, que tem morrido neſte eſtado, acháraõ inflammadas naõ ſó aquellas partes que no corpo eſtaõ ſituadas no exterior, mas tambem no interno, que entraõ em ſua compoſiçaõ, ou tem alguma dependencia.

Aſſim neſte eſtado devem os Senhores Confeſſores perſuadir a taes penitentes, que eſte vicio he huma enfermidade mui rebelde, e perigoſa, que por ſi mata, depois de attrahir mil infamias, e enfermidades que fazem horror á humanidade: e por iſſo, ou os Senhores Confeſſores lhes aconſelhem que buſquem os Medicos para lhes applicar remedios fyſicos, ou elles meſmos perſuadaõ que ſe façaõ ſangrar no braço, e no pé, ou tomem repetidas ſanguiſugas, e depois purgantes antiſepticos, e antiphlogiſticos, ſeguidos de comidas, e bebidas refrigerantes como a alface, a chicorea, as beldroegas, os golfãos, e ſeus coſimentos, igualmente que as emulsões, os Julepes, as limonadas, os clyſteres de Oxicrato, os banhos refrigerantes, as fomentações anodinas taes como as que depois ſe formalizaõ nas receitas abaixo deſcriptas.

Com as bebidas refrigerantes ſe podem ajuntar o ſal ſedativo até grãos 10. Algumas gotas do eſpirito de Vitriolo até 5. O licor anodino de Hoffman até 30; e o antipaſmodico de Boudon até 20. Mas eſtes licores, ou outros ſimilhantes, aonde entra o Vitriolo naõ devem ſer continuados por muitos dias entre aquellas mulheres, que ou ſaõ caſadas, ou eſperaõ ca-

ſar-

zar-ſe ; porque o abuſo dos Vitriolos quando paſſaſſe dos trinta, e quarenta dias, as poderia refrigerar tanto, que as induziſſe á eſterilidade, e occaſionaſſe outras enfermidades naõ menos prejudiciaes á humanidade: o que os Confeſſores devem evitar, como os Medicos evitaõ os remedios, de que he perigoſo o uſo exceſſivo.

Sendo porém Freira a enferma, ou que por eſtar ligada com votos ſolemnes devem viver no celibato, eſtas poderáõ continuar no uſo das gotas do Vitriolo até quarenta dias na dóſe ſómente de quatro gotas cada dia junto com algum coſimento freſco, ou Julepes antiphlogiſticos; porque a frialdade, em que poderáõ incorrer, naõ lhes he prohibida pelos Canones da Igreja, antes parece lhes he preſcripta para viverem com mais paz de eſpirito, e cumprirem com mais perfeiçaõ ſeus votos, e exercicios clauſtraes, além de outras razões que o perſuadem como mais abaixo ſe exporaõ.

Agora devo fallar dos males, que cauſaõ os prazeres, ou exceſſivos, ou intempeſtivos: mas para iſſo ſeja o ſeguinte

CAPITULO XI.

Os prazeres do amor tomados com exceſſo, ou intempeſtivamente, ſaõ cauſa de muitas enfermidades dos caſados.

NAõ ſó os Celibatarios ſaõ ſujeitos ás enfermidades que produz o amor; os meſmos caſados, que tem a permiſſaõ de buſcar no uſo do matrimonio o remedio da concupiſcencia, ſaõ ſujeitos a mil enfermidades quando delle abuſaõ.

Tem o remedio da concupiſcencia a meſma lei que tem os demais remedios da Medicina, todos ſe preſcrevem com pezo, e medida, e ſe devem uſar ſómente em certos tempos para ſerem uteis, e naõ cauſarem damno; quando ſe invertem eſtes tempos, e ſe abuſaõ dos remedios, entaõ por mais ſaudaveis que ſejaõ, naõ ſe vê ſeguir delles mais que inteira ruina, e a meſma morte.

Que ſimples mais proveitoſo na Medicina que o mel? E com tudo ſe os homens levados da ſua doçura o comem com exceſſo, chegaõ a enfermar como os dez mil Gregos conduzidos por Xenophonte na retirada da Perſia, e podem mais fyſicamente dizer todos com Jonathas que o meſmo mel lhes ha dado a morte; pois aſſim ſuccede no abuſo do matrimonio.

O uſo moderado do matrimonio he ſem dú-

dúvida ſaudavel naõ ſó para a alma, mas tambem para o corpo : já Celſo o deixou eſcrito no ſeu Livro de conſervar a ſaude, e os demais Medicos obſerváraõ que aquelles celibatarios de hum temperamento ſanguineo, e fogoſo, ſó entaõ deixavaõ de ſer enfermos, quando ſe ligavaõ por eſte Sacramento que propaga a multidaõ dos homens. Os meſmos Santos Padres, que depois de S. Paulo defendêraõ a Igreja contra os erros dos Hereges, que naõ ſó pertendêraõ prohibir as nupcias, mas tambem ſe empenháraõ a improperar eſte Santo Sacramento: com tudo eſtes meſmos Santos Padres, defenſores do matrimonio, naõ deixáraõ de reconhecer, que podia haver nelle muitos abuſos, que introduzindo na alma grandes peccados inficionavaõ tambem o corpo de grandes doenças. Todos elles accuſáraõ o nimio, e intempeſtivo exercicio conjugal, e aſſeveráraõ que deſtas duas origens procediaõ primeiramente huma grande perda de forças, ou diſpendio notavel da vida dos homens; e em ſegundo lugar hum grande eſtrago das meſmas funções da alma.

Para prova da primeira propoſiçaõ naõ he preciſo aqui amontoar authoridades, porque he unanime o conſentimento dos Eſcriptores depois da ſentença de Hyppocrates no Liv. *de Genitura*, §. I. onde diz: que do uſo de Venus ſe origina a fraqueza : *Quia a Veneris uſu imbecilles reddimur.* Baſtaõ aquelles argumentos que miniſtraõ a razaõ, e a experiencia.

A fabrica dos genitaes do homem he muito delicada: o fluido que nelles ſe prepara he mui ſubtil, e naõ ſómente deſtinado para a geraçaõ, mas tambem para a robuſtez do corpo, e ſua vida. Eſte fluido precioſo he inteiramente analogo ao do Cerebro; a que os antigos chamáraõ eſpiritos animaes. Elles ambos ſe communicaõ, e ſe miſturaõ: e quando hum falta, perde o outro muito de ſua energia. Ora ambos eſtes fluidos ſaõ os motores da circulaçaõ: logo, quando no abuſo do matrimonio ambos ſe diſperdiçaõ, virá ſem dúvida a enfraquecer-ſe a circulaçaõ, e por conſequencia a encurtar-ſe tambem a vida.

A obſervaçaõ tambem nos faz ver, que o diſperdicio deſte fluido he capaz de fazer perder a vida, quando na Hiſtoria nos moſtra a muitos homens, que naõ ſó enfermáraõ, mas chegáraõ a morrer no primeiro dia de ſuas nupcias. E na verdade, naõ foraõ ſó Cornelio Gallo, e Tito Ethereo, que em Roma expiráraõ aſſaſſinados pelas delicias do amor: em todo o mundo ſe tem viſto outros, que poucos dias ſe gozáraõ de ſuas delicias, e que foraõ lamentados pelos meſmos que lhes tinhaõ cantado o Epithalamio. E ſe a todos, que tem abuſado do matrimonio, naõ tem ſobrevindo a morte, nenhum ha que naõ haja ſentido, e ſe naõ tenha queixado de nauſeas, cruezas do eſtomago, flatos hypocondriacos, dores de gota, diarrheas, febres, epilepſias, contracções de muſculos, ophthalmias, palpitações do cora-

çaõ,

ção, e outros males ſempre funeſtos á prolongação da vida.

Mas ſe o corpo padece nos exceſſos venereos, que não ſoffrerá a alma unida a eſte corpo, e dependendo delle em ſuas funções? Por certo que ninguem ha que não poſſa dizer que então ſe extraga a memoria, ſe hebeta o juizo, ſe encurta o diſcurſo, e meſmo ſe amortecem aquellas chammas do Amor que a fantaſia accende, e ſão neceſſarias para trabalhar na geração dos homens, em quanto permanece a fecundidade de ambos os conſortes. Quantos não ſe levantárão loucos do ſeu thalamo nupcial? O número deſtes infelices he maior do que ſe imagina, e não nos devemos admirar; porque ſabendo-ſe que em todos os jogos do amor ſe contrahe huma grande fraqueza do cerebro, não ſó pelos meſmos esforços da alma na violencia da paixão com que o agita; mas tambem pela exhaurição dos eſpiritos, laxidão que reſulta das concuſsões repetidas que recebem os nervos todos em ſua origem: com o que ficão depois incapazes de vibrarem com aquella velocidade, e harmonia neceſſaria para a promptidão da memoria, e ſua firmeza, igualmente que para a força do juizo, e aturar o trabalho da combinação das idéas, e de humas correr para outras, a fim de formar longos diſcurſos.

Parece-me agora não ſer preciſo individuar a qualidade nem do exceſſo dos prazeres venereos, nem tambem em que occaſiões ſão elles in-

intempeſtivos : porque ainda que he verdade terem outras razões , por que ſejaõ nocivos ; com tudo ellas naõ ficaõ excluidas das provas geraes que tenho poſto , nem os Moraliſtas ſe tem deſcuidado em declarar qual ſeja , ou o abuſo exceſſivo, ou intempeſtivo. E aſſim baſta para que os Senhores Confeſſores façaõ juizo de ſer enfermidade todo o prazer exceſſivo , e intempeſtivo, e poſſaõ como a tal cura-la , ou reduzi-la á moderaçaõ conveniente. Tambem naõ he preciſo dizer que nas claſſes das peſſoas exceſſivas, nos prazeres do amor , ſe incluem aquellas mulheres, e homens, que ſendo celibatarios por vontade, praticaõ por officio huma polygamia vaga. Todos eſtes naõ podem deixar de ter em ſeus corpos alguma enfermidade das muitas que acompanhaõ a laſcivia. Mas ſe por fortuna as naõ tiveſſem , ſempre ſeria para preſumir que tem, ou tiveraõ a do ſatyriaſes , e furor uterino , junto com a da exhauriçaõ, e fraqueza; e por conſequencia devem ſer julgados por neceſſitados daquelles remedios convenientes ao ſeu eſtado.

Aſſim pois a todos eſtes devem os Senhores Confeſſores curar com aquelles remedios, que podem fazer número no rol das penitencias, com que os haõ de punir , e emendar. Eſtes remedios devem ſer os analepticos , ou corroborantes que reparem as forças perdidas, como tambem os refrigerantes, anodinos, demulcentes, e antiſpaſmodicos que aplaquem, e componhaõ as commoções dos fluidos com a

tur-

turbulencia desenfreada dos solidos. Ora os melhores corroborantes saõ os alimentos de bom succo, e faceis a digerir-se, os caldos substanciaes, ovos frescos, e jaleas; mas como as penitencias, que impõem os Senhores Confessores, naõ devem lisonjear os sentidos, mas sim mortifica-los, igualmente que a carne criminosa por isso sem elles tomarem cuidado do alimento podem prescrever outros remedios corroborantes tomados da classe dos amargosos que naõ deixaráõ de corroborar, nem tambem de mortificar os appetites da carne, como saõ a Quina, a Cascarrilha, a Centaura menor, a Losna, a Veronica, o Marroyo, a herva Santa Maria, e outros vegetaes que se podem prescrever em fórma sólida, e líquida, reduzindo-se a penitencia a que as mastiguem, e engulaõ o succo huma ou duas vezes no dia: o que junto com algum exercicio penoso, como raxar lenha, cavar com huma enxada, viajar a pé, dormir em taboa dura, banhar-se em agua fria, ler livros Santos, orar de joelhos, &c. será sem dúvida mais conveniente do que disciplinas, e Rosarios, com que os Senhores Confessores costumaõ castigar os peccados da lascivia; e que nada na verdade castigaõ, nem tem até agora emendado a penitente algum, que só destas penitencias haja usado.

Fallando ainda dos remedios refrigerantes, que temperaõ os ardores da concupiscencia adoçando a acrimonia dos fluidos, e pacificando as vibrações dos sólidos; estes podem ser fei-

feitos com as quatro ſementes frias combinadas com a da papoila, as aguas anodinas como a da Primulaveris, a do Lirio dos Valles, a das Roſas, a dos Golfãos, a do Salgueiro, Alface, Beldroegas, e outras que em folhas, flores, e raizes podem ſer cozidas, infundidas, e diſtilladas para ſervir em Julepes, emulsões, chas, e apozemas refrigerantes. Tomem os Senhores Confeſſores aquellas que quizerem nas formulas que vaõ no Capitulo ſeguinte, que ſeraõ todas convenientes, ou preſcriptas como penitencias, ou indicadas por conſelho, depois dos remedios eſpirituaes que ſabem tambem preſcrever, e aconſelhar.

CA-

CAPITULO XII.

Dos Remedios formulados convenientes no Satyriazes, e furor uterino, como tambem nas exhaurições por abuso do Matrimonio.

Electuario da Castidade.

Respice de sementes de ortigas huma oitava.
Camphora duas oitavas.
Alcaçus em pó quatro escropolos.

Misture-se tudo muito bem, e depois se ajunte

Conserva de flores de Golfãos tres onças.
Xarope do mesmo quanto baste para o electuario.

Mande-se tomar oitava e meia deste electuario todos os dias de manhã, e de tarde, bebendo-se logo em cima hum cópo de soro de leite, em que se extinguirá hum ferro em braza, e depois lançando-lhe sinco gotas do licor antipasmodico de Boudon, o que se repetirá até se acabar toda a massa do dito Electuario.

Emulsaõ da Castidade.

Respice das quatro sementes frias maiores oitava e meia.
Semente de papoila branca duas oitavas.
Agua de cevada libra e meia.
Faça-se emulsaõ, e feita ajunte
Agua de alface, e de Golfãos duas onças.
Agua de rosas huma onça.
Licor anodino de Hoffman vinte gotas.
Xarope de violas duas onças.

Misture-se, e mande-se tomar de hora em hora entre dia duas onças de cada vez, e se repetirá por oito dias.

Julepes da Castidade.

Respice Aguas de alface, de beldroegas, e papoila vermelha tres onças.
Xarope de violas duas onças.
Espirito de vitriolo quatro gotas.

Misture-se, e se mande tomar de manhã, ou junto, ou sómente ametade pelas oito horas, e outra metade pelas dez horas da mesma manhã; e assim se repita até tres dias, se forem solteiros que hajaõ de casar; e se forem Ecclesiasticos, velhos, Frades, e Freiras até vinte dias; mas se forem os mesmos ainda moços até quarenta dias. *Ou-*

Outro excellente.

Reſpice Flores de roſa vermelha huma onça.
Agua tepida tres libras.
Eſpirito de vitriolo, e de enxofre huma oitava.

Infunda-ſe por quatro horas de madrugada, e depois coe-ſe para huma garrafa, e va o enfermo tomando tres onças de duas em duas horas de manhã, e repetindo ſegundo as circunſtancias acima declaradas.

Outro efficaz.

Reſpice ſumo, expremido de freſco, e logo depurados, de camoezas quatro onças.
De limaõ tres onças.
De romãs huma onça.
Agua roſada duas onças.
Aſſucar branco meia libra.

Miſture-ſe tudo em huma garrafa, e dahi ſe irá tirando duas onças por cada vez, e pondo em hum cópo de agua de huma libra; ſe ajuntará de licor anodino de Hoffman trinta gotas, e ſe uſará de manhã duas vezes, huma pelas oito horas, e outra pelas dez; e ſe repetirá conforme as circunſtancias.

Outro conveniente.

Refpice Aguas de Golfãos, e alface tres onças.
Xarope de Golfãos huma onça.
Efpirito de vitriolo quatro gotas.

Mifture-fe, e tome-fe duas vezes no dia, huma de manhã, e outra ao recolher, e dormir.

Ptifana da Caftidade.

Refpice Avea boa, e limpa duas onças.
Raiz frefca de Golfãos rafpada huma onça.
Agua commua tres libras.

Faça ferver até diminuir a terça parte, e entaõ coe-fe, e ajunte cryftal mineral huma oitava, e tenha-fe em huma garrafa, da qual irá o enfermo bebendo entre dia.

Outra melhor.

Refpice Raizes de Malvaifco, de Golfãos, e de rófas huma onça.
Semente de linho embrulhadas em hum panno duas oitavas.
Alcaçus desfiado duas oitavas.

Infunda-fe tudo em agua commua a ferver tres libras, e paffadas duas horas de infufaõ fe faça a coadura, e fe va bebendo tepida entre dia e noite; e de manhã fe fe quizer lan-

çar-

car-lhe ſinco gotas do licor antipaſmodico de Boudon, ficará a Ptiſana mais eficaz.

Apoſema para os caſados, e enfraquecidos.

Reſpice Folhas de Agrimonia, Virga aurea, Valeriana hortenſe, Marroios; de cada huma, huma maõ cheia.
Flores de centaurea menor, de Agrimonia, de Hypericaõ, de cada huma huma oitava.
Agua commua quatro libras.

Coſa-ſe tudo, e vá o enfermo bebendo entre dia de cada vez dez onças.

Pilulas para os caſados, e enfraquecidos.

Reſpice Quina, e Caſcarrilha meia onça.
Flores de macella em pó huma oitava.
Cryſtal mineral dois eſcropolos.
Xarope de Quina quanto baſte.

Façaõ-ſe pilulas de ſinco grãos cada huma, e o enfermo tomará por cada vez de manhã, e de tarde ſeis pilulas, e depois lhe beberá a agua fria que quizer.

Eis-aqui as formulas que baſtaõ para todo o genero de peſſoas. Naõ tem os Senhores Confeſſores mais que fazer do que mandallas executar mais ou menos vezes ſegundo a rebeldia da laſcivia de ſeus Penitentes, e a circunſtancia de ſuas peſſoas, eſcolhendo para os mais

ro-

robuſtos, e obſtinados em ſeu peccado aquellas formulas em que entra o eſpirito de vitriolo, e para os mais fracos aquellas em que entra o Cryſtal mineral, ou os licores anodinos de Hoffinan, e Boudon: os ingredientes que entraõ em cada formula ſaõ os mais convenientes antiafrodiſiacos, mas os que ſe tiraõ do vitriolo ſaõ os unicos efficazes, porém para darmos maior extenſaõ a eſte propoſito ſeja o ſeguinte

CAPITULO XIII.

Os Remedios tirados do Vitriolo, e combinados com outros licores refrigerantes ſaõ os mais efficazes antiafrodiſiacos.

CHamaõ-ſe antiafrodiſiacos aquelles remedios, que ou moderaõ os ardores venereos, ou meſmo os extingue. Os antigos os tiravaõ de todos os tres Reinos, e puzeraõ cada hum em ſua claſſe; mas a efficacia de todos elles naõ he hoje reconhecida dos Medicos modernos, que guiando-ſe pela razaõ fizeraõ dellas varias experiencias. Eu fallarei nos principaes em outro Capitulo, porque agora ſó me toca fallar dos que ſaõ tirados do Vitriolo. Eſtes antiafrodiſiacos ſaõ o eſpirito de Vitriolo, o licor anodino de Hoffman, o antipaſmodico de Boudon, e o ſal ſedativo de Homberg.

Todos eſtes remedios tomaõ ſua qualidade re-

refrigerante, e anodina do acido vitriolico com que ſaõ combinados, ora por eſta qualidade ſó, elles naõ podem ſer nocivos, porque ſabendo-ſe que o calor he que deſtroe os corpos, e o frio o que os preſerva, vem a ſer mais uteis aquelles remedios que tiraõ dos corpos aquella agitaçaõ dos fluidos, que levanta o callor, que os deſtroe. As febres daõ hum teſtemunho evidente do que produz o calor exceſſivo no corpo humano, porque ſabe-ſe que naõ ha febre, que naõ alcalize toda a maſſa dos humores; mas tambem ſe ſabe que os acidos daõ hum allivio grande aos enfermos febricitantes, e meſmo as curaõ com ſegurança, pois os Medicos modernos tem reconhecido em ſua pratica o erro de Aſclepiades, e Methodiſtas, que naõ queriaõ dar aos enfermos febricitantes agua alguma nos tres primeiros dias da febre, e abominando eſta pratica naõ ſó daõ agua, porém a miſturaõ ſempre com acidos aſſucarados para os fazer miſciveis com noſſos humores, e os preſcrevem em mais, ou menos abundancia, mais ou menos vezes repetidas; porém de qualquer modo ſempre com allivio dos enfermos, e conſolaçaõ de todos. Ora o Satyriazes, e furor uterino ſaõ enfermidades de irritaçaõ, de phlogoſe, de febre, logo nellas devem os acidos ſer taõ convenientes como nas febres; mas ſendo certo que nas febres he ſeguro o effeito das preparações mencionadas do vitriolo, logo tambem o he nas ſobreditas enfermidades.

He

He verdade que os acidos extremamente fortes applicados sobre a carne dos animaes vivos, ou instillados nos seus fluidos os coagulaõ, e por consequencia occasionaõ a gangrena das partes que tocaõ; mas bem se vê que naõ saõ deste modo exhibidos os acidos do vitriolo que se prescrevem no formulario antecedente: elles saõ dados em pequenas gotas, e estas espalhadas em muitas aguas, que as adoça, e suavisa primeiramente, e depois as introduz tambem na circulaçaõ, onde communicaõ sómente aos fluidos aquella leitura, que he necessaria para os constituir em hum estado de movimento natural, e os fazer descahir do excesso com que estavaõ agitados, e tendiaõ a destruir a máchina. Estes acidos assim espalhados em licores aquosos, e doces, como saõ os que se tem proposto vem a ficar da mesma natureza, que os acidos vegetaes naturaes, que segundo as experiencias do Conde de Marsilli parece deverem inteiramente sua origem aos succos que as plantas tiraõ da terra que as nutre, o que nos deve fazer olha-los como pertencentes originariamente aos mineraes, principalmente sabendo-se que aquellas plantas que naõ tocaõ na terra saõ só compostas de partes alcalinas, e na distillaçaõ naõ daõ mais que hum alcali volatil oleoso. Ora os acidos vegetaes naõ coagulaõ, nem causaõ a gangrena como experimentou Boerrhave, e os mesmos cosinheiros sabem quando misturaõ o vinagre com o sangue para os guizados: logo naõ coagu-

laõ

laõ tambem os vitriolos combinados como fica dito.

Mas a razaõ que mais perſuade da ſegurança do uſo deſtes remedios tomados do modo formulado, he a que ſe tira de ſuas analogias, combinações, ou attracções com os humores do corpo; porque ſabendo-ſe que os acidos ſe apegaõ aos fluidos alcalinos, e formaõ depois deſte apego hum fluido neutro, vem a deixar ver que combinando-ſe deſte modo os acidos tirados do vitriolo com aquelles fluidos que encontra no corpo dos enfermos de Satyriazes, e furor uterino, chegaõ a produzir com elles hum fluido neutro incapaz por ſua ſuavidade de irritar as fibras nervoſas, e por conſequencia propria para as fazer entrar em ſuas oſcillações ordenadas, ou movimento lento, neceſſario ſómente para conſervar a vida das partes, e do todo, e conſtituir ſimilhantes enfermos em eſtado de quietaçaõ de eſpirito, ou de moderaçaõ das paixões, que he o que ſe deſeja em todos os ſyſtemas Moraes, e Filoſoficos, meſmo naquelles que querem que as paixões ſe extingaõ, e naõ ſe mortifiquem ſómente. Eu diſſe que os acidos mineraes applicados aſſim ſimplices ſobre a carne produziaõ a gangrena, mas que quando ſe eſpalhavaõ em muita agua naõ tinhaõ eſte effeito, e produziaõ entaõ hum refrigerio ſaudavel; porém agora quereráõ os Senhores Confeſſores ſaber até onde poderá chegar eſte refrigerio ſem que produza damno algum, mas como a reſpoſta deve

 ſer

ſer extenſa para ſe ſatisfazer ao que ſe poderia deſejar ſobre eſte ponto, paſſemos a expolla no ſeguinte

CAPITULO XIV.

Os Remedios acidos tirados do vitriolo quando delles ſe abuſa por mais de quarenta dias, ou naõ ſe praticaõ outros ao meſmo tempo, produzem a caſtraçaõ, e mais enfermidades geraes que ſe derivaõ dos acidos.

A Maxima de Horacio de que *Vacuis committere Venis nil niſi lene decet*, he applicavel á Medicina igualmente que á Coſinha. O homem naõ come, nem bebe coiſa alguma que naõ entre nas vias da circulaçaõ: todas as comidas, e bebidas ſaõ transformadas pela acçaõ dos orgãos digeſtivos em hum Chilo, que miſturado com noſſos humores lhes communica as qualidades de que he dotado. Eſte Chilo pois quando he neutro, e balſamico paſſando aſſim preparado para o ſangue fórma com elle huma maſſa homogenea propria para nutrir, e ſupprir todas as neceſſidades da economia animal; porém quando os orgãos digeſtivos eſtaõ fracos, tanto por inercia dos fluidos, como por atonia dos ſólidos, entaõ o Chilo naõ ſe neutraliza, mas ſe converte, ou em acido, ou em alcalino, e vem a ſer principio de duas acrimonias, que por ſi ſó fazem grande eſtrago,

mas

mas que ſe curaõ muito bem huma por outra, iſto he o acido pelo alcalino, e o alcalino pelo acido.

Sendo aſſim fica claro que quando o uſo contínuo das preparações do Vitriolo encontrar eſtomagos fracos incapazes de as mudar, e que concedendo-lhes franca paſſagem para a circulaçaõ, reſultará de ſua miſtura com os humores tambem ſuppoſtos enfraquecidos, huma inercia geral em toda a machina, que ſe fará conhecida pelas dores no eſtomago, a paixaõ illiaca, flatos, ſpaſmos, obſtrucções, gotas, eſcrofulas, cancros do peito, tuberculos, vomitos, e principalmente a caſtraçaõ por frialdade como o dizem Ethmulcro, de la Metrie, e outros que atteſtaõ eſte effeito pelo abuſo do eſpirito de Vitriolo. A razaõ he clara, porque coagulando eſte eſpirito todos os humores do corpo, que circulaõ em vaſos largos com preſteza, muito mais ha de coagular aquelles que lentamente circulaõ pelos vaſos eſpermaticos, que ſaõ de ſi meſmos viſcoſos, e deſtinados a coagular-ſe em maſſas ſólidas. Além de que enſina a Anatomia que os canaes, e ſecretorios, aonde ſe elaboraõ os fluidos da geraçaõ, ſaõ mui finos, e eſtreitos cheios de circunvoluções, e por conſequencia com facilidade para nelles, ou encalhar os ſeus fluidos proprios, ou naõ entrar, e ſe filtrar eſtes meſmos fluidos quando ſe ſeparaõ do ſangue já condenſado, ou que meſmo naõ ſe ſeparaõ para eſta funçaõ, e concedido tudo iſto, naõ ſe ſegue depois a frial-

L ii da-

dade nos genitaes? Segue-se naõ ha dúvida a frialdade com todos os seus effeitos, que saõ a collabencia destes vasos, seu fechamento, e logo a seccura, e diminuiçaõ dos mesmos genitaes, e quasi sua obliteraçaõ; porque se tem observado que homens que antes haviaõ entrado na palestra do amor com grandes lanças, depois do abuso de bebidas aciduladas com o espirito de Vitriolo, foraõ achados com similhanças sómente das armas dos meninos de hum anno. Eu conheço hum Religioso que havendo tomado quarenta dias consecutivos de manhã quatro gotas sómente do espirito de Vitriolo, ora em agua pura, ora em Ptisana de frango, chegou a resfriar-se até reduzir a grandeza ordinaria dos globulos da virilidade a huma fava pequena. O grande Haller na sua Fysiologia falla de outro Religioso que foi anatomizado depois de morto, e se lhe acháraõ os genitaes naõ sómente diminutos, mas seccos: o que comprova ser tudo verdade quanto Langio sobre Fabro traz nesta materia a respeito do Vitriolo. O que agora póde espantar he que havendo eu dito que o abuso das bebidas aciduladas com o espirito de Vitriolo produzem naõ só a frialdade, mas tambem outras doenças, naõ faço mençaõ das doenças que observei no meu Religioso, igualmente que de outras pessoas que foraõ tratadas por Medicos neste ponto. Ao que respondo que he verdade que as pessoas, que se refrigeraõ pelas bebidas aciduladas com o espirito de Vitriolo, naõ contrahiráõ dahi

doen-

doença alguma grave; porém todas ficaráõ sómente mais fracas, e propensas a catarros, o que basta para comprovar a proposiçaõ deste Capitulo: pois esta mesma fraqueza, e propensaõ a catarros se reputa na Medicina por enfermidade, mas como estas enfermidades sobrevem do abuso dos Vitriolos por naõ se tomarem com as cautelas necessarias, por isso he preciso expormos agora estas cautelas, ou remedios com que se evitaõ as queixas aqui mencionadas pelo abuso dos Vitriolos.

CAPITULO XV.

No uso dos Vitriolados se devem interpolar os absorventes, e alcalinos.

O Methodo naõ só preservativo, mas tambem curativo de todas as enfermidades, que se originaõ de quaesquer acidos, saõ os absorventes, ou alcalinos. Todos os alcalis se unem bem com os acidos, os desapegaõ de outra parte a que se haviaõ unido, e formaõ com elles hum sal neutro que toma algumas propriedades dos mesmos acidos, com que se unem, e vem a ficar naõ só innocente, mas ainda analogos ás qualidades dos humores humanos, que naõ saõ nem acidos, nem alcalicos. Estes alcalinos se podem tomar em primeiro lugar dos alimentos oppostos aos acidos, em segundo lugar do exercicio, e em terceiro lu-

lugar dos medicamentos que abſorvem, mudaõ, ou diluem os ditos acidos.

Os alimentos comprehendem a agua pura, e a comida de biſcoito, paõ torrado, carnes aſſadas, e principalmente o peixe aſſado em brazas; e a razaõ he, porque ſimilhantes alimentos tem aſſim preparados huma qualidade oppoſta aos acidos que os muda, e abſorve: mas fóra deſtes alimentos naõ ſe póde conceder outro algum nem tirado dos vegetaes, nem ainda meſmo de alguns animaes, porque todos ſe azedaõ, e azedando-ſe augmentariaõ ſem dúvida o damno que ſe temeria, produzido pelos remedios vitriolados. Aſſim pois naõ poderáõ os Senhores Confeſſores quando aconſelharem os vitriolados para remediar o Satiriazes, e furor uterino, impôr outras abſtinencias mais que a da carne cozida, das hervas, legumes, leites, queijos, e principalmente do vinho, porque ninguem ha que naõ poſſa ſaber que todos eſtes alimentos ſe fermentaõ, e que de doces que eraõ antes ſe convertem em pouco tempo em azedos. Ora huma penitencia reſtringida ſómente a comer carne aſſada, peixe aſſado, biſcoito, e agua naõ póde naõ ſer penoſa a quem he achacado dos vicios do amor, que ſó procuraõ prazeres na variedade dos alimentos, ou ſejaõ nobres, ou vis: e ſendo ſem dúvida penoſa como he a dita penitencia, que razaõ haverá para que os Senhores Confeſſores a naõ imponhaõ por penitencia, com o conſelho dos remedios antiafrodiſiacos? Tambem no uſo frequen-

quente dos vitriolados se deve prescrever o exercicio, porque o exercicio qualquer que elle seja como faz jogar os musculos, nervos, e mais vasos do corpo humano, lhes communica forças pelas oscillações em que as põem para impedir sua laxidaõ, e desfazer todas as obstrucções que se podiaõ formar com os fluidos, ou nos capillamentos dos vasos, ou em seus recantos, e circunvoluções. Ora este exercicio póde ser o de algum trabalho de mãos, compativel com o estado de qualquer pessoa, ou Ecclesiastica, ou Secular; porque ninguem ha que mesmo escondida em sua casa naõ possa v. g. varrê-la, arruma-la, escrever, tecer, fiar, bordar, &c. ou tambem póde ser o exercicio do passeio, santificado com outros de piedade, como sahir a visitar huma Igreja, correr a Via-Sacra, e outras devoções, que naõ se fazem sem passeio, nem exercicio, e podem ser a materia da penitencia.

Mas depois do exercicio, e dieta, mais seguro será ainda aconselhar-se sempre o uso dos absorventes, e basta que sejaõ alguns dos pós que tem esta propriedade, como a magnezia alba, os olhos de Caranguejos, os das conchas das Ostras, o das Perolas preparadas, e outros similhantes: eu sempre preferiria a magnezia alba; que na classe dos absorventes além de ser de preço barato, he o mais excellente por naõ ter a qualidade de se converter em massa dura insoluvel, mas sim por ter a propriedade de se precipitar do estomago para os intestinos, e

fa-

facilitar á excreçaõ ordinaria. Em fim feria ainda mais conveniente o prefcreverem no ufo dos vitriolados algum daquelles faes alcalinos, ou fixos preparados com o lexivio das cinzas, ou volateis tirados dos animaes, e mefmo dos vegetaes; mas como he coifa enfadonha a preparaçaõ deftes faes, e requerem maior fciencia da Chymia, e Medicina nos que houverem de os prefcrever, por iffo podem os Senhores Confeffores, e Penitentes contentar-fe fómente com o fabaõ branco de qualquer Provincia que feja, como o de Veneza, o de Alicante, e mefmo o de Portugal, fazendo-fe delle tres pilulas de grandeza ordinaria, e mandando-fe tomar no outro dia depois do ufo dos vitriolados, dez horas depois de cear, e affim ir continuando, e interpolando eftes remedios, em todo o tempo em que de huns, e outros fe fizer ufo.

O ufo pois dos vitriolados affim interpolados com o dos alcalinos, póde fer continuado até quarenta dias por peffoas Ecclefiafticas, que fó procuraõ a extinçaõ dos ardores do vicio da luxuria, fem damno de fua faude, porque defte modo ficando os primeiros remedios corrigidos pelos fegundos, fem impedir feu effeito, vem elles Ecclefiafticos a ficar naquelle eftado de paz neceffario para a edificaçaõ de feu proximo, e promptidaõ em todas as funções de feus Minifterios.

A refpeito porém dos Senhores Seculares, que ou faõ cafados, ou devem cafar, tambem o ufo dos vitriolados praticado do modo fobre-

bredito naõ terá perigo algum para a ſua ſaude; mas como nelles ſe deve ſempre attender para a fecundidade, e conſervar por conſequencia aquelle calor neceſſario na paleſtra do amor, por iſſo baſta que nos caſos de ſerem atacados de Satyriazes, e furores uterinos extendaõ o uſo dos Vitriolados até tres, ſinco, oito, dez, vinte dias continuados, para ſe moderarem ſeus ardores, ſem contrahirem dahi frieldade notavel, que lhes ſirva de impedimento para o uſo do matrimonio; e a razaõ he tirada da meſma experiencia, pois em ſimilhantes peſſoas caſadas ſe tem viſto naõ reſultar frieldade, quando em ſuas febres ardentes, putridas, e malignas ſe lhes preſcreve por dez, quinze, e vinte dias Julepes acidulados com o eſpirito de Vitriolo; porque depois de convalecidos ſe empregaõ nos officios do matrimonio como dantes com geraçaõ de novos filhos. Depois da expoſiçaõ dos remedios tirados da Medicina, he juſto agora reſolver outras queſtões moraes, que eſtaõ ligadas aos pontos precedentes, mas como niſto naõ ſó os Senhores Confeſſores quereraõ huma ſatisfaçaõ para as ſuas conſciencias, mas tambem os meſmos Penitentes; pois huns quereraõ ſaber ſe licitamente poderáõ aconſelhar eſtes remedios antiafrodiſiacos, e meſmo impôllos por penitencia, e preſcrevellos como preceito, e outros goſtaráõ igualmente de ſaber, que licita e ſantamente podem pedir, acceitar; e praticar os ditos conſelhos, por iſſo vamos a examinar eſtes pontos nos Capitulos ſeguintes.

CAPITULO XVI.

Os Confeſſores podem aconſelhar, e preſcrever os remedios fyſicos antiafrodiſiacos.

E Porque naõ poderáõ os Senhores Confeſſores aconſelhar, e preſcrever os remedios fyſicos antiafrodiſiacos áquelles ſeus Penitentes achacados de Satyriazes, e furor uterino, que por relapſos frequentes paſſaõ mezes, e annos ſem emenda alguma, e ſe impoſſibilitaõ mais, e mais a poderem ſer abſolvidos? Theologo algum, e Juriſta poderá deſcobrir razaõ convincente, e fundada na Eſcriptura Santa, Santos Padres, e Concilios, que tenha força para perſuadir naõ lhes ſer licito o darem eſte conſelho, ou preſcreverem eſtes mencionados remedios. S. Paulo entregou hum inceſtuoſo de Corintho a Satanáz para o curar do Satyriazes. E porque naõ entregaráõ os Senhores Confeſſores a ſimilhantes peccadores á Medicina? He a Medicina por ventura algum demonio, e os ſeus remedios algum encantamento? O Evangelho manda mortificar noſſos corpos, fazellos victimas da penitencia, e os Santos ſe maltratavaõ com jejuns, cilicios, açoites, até ſe fazerem chagas vivas, derramarem muito ſangue, e meſmo desfallecerem no meio dos ſeus tormentos voluntarios. S. Bento ſe deitou ſobre agudos, e penetrantes eſpinhos: S. Bernardo ſe metteo em hum banho de gelo: e S. Franciſ-

co

co de Aſsís ſe deitou ſobre brazas acceſas. Ora tudo iſto eſtraga a ſaude do corpo, encurta a vida, e com tudo nunca a Igreja condemnou tantos rigores, mas antes os tem admirado, e louvado nos ditos Santos. Logo porque ha de a Igreja prohibir o conſelho, e a exhibiçaõ de remedios que certiſſimamente naõ cauſaõ damno algum conſideravel formulados, e com as cautelas que ſe diſſe?

Todo o homem deve antes expôr-ſe a todos os males temporaes, do que peccar huma ſó vez: do número deſtes males naõ ſe exceptúa a meſma morte. Logo ainda quando o uſo dos remedios cauſaſſe alguma doença, podiaõ os Confeſſores aconſelhallos, e preſcrevellos, igualmente que acceitallos, e praticallos os Penitentes, para ſe emendarem de ſeus peccados. A meſma mutilaçaõ, amputaçaõ, e caſtraçaõ he permittida pelos Canones para effeito da cura de alguma doença, v. g. a gangrena dos genitaes. Logo os meſmos Canones naõ poderáõ naõ permittir os remedios innocentes para a cura do Satyriazes, e furor uterino, que toda a torrente dos Medicos dizem ſer huma doença inflammatoria, que desfecha muitas vezes em gangrena.

Além de que ſe bem attendermos para o eſpirito das Leis Divinas, e Eccleſiaſticas, veremos que naõ ſómente o naõ prohibem aos Confeſſores, e Penitentes o conſelho, e o uſo dos remedios mencionados: antes de alguma ſorte os mandaõ, e preſcrevem. Sim: porque,

que intenta a Igreja Santa com prescrever jejuns, até condemnar a bebida do vinho, e da mesma agua? Que nos dizem os Canones, quando impõem huma suspensaõ, e irregularidade aos achacados de Satyriazes, para naõ serem promovidos a ordens, e naõ poderem mininistrar estando já promovidos? Naõ foi sempre abominada na Igreja toda a lascivia, mesmo a dos Pagãos? E muito mais a dos Christãos, e Ecclesiasticos? Naõ impõe ella hum preceito de castidade o mais estricto que póde haver a todos os Ecclesiasticos? Pois póde a Igreja mandar tanto a execuçaõ de huma virtude, sem obrigar igualmente a praticar-se aquelles meios que conduzem a adquirir esta virtude? Ou póde ella recommendar a virtude, e prohibir hum meio necessario para praticalla? Aconselha S. Paulo a virgindade para que os Fiéis desembaraçados dos laços da carne, possaõ elevar seus corações a Deos, e occupar-se na oraçaõ, e naõ poderáõ os Confessores aconselhar a estas mesmas virgens o uso dos remedios fysicos que lhes tira as inclinações, e appetencias da carne, para com maior paz se occuparem na oraçaõ com Deos?

Mas objectaraõ, que extinguindo-se com remedios os ardores da concupiscencia, se tira a luta da carne contra o espirito, e por consequencia se tiraõ tambem as occasiões de poderem os Fiéis ser mais perfeitos, e mais merecer com suas resistencias, e victorias. Mas eu naõ sei como Theologo algum se possa capaci-

ci-

citar desta opiniaõ de mais perfeiçaõ, e merecimentos na luta da concupiscencia, sobre a paz no exercicio de outras virtudes. Mas para se descobrir o engano da objecçaõ seja o seguinte

CAPITULO XVII.

Naõ ha mais perfeiçaõ, nem tambem maior merecimento na luta da concupiscencia, do que ha de perfeiçaõ, e merecimento no exercicio pacifico das virtudes.

HE verdade que S. Paulo experimentou em sua carne a luta da concupiscencia: mas poderemos dizer que por esta luta subio elle a maior perfeiçaõ, e adquirio maiores merecimentos do que adquiriria, e havia de adquirir sem tentaçaõ pelo exercicio geral das virtudes? Eu me persuadiria haver cahido em heresia, se o quizesse affirmar. S. Paulo mesmo naõ quiz subir á perfeiçaõ por meio de huma tal luta; tres vezes pedio a Deos o livrasse desta affliçaõ, signal evidente de que naõ se capacitava ser com ella mais perfeito; porque se elle tivesse o pensamento de que com os ardores, e movimentos lascivos se fazia mais perfeito, naõ havia de pedir o seu allivio, e se o pedisse tendo esta persuasaõ podiamos nós dizer, que sua petiçaõ fôra impia, por pedir tanto o naõ ter esta perfeiçaõ, como tambem o naõ ter este meio de ter maiores merecimen-

tos,

tos. Ora a petiçaõ de S. Paulo naõ foi ímpia, ella foi perfeita, e fundada sobre o conhecimento de sua tentaçaõ, ou concupiscencia ser huma desordem em seu corpo, huma enfermidade, huma pena de que o livrar-se, e curar-se lhe era mais glorioso, e perfeito do que tella, e nella consumir-se. Tambem o Senhor naõ havia faltado em lhe acudir com o remedio: elle lhe deo a sua graça, e respondeo que esta graça lhe bastava; porque por sua efficacia se restabeleceria na paz, e saude, que o Santo Apostolo desejava, que he o mesmo que dizer que a enfermidade com que enfermava sua castidade, se curaria, ou aperfeiçôaria com a virtude da graça de Jesu Christo.

Desta mesma graça de Jesu Christo tiramos ainda hum argumento, que confirma naõ ser mais perfeito o estado da luta da concupiscencia, em que estava S. Paulo, nem tambem merecer mais com esta luta, do que mereceria com o exercicio pacifico das virtudes. Sim: porque ninguem dirá que o estado de doença que se deve curar por medicamentos seja mais perfeito, que o estado da saude que os naõ requer para conservar-se: ninguem dirá que Adaõ innocente vivendo em saude com huma graça sufficiente, graça versatil dependente do seu arbitrio, inteiramente livre, e saõ, seja mais perfeito, do que depois de haver peccado, e enfermado com a concupiscencia, de modo que para se relevar desta enfermidade já naõ lhe basta a graça que tinha, (que eu comparo

ao

/132

ao alimento ordinario, com que quotidianamente nos conservamos na ſaude corporal) mas que já tambem neceſſita da graça de Jeſu Chriſto, graça efficaz que illumina, e inflamma, dá naõ ſómente forças para vencer a concupiſcencia, mas tambem a vence, e nos faz exercitar virtudes contrarias á meſma concupiſcencia. Os valentes, e perfeitos (diſſe Jeſu Chriſto) naõ tem neceſſidade de Medico, eſta neceſſidade ſó tem os enfermos, e imperfeitos, que lutaõ com grandes males, como a concupiſcencia. Adaõ em quanto innocente era valente, e por iſſo perfeito; mas em quanto atacado da concupiſcencia, era enfermo, que neceſſitava da graça de Jeſu Chriſto, como de remedio. S. Paulo com a graça que o Senhor lhe deo, moſtrou eſtar enfermo, e neceſſitar de remedio: logo tambem moſtrou naõ ſer perfeito eſtar, e lutar com ſua concupiſcencia, nem tambem ter neſte eſtado hum grande valor, ou merecimento diante de Deos. O meſmo Apoſtolo o diſſe, que todos os que naõ guardaſſem virgindade ſoffreriaõ a tribulaçaõ da ſua carne, mas que elle lhes perdôava: *Ego autem vobis parco.* Ora em pontos de Theologia naõ póde haver perdaõ no que he perfeito, e meritorio, o perdaõ ſempre ſuppõe culpa, e eſta culpa ſe chega a faltar nas lutas da concupiſcencia, ſempre he reconhecida ao menos nas ſuas cauſas antecedentes, iſto he, no peccado original, e em todas aquellas circunſtancias, ou fyſicas, ou moraes, que infallivelmente haõ de preceder

der os ardores laſcivos , ou a luta da concupiſcencia. E na verdade o ſer tentado ſem peccado algum ſó foi prerogativa de Jeſu Chriſto, como affirma o meſmo S. Paulo. Os homens porém ainda ajudados da graça naõ ſe podem gloriar de taõ grande felicidade neſte mundo; mas ſempre no fim de ſuas lutas acharáõ no fundo de ſuas conſciencias algum motivo para ſe accuſarem de maior, ou menor peccado, e pedirem a Deos perdaõ delle com humildade, e reconhecimento de noſſa fraqueza. Ora em luta onde ha ſempre algum peccado naõ póde haver grande merecimento, e muito menos perfeiçaõ. Temos ainda a noſſo favor a maxima univerſal dos Santos Padres, que dizem ſer em ſimilhante guerra muito rara a victoria, e he digno de reflexaõ, que ainda eſta victoria rara naõ he caracterizada por completa; motivo, por que nos deve fazer crer, que nas meſmas victorias ſempre ha que chorar, e por conſequencia que falta nellas a perfeiçaõ em ſi meſma, e a perfeiçaõ tambem do merecimento.

E na verdade, naõ he huma hereſia dizer que o homem atacado de todo o furor da concupiſcencia, e lutando com ella, he mais perfeito que o homem livre, iſento, e vivendo em paz com liberdade, e piedade? Oh que ſe iſto naõ he hereſia, tambem naõ o ſerá dizer que Adaõ naõ foi mais perfeito no eſtado da innocencia, do que no eſtado da concupiſcencia; como igualmente que Jeſu Chriſto, e a Mãi de Deos ſeriaõ mais perfeitos ſe contrahiſ-

hiſſem de ſeus Progenitores tambem a concupiſcencia com que lutar. Mas eu naõ creio que Theologo algum, que ſaiba defender a ſua fé, queira nem ainda ouvir huma tal blasfemia. Logo deve ficar certo que naõ he perfeiçaõ o ter concupiſcencia, igualmente como naõ he meritorio o ter lutas com a meſma concupiſcencia: porque ainda eſte membro de minha illaçaõ acha em Jeſu Chriſto, e na Santiſſima Virgem huma prova irrefragavel. Elles merecêraõ por ſuas obras infinitamente mais do que creatura alguma pode no Ceo, e poderá ſobre a terra já mais merecer em ſua vida. Ora o Salvador, e ſua Mãi Santiſſima naõ tiveraõ concupiſcencia, e ſuas lutas. Logo aſſim como elles, podem tambem os Fiéis merecer por outras obras, que naõ ſejaõ a de lutar contra a laſcivia: poderáõ merecer mais ſem concupiſcencia do que com ella.

E porque naõ ſuccederá aſſim? Naõ he a caridade o principio da perfeiçaõ, e merecimento? E naõ pode ter maior caridade quem tiver menos concupiſcencia, ou laſcivia? Pode naõ ha dúvida, eſta he a meſma verdade.

Em quanto a creatura ſe acha inflammada nos ardores da concupiſcencia, ſe acha no meio de hum fogo que lhe encobre o Sol de juſtiça; ſegundo a expreſſaõ da Eſcriptura Santa: *Supercecidit ignis, & non viderunt ſolem.* A cegueira, a inconſideraçaõ, a precipitaçaõ, a inconſtancia, o amor proprio, o affecto ao temporal, e o horror á eternidade fu-

tura, rodeaõ a alma laſciva de todas as partes, a empenhaõ, a inclinaõ, e a dirigem para o perigo, e peccado, huma graça ordinaria naõ baſta para nella produzir huma mudança conſtante, he preciſo outra do número daquellas que a Theologia chama victorioſas, e triunfantes; porém eſtas graças ſaõ milagroſas, e a Igreja as adora na converſaõ de hum S. Paulo, e de hum Santo Agoſtinho. Os mais peccadores de que o Inferno eſtá cheio naõ a recebêraõ, a guerra que tiveraõ com ſuas concupiſcencias ſó foi para ficarem vencidos, e captivos do demonio: o meſmo que a elles ſuccedeo ſuccede ainda á maior parte daquelles, que ſaõ atacados da concupiſcencia, ou da laſcivia: naõ he pois perfeiçaõ ter eſtas guerras, como igualmente naõ he ſeguro buſcar merecimentos em huma victoria, ou duvidoſa, ou attribuida mais vezes ao peccado. Quando porém a meſma creatura poſſue huma carne pouco rebelde ás leis do eſpirito, quando ella naõ ſe vê neceſſitada a combater com as propensões da laſcivia, mas que com hum eſpirito deſembaraçado, e hum corpo meſmo por favor da Medicina reduzido para aſſim dizer á eſcravidaõ da frieldade; entaõ qualquer graça lhe he efficaz, ou tem hum gráo de maior força para a mover, inclinar, e dirigir á virtude: ſua razaõ ſe illumina com todas as luzes Celeſtes: ſua vontade facilmente ſe dobra, ſegue os impulſos do eſpirito, goſa do amor de Deos, e dos bens da eternidade, occupa-ſe em exer-

exercicios ſantos ; e vive em fim ſempre ajuſtado ás leis que tem obrigaçaõ de guardar : a caridade he em tudo ſua conductora, Deos ſeu unico objecto, ama-lo, e poſſui-lo he o ſeu prazer, e deſte modo que obras poderá fazer que naõ ſeja hum aſpirar á perfeiçaõ, e hum accumular merecimentos ? Naõ he eſta a meſma verdade ? Fique pois reprovada a opiniaõ que aſſevera ſer perfeiçaõ, ſer atacado da concupiſcencia, e meritorio o ter com ella lutas.

Nem ſe diga mais que os homens no tempo que ſaõ tentados com a laſcivia, ſe fazem devotos, e recorrem a Deos pela oraçaõ, e penitencia com mais frequencia: porque ainda concedendo de graça que iſto faça hum, ou outro homem juſto, naõ o faz certamente hum milhaõ de homens tentados. A Theologia naõ ha dúvida que bem intíma a obrigaçaõ que tem os Fiéis de recorrer a Deos em todas as ſuas tentações, principalmente nas que ſaõ contra a caſtidade : que he o meſmo que dizer, que ſe buſquem remedios moraes, para naõ dizer milagres no tempo das enfermidades que atacaõ a carne, e o eſpirito, e a que a Medicina chama nos homens Satiriazes, e nas mulheres furor uterino : e que para as curar ha Deos deixado remedios fyſicos na natureza. Mas haja embora eſta obrigaçaõ de recorrer a Deos, eu naõ a impugno, e Deos me livre de huma tal libertinagem. Recorramos a Deos, eu o quero, e perſuado : mas ſeja para lhe pedirmos aquella graça, que nos faça conhecer,

e temer noſſa enfermidade. Só digo que naõ obſtante eſta obrigaçaõ, qual he o Confeſſor que no Tribunal da penitencia examine o ſeu cumprimento, ou ſe o examina que ache que todos a cumprem com exactidaõ? Além de que a maior parte dos Fiéis naõ lê por livros de Theologia para ſe perſuadirem da obrigaçaõ de recorrer aos remedios moraes, nem ſegue a devoçaõ das gentes piedoſas de ſe applicarem á liçaõ de livros aſcéticos, ou buſcarem em tudo o conſelho de ſeus Confeſſores, para aprenderem a familiarizar-ſe com os recurſos aos remedios moraes. Os meſmos Eccleſiaſticos, os Clerigos, Frades, e Freiras que deviaõ occupar-ſe continuamente na liçaõ Santa da Theologia aſcética, Moral, e Dogmatica, nem ter outra vida que a de hum contínuo recurſo á oraçaõ, e á penitencia: quaes ſaõ de entre elles que aſſim o praticaõ, e que aſſim vivem? Examinem os Senhores Confeſſores a todos os ſeus Penitentes ſobre eſte ponto, e acharáõ ſer certo que ainda muitos dos que por eſtado ſaõ chamados a eſtes recurſos moraes, ou exercicios de piedade faltaõ a eſta obrigaçaõ; e dahi digaõ-me que hei de eſperar daquelles que naõ tem para a ſua vida outra regra mais que a ſua vontade? Ora ſe geralmente os Chriſtãos naõ recorrem a Deos, á Oraçaõ, e á Penitencia no tempo dos ataques da concupiſcencia; ou ſe algum recorre he com indigna tibieza, para que ſe ha de eſtranhar a exhibiçaõ dos remedios fyſicos, conducentes á obſervancia da caſti-

tidade ? Para que ſe ha de dizer que com os remedios fyſicos ſe tira o proveito da tentaçaõ? Naõ parece iſto goſtar dos ataques da concupiſcencia, e chegar-ſe muito para a hereſia de Molinos ? O que eu ſei de certo he que nos combates do Satyriazes, e furor uterino ſe ſente ſempre algum prazer carnal, e que a natureza com elle ſe contenta, quando ſe naõ atreve a tomar outros maiores. Das mulheres diſſe hum Poeta que quando fogem, e recuſaõ ſeus favores a hum pertendente que as buſca, nunca he com tanta diligencia, e ligeireza, que naõ deixem entender goſtariaõ de que as apanhaſſem na fugida, e lhes fizeſſem violencia: Ora iſto meſmo he o que me parece ſe buſca no ſubterfugio da devoçaõ, que ſe pretexta para naõ ſe admittir os remedios fyſicos, que curaõ o Satyriazes, e furor uterino. Porém baſta; paſſemos agora a examinar a efficacia de outros remedios em que fallaõ os Medicos, e a que querem tambem chamar antiafrodiſiacos.

CA-

CAPITULO XVIII.

Nem todas as drogas que alguns Medicos gabaõ, saõ geralmente antiafrodisiacas para todos.

OS Medicos tem gabado algumas drogas como dotadas de huma qualidade especifica para refrear os estimulos da lascivia; porém ellas saõ taõ conhecidas por contrarias aos seus louvores, que todos podem descubrir o engano.

A primeira que se tem celebrado he a Canfora, ou em fórma de bolo, ou em algum licor na dóse de dez até quinze gotas. Cantase hum verso Latino, que dizia castrar ella só com o cheiro aos homens:

Camphora per nares castrat odore mares.

Mas esta opiniaõ se fundava no prejuizo de ser esta droga dotada de huma qualidade fria, que a experiencia, e a mesma razaõ tem mostrado ser falso; porque se se attende ás suas qualidades irritantes, e dessecativas, como tambem que o movimento dos humores he accelerado por ella até vencer as obstruções das partes, naõ podemos dizer senaõ que ella he quente, e que se refrigera, he porque com a grande subtileza de suas particulas se evapora depressa pelos póros do corpo, e reanimando entaõ as fibras laxas, facilita a circulaçaõ, e faz transpirar o Virus picante das acrimonias que antes irritavaõ, e causavaõ os ardores inflamma-

136

matorios da laſcivia; mas deſta explicaçaõ bem ſe deixa ver que o refrigerio he hum effeito accidental da Canfora, ſimilhante ao do fogo quando diſſipa huma inflammaçaõ levantada de huma queimadura, ou tambem como a pimenta refrigera quando por ſeu uſo exceſſivo enfraquece o calor natural, diſſipando o volatil dos fluidos que agitava os ſolidos, e refrigerando por conſequencia, ſem que por iſſo ſe poſſa olhar nem o fogo como hum elemento frio, nem a pimenta como hum fruto refrigerante, pois no meſmo ſentido ſe poderia tomar a neve por quente, porque inflamma as mãos quando ſe lhe pega, as deixa vermelhas, cheias de frieiras, e meſmo tocadas de gangrena.

Com tudo eſta Droga naõ he para ſe deſprezar inteiramente em todos os caſos da laſcivia. Eu ſem me deixar levar do prejuizo da frieldade que della tinhaõ os antigos, nem tira-la tambem com os modernos da claſſe dos antiafrodiſiacos uſaria della com diſcriçaõ, e a preſcreveria em Julepes refrigerantes, e acidulados; mas ſó para aquellas peſſoas gordas ſanguineo-linfaticas, que pela turgencia dos vaſos eſpermaticos ſaõ atacados de Satyriazes, e furores uterinos, e iſto depois de fazer preceder as evacuações neceſſarias por ſangrias, e purgativos; porque como entaõ a canfora os ſeccaria fazendo-os tranſpirar mais; ellas ſe achariaõ tambem alliviadas da turgencia dos vaſos eſpermaticos, e por conſequencia curados do Satyriazes, e furor uterino. Eſte meſmo uſo porém

rém naõ ſerá conveniente para as peſſoas magras, em quem o vicio da laſcivia provém mais da irritaçaõ do ſyſtema nervoſo, que da abundancia do ſucco da geraçaõ; porque, ſendo certo ter a Canfora qualidade irritante, e deſſecativa, naõ ſe poderá eſperar allivio algum nos enfermos magros, antes maiores eſtragos, eſtimulos, e movimentos laſcivos. Aſſim fico concordando com os Medicos antigos, e com os modernos, e indicando aos Senhores Confeſſores o modo, com que podem uſar da Canfora; dando-a a peſſoas gordas (como diz Scaligero) ſe dava aos Monges antigos a maſtigar para reprimir os eſtimulos venereos, e deixando de a dar ás peſſoas magras, que com o ſeu uſo podem ficar mais irritadas; mas por eſta condeſcendencia nunca direi ſer a Canfora hum eſpecifico antiafrodiſiaco conveniente para todos.

O ſegundo depois da Canfora gaba Ethmulero no furor uterino o licor limpo, e acquoſo que diſtilla dos ramos mais tenros do Salgueiro, quando no veraõ ſe cortaõ, elle diz: que eſte licor bebido, ou miſturado com farinha, e comido extingue toda a propenſaõ venerea, como igualmente faz o meſmo Salgueiro o coſimento das folhas freſcas, e tenras, e bebido de manhã em jejum; porém Mr. Aſtruc, que o quiz experimentar em algumas mulheres, atteſta que nada aproveitava com o uſo do dito coſimento, logo o coſimento ſó do Salgueiro de nada ſerve geralmente para todos, porém combinado com outras plantas, e aguçado com

qua-

quatro gotas do eſpirito de Vitriolo naõ duvido que ſurta effeito.

A terceira Droga he o Vegetal Agnus-Caſtus, aſſim chamado por fazerem delle cama as matronas Athenienſes, quando nas feſtas de Ceres deviaõ guardar caſtidade, como diz Plinio, e Dioſcorides. O Author do homem fyſico diz que em França coſtumaõ os Frades, e Freiras a plantá-lo em roda de ſeus Conventos. Em Portugal naõ ſei que ſe faça com eſta planta Jardins, e ornamentos: mas ainda quando houveſſe em abundancia, nunca a virtude da caſtidade lhe podia ſer legitimamente attribuida; porque o amargor, e acrimonia que ſe goza em ſuas folhas maſtigadas, baſtava para della nos fazer duvidar; e além diſto o meſmo Dioſcorides affirma que o ſeu uſo promove os tributos menſaes das mulheres, e com eſta propriedade eſtá claro que ella naõ póde ſer ſubſtancialmente refrigerante.

Quarto. Sennert, e Riverio numeraõ tambem entre os ſimplices verdadeiramente antiafrodiſiacos a Arruda, a Hortelã, a ſemente de Biſnaga, o Endro, o Páo de Aquila, Therebentina, &c.; mas todas eſtas Drogas poderáõ por ſi ſó ter huma tal virtude como tem a pimenta, e por iſſo naõ he preciſo que mais me cance em refutá-las. Eſtes Authores naõ devem ſer ouvidos, ſe nos querem perſuadir que podiamos uſar deſtas Plantas, ſementes, ou reſinas, ou cada huma por ſi ſó, ou todas juntas; mas ſe elles querem inſinuar que combinadas

com outras Drogas na verdade refrigerantes, e que fazendo-se algum cosimento acidulado com o espirito de Vitriolo, e adoçado com xarope da mesma virtude, entaõ com mais acerto se poderá prescrever, e aconselhar com esperanças de algum bom successo; mas estas mesmas drogas distilladas em aguas taes, como as que traz o mesmo Sennert com o titulo de Castidade, e tambem Riverio, entaõ eu diria com ingenuidade que de nada prestaõ; porque a Medicina tem hoje experimentado que as aguas distilladas naõ tem a efficacia, que tem o cosimento das mesmas plantas; porém naõ obstante esta inefficacia se se lhe ajuntar suas gotas de espirito de Vitriolo, entaõ naõ duvidaria de sua utilidade; porque em fim sempre achariamos ao menos em todo o tempo huma agua tirada de plantas apropriadas, quando naõ achassemos em qualquer estaçaõ do anno as mesmas plantas, se quizessemos dellas usar em cosimento.

Quinta. A Cicuta em fim he a ultima planta, que poderia prometter algumas esperanças no allivio das vexações da castidade; porque ella tem a seu favor naõ só os Medicos antigos, mas ainda a alguns Santos Padres, como S. Basilio, e S. Jeronymo: porque este, escrevendo contra Joviniano, diz que os Pontifices do Paganismo se castravaõ com a Cicuta quando entravaõ no Pontificado: *Hierophantas Pontificatum adeptos cicuta se castrasse.* E aquelle testifica, na Homilia quinta *super thex*, haver

ver visto algumas mulheres, que com a bebida da Cicuta haviaõ extinguido seus furores uterinos: *Se vidisse quasdam fœminas, quæ potione cicutæ extinxerint rabiosas cupiditates.* Os Medicos antigos com suas folhas pizadas faziaõ cataplasmas para se porem sobre os lombos, e misturavaõ o seu sumo em injecções uterinas; mas se de seu uso se seguia allivio permanente nos enfermos da lascivia, eu naõ o sei dizer, porque nunca fiz experiencia, nem o tenho perguntado ás pessoas, que usáraõ da cicuta para se curarem de outros males; porque como ellas haviaõ de chegar a tomar grandes doses deste vegetal, e experimentar seus effeitos, tambem poderáõ dizer se he verdade o que deixáraõ escripto os proclamadores da virtude fria, e antiafrodisiaca da cicuta. Com tudo se basta huma conjectura bem fundada, eu diria que a cicuta naõ póde ter tal virtude por ser primeiramente emprenhada de sal ammoniaco, que nunca na Medicina teve a qualidade de refrigerar, mas sim a de diluir, e dissolver por força do movimento de suas particulas finas, e duras, e em segundo lugar, porque conheço a alguns casados, que tomáraõ a cicuta, e nem por isso deixáraõ de continuar a gerar filhos.

Tendo assim satisfeito ao que he necessario saber-se da lascivia, passemos agora ao conhecimento da côlera, como enfermidade, e seus remedios fysicos.

CAPITULO XIX.

A colera he enfermidade corporal, que se póde emendar com remedios fysicos.

A Colera tem o nome de Bilis entre os Fysiologicos, e de Ira entre os Moralistas: estes a constituem em hum movimento do appetite sensitivo que aborrece aquelles objectos, que saõ causas de males, e miserias, que se soffre. He verdade que a alma toma grande parte nesta paixaõ, e se podia dizer que sua origem principal dependia do espirito por provir daquelle juizo, que ella fórma sobre a estimaçaõ, que se faz da pessoa colerica. Com tudo como naõ ha conhecimento nem juizo, que naõ dependa da organizaçaõ dos sentidos, e entre estes o principal motor saõ os nervos, por isso naõ erraremos, se dissermos ser a colera nos homens huma enfermidade corporal, assim como a he em todos os animaes que naõ tem juizo, ainda que lhe concedamos huma alma com alguns Filosofos contra o sentimento dos Cartesianos, que nelles naõ reconhecem mais que humas machinas bem organizadas.

E na verdade o que se chama Colera, e Bilis he aquelle humor, que se filtra no figado, e de que huma porçaõ se guarda na bexiguinha do fel para dahi vir fluindo, e se unir com outra, que corre do mesmo parenchismo do figado para fazerem ambas a perfeiçaõ do

Chi-

Chilo no inteſtino duodeno, e ſollicitarem a excreçaõ inteſtinal.

Eſta Bilis, em quanto permanece em ſua qualidade natural, he no corpo huma Medicina geral que entretém a fluidez, e movimento do ſangue: dois requiſitos neceſſarios para ſe prevenir a morte, e as enfermidades: mas quando eſta Bilis ſe muda do eſtado primeiro, e vem a augmentar-ſe, ou diminuir, exaltar-ſe, ou condenſar-ſe, entaõ de medicina que era antes ſaudavel ſe troca em huma origem fecunda de mil enfermidades.

Naõ me toca agora individuar quaes ſejaõ eſtas enfermidades, porque ellas naõ haõ de ſer curadas pelos Senhores Confeſſores, que ſó attendem para aquellas que occaſionaõ peccados, ou para melhor dizer que he o meſmo peccado admittido pela vontade, ou em ſi, ou em ſua cauſa, e effeitos. Quando pois a colera chega a ſer hum peccado capital, entaõ ella he huma enfermidade, que tem ſua origem na agitaçaõ da Bilis, e que communica por ſeu eſtimulo maior movimento nos ſólidos, e líquidos, inverte o influxo do ſucco nervoſo, e faz por conſequencia jogar toda a machina com movimentos taõ perturbados, quaes ſaõ aquelles em que rompe hum homem colerico, e os ſabem pintar, tanto os Fyſicos, como os Moraliſtas. Gritar, blasfemar, injuriar, eſtragar, matar, eis-aqui o que entra no quadro que formaõ os Moraliſtas; porém os Fyſicos, que notaõ naõ ſó o que ſe paſſa no tempo do paro-

roxiſmo furioſo da colera, mas ainda que obſervaõ o que ſobrevem depois de ſeus principios, e impetos, dizem que no tempo do ataque ſe levanta hum ſpaſmo em todo o ſyſtema fibroſo, que contrahe as mininges na cabeça, aperta o cerebro, e o coraçaõ, ſecca a cutis, accelera o pulſo, entumece com ſangue o roſto, e os olhos, excita febres, e delirio, occaſiona convulsões epilepticas, diarrheas, e outras enfermidades que baſtaõ para miniſtrarem provas evidentes de ſer a colera naõ ſó huma paixaõ da alma, porém tambem huma enfermidade corporal, que tira a ſaude, encurta a vida, e chega meſmo a matar de repente.

E com effeito, porque naõ ſerá tambem paixaõ do corpo hum mal, que ſe deriva da deſordem de hum fluido corporal, e que naõ ſe ſentiria na alma, ſe ella naõ eſtiveſſe ligada com o corpo, ou ao menos ſe neſte corpo naõ houveſſem ſentidos por onde ſe tranſmittiſſem ſenſações? Eu bem ſei que naõ ha homem algum, que naõ poſſa ter acceſſos de colera, mas iſto meſmo prova que todos tem em ſeu corpo hum humor, que ſendo deſordenado, communica eſta deſordem á alma com que eſtá unido, e por conſequencia que he a colera mais enfermidade corporal que eſpiritual.

Sim: a colera he paixaõ geral em todos os homens, porém os ſeus furores ſaõ mais de alguns ſujeitos que de outros. Aquellas peſſoas de hum habito de corpo mais ſecco, textura de fibras mais elaſticas, ſenſiveis, e irritaveis,

com

com hum ſangue mais volatil lavado com pouco ſoro, e eſte mais acrimonioſo, e bilioſo, como ſaõ os velhos, magros, homens, e mulheres, em que ſe deſcobre o hyſteriſmo, a hypocondria, a melancolia, ou que habitaõ hum clima mais quente tal como o de Portugal, e do Braſil, de Roma, Africa, &c. aonde eſte vicio ſe podia chamar epidemico, ou que fazem hum uſo frequente de drogas incendiarias ſimilhantes ao cravo, á canella, pimenta, chocolate, chá, café, &c. Eſtes quando por leves occaſiões rompem em grandes iras, naõ ſaõ para admirar, antes admirariaõ ſe naõ tiveſſem hum vicio a que tudo os excita: a natureza os tem feito colericos, e quando ſe lhes ſuſcitaõ encontros, e occaſiões, ſe podia dizer que peccaõ por violencia, ſentindo-ſe ſuas almas arrebatar por huma paixaõ, que perturba toda a machina, e a que quereriaõ reſiſtir por conhecer antes, e depois muito bem ſeus funeſtos effeitos, mas que naõ podem quando huma vez a colera os inflamma, e agita. Ora para remediar taõ grande mal, tem experimentado os Senhores Confeſſores que naõ baſtaõ os remedios moraes, pois os conſelhos naõ fazem impreſſaõ em hum eſpirito perturbado, os jejuns, e penitencias produzem na Bilis mais hum gráo de acrimonia: as orações, e meditações ainda no meſmo tempo que ſe praticaõ naõ podem ter o effeito que ſe deſeja; porque os raciocinios interiores, além de naõ adoçarem hum humor acrimonioſo, avivaõ mais o objecto

cto que excita a paixaõ, por ser impossivel persuadir-se a alma a si mesmo da malignidade da sua colera, sem fazer entrar em seu discurso todos aquelles sujeitos, e predicados a que sua colera diz respeito. Os remedios fysicos pois saõ os mais necessarios para que os penitentes colericos possaõ moderar suas iras, e naõ romper com excessos que produzem mil escandalos no Christianismo: mas quaes saõ estes remedios que podem fazer tanto a materia da penitencia, como a dos conselhos, que aos colericos devem dar os Confessores? Saõ primeiramente o retiro espiritual de hum dia feito com quietaçaõ tambem do corpo; a abstinencia de comidas bem guizadas, e a parcimonia dos mesmos alimentos sólidos com huma concessaõ ampla de bebidas antiflogisticas, como saõ a agua com limaõ, ou vinagre, o espirito de Vitriolo, o cosimento de Tamarindos com algum nitro, a tintura de rosas tiradas com Vitriolo, a comida de beldroegas, morangos, laranjas, alface, chicorea, o paõ broa de milho, e de senteio, os banhos tepidos emollientes, poucos vestidos, e tudo o mais que conduzir a humectar, dulcificar, refrigerar; porque os humectantes, dulcificantes, e refrigerantes saõ sem dúvida os melhores remedios, que a Medicina tem prescripto para as doenças biliosas; mas como os Senhores Confessores quereráõ achar aqui estes remedios formulados, eu vou a receitar alguns, que poderáõ servir de norma para elles se servirem de outros que encontrarem similhantes.

For-

Formulario da Colera.

Cofimento lenitivo de Boerrhave.

Refpice Avea com cafca duas onças.
Agua pura tres libras.

Faça cofimento até diminuir huma libra, e entaõ côe, e na coadura mifture
Sumo de limaõ frefco huma onça.
Agua diftillada de canella duas oitavas.
Xarope de amoras huma onça.

Beba o colerico as vezes que quizer entre dia, que tambem lhe póde fervir de alimento.

Outro do mefmo Author.

Refpice Avea fem cafca duas onças.
Agua pura tres libras.

Faça cofimento a diminuir huma libra, e depois côe, e guarde affim tepido até azedar hum pouco, e entaõ lhe ajunte
Xarope de violas onça e meia,
Vinho branco meia libra.
Agua diftillada de cafca de cidra onça e meia.

Beba-fe entre dia, e fe parecer muito deliciofa para materia de penitencia, fempre póde fervir para a do confelho com aquelles penitentes, com quem he precifo condefcendencia.

Emulſaõ ſimilhante do meſmo Author.

Reſpice Avea ſem caſca tres onças.

Faça-ſe com quanto baſte de agua huma emulſaõ, e depois em libra e meia della ajunte,

Nitro depurado huma oitava.
Xarope de violas huma onça.
Vinagre ſcilitico duas oitavas.

E uſe o enfermo colerico quantas vezes quizer.

Bebida de Gorter.

Reſpice Avea limpa tres onças.
Tamarindos meia onça.
Cabeças de papoila branca n. 2.
Agua commua vinte ſinco onças.

Faça-ſe coſimento, e ajunte na coadura

Sal de tartaro vitriolado huma oitava.
Xarope de ſumo de cidra huma onça.

E beba o colerico huma onça deſta bebida por cada vez entre dia.

Bebida de Geofroy.

Reſpice Tamarindos duas onças.
Soro de leite duas libras.

Faça ferver hum pouco, e depois côe, e ajunte

Xarope violado duas onças.

E beba o colerico entre dia quatro onças cada vez.

CA-

CAPITULO XX.

A bebedice he huma grande enfermidade, que nunca se cura com remedios moraes, e difficilmente com os fysicos.

HE para se lamentar, que o vinho sendo na Medicina hum excellente remedio para curar muitas enfermidades, venha elle mesmo a ser por seu abuso hum grande veneno, que mata a muitos depois de os fazer gemer com mil enfermidades. Os Authores de Medicina dizem geralmente, que o uso moderado deste licor prolonga a vida, conserva o corpo em saude, e o espirito em vigor, augmenta em ambos suas faculdades, e sentidos, de modo que Grillus chega a dizer que a Sabedoria dos Gregos se deve attribuir á bondade de seus vinhos, e que só depois que os Turcos arrancáraõ suas vinhas, he que elles decahíraõ tambem daquella fama, que haviaõ adquirido nas Artes, e Sciencias. Tambem os Europeos podem ser considerados mais engenhosos que os Póvos Septentrionaes, só pelo uso moderado do vinho, e parece que até os mesmos Idólatras estavaõ persuadidos desta verdade, quando em seus mesmos Templos punhaõ juntos Bacchus, e Minerva, e naõ davaõ em comida, e bebida aos demais seus Deoses que o nectar, e ambrosia. Sendo pois taõ necessario para a saude este licor precioso, elle he com

tudo o meſmo que accuſaõ de malfeitor, naõ ſó huma infinidade de Medicos, mas tambem os meſmos Poetas, Filoſofos, e Oradores, que no ſeu calor dizem achar ſeus eſpiritos, e enthuſiaſmos, aſſeverando todos que o vinho deſtroe a economia animal, porque eſquenta muito, altera noſſos fluidos, produz a bebedice, ou a perda da razaõ, e dos ſentidos, erectiza as fibras, diſpõe a hydropeſia, a Phthiſica nervoſa, ao lethargo, a apoplexia, a paralyſia, a afonia, e outras enfermidades taõ terriveis como todos os dias ſe eſtá obſervando, e ſe podem lêr no Aforiſmo 5. do 5. Liv. de Hyppocr., e em todos os ſeus Commentadores como Galeno entre os antigos, Leaõ, Hecquet, e Gorter entre os modernos, ſem fallarmos em Zacuto Luſitano no Liv. 3. da ſua praxe admiravel, na obſervaçaõ 123. *Mercurialis Variar. Lect.* lib. 4. cap. 6. Joannes Langius Epiſt. lib. 1. cap. 30. Boerrhave *De morbis nervorum.* Seneca na Epiſt. 83., que compara o vinho ao opio, ao helleboro, e ao veneno pelo nimio ſomno que produz. Lucrecio no Liv. 3. *De natura rerum* onde pinta bem a bebedice. Cicero no 4. das ſuas Tuſculanas, que enſina a obſervar, e conhecer, com que licor ſe formou a bebedice, dizendo que os que ſe inebriáraõ com vinho, quando cahem, ficaõ de coſtas extendidos no chaõ, e que a quéda pelos demais licores inebriantes he promiſcuamente para algum dos lados, e meſmo para diante a esbarrar os narizes, e ficar abafados com o pó, e lodo da terra.

E

E na verdade ſabendo-ſe que o vinho, a aguardente, e mais licores inebriantes tem por primeiro effeito o queimar por ſua acrimonia os capillamentos nervoſos do eſtomago, de que ſe ſegue ſua creſpatura, ſeccura, irritaçaõ, e agitaçaõ como tambem por ſeus eſpiritos faz expander todos os vaſos, rarefazer os humores, e meſmo condenſá-los como ſuccede coagular a lymfa da boca quando os tomamos na boca, porque deixariaõ de produzir tantos males deſcompondo a economia animal de todos os homens? Mas nós devemos admirar porque naõ morrem de repente tantos bebedores de vinho, quando ſó o cheiro do moſto, que fermenta, mata inſtantaneamente como affirma Boerrhave em ſeu livro *De morb. nervor.*? He ſem dúvida nocivo o abuſo do vinho, e mais licores eſpiritoſos, nem he preciſo mais para perſuadir aos Senhores Confeſſores de ſer a bebedice huma enfermidade, do que o lembrarem-ſe elles meſmos da proſtraçaõ de forças, com que ficaõ os que ſe enchêraõ de algum licor. Que fraqueza? Que triſteza? Que pallidez? Iſto he o menos, o mais he ficarem os ebrioſos naõ ſó eſtupidos, e inertes para qualquer funçaõ do eſpirito depois da bebedice, mas ainda o durar-lhe eſta eſtupidez por muitos dias, e ás vezes por toda a vida. Eu naõ me capacitára da verdade deſte fenomeno ſe o naõ tiveſſe viſto, e lido tambem nos Commentarios do grande Gorter ſobre o mencionado aforiſmo de Hyppocrates no livro, que aſſima deixo apontado.

Mas

Mas ainda que, o naõ tiveſſe lido a razaõ o convenceria fazendo ver que a bebedice deſordena inteiramente tanto a harmonia das fibras das meninges, e parenchiſmo do cerebro, como a circulaçaõ, e filtraçaõ do ſucco nervoſo, ou por outro nome eſpiritos animaes, motores de todas as funções animaes, vitaes, e intellectuaes do homem. Agora o que mais quereráõ ſaber os Senhores Confeſſores ſaõ os remedios fyſicos com, que ſe poderia extirpar o coſtume de ſe inebriarem os amantes do vinho? Ao que ſe póde reſponder que ſerá difficil acharem-ſe remedios, que tirem eſte coſtume com ſegurança, ou ſeja no moral, ou no medicinal; porque conſelhos, e remedios moraes naõ podem entrar no conhecimento de homens, que perdendo com a bebedice huma vez ſua razaõ, nunca mais a tornaõ a recuperar perfeitamente; e os remedios fyſicos eu naõ ſei de algum efficaz que naõ poſſa ſer pernicioſo; porque huma arrã, huma enguia, hum barbo, affogados no vinho, que ſe tem dado a alguns a beber para lhes tirar o coſtume de inebriar-ſe, lhes tem cauſado vomitos funeſtos, ſeguidos de vertigens que podem metter medo aos Profeſſores, que querem curar ſem cauſar damno: outros remedios preparados tambem com o vinho, como os que ſe fazem infundindo no dito licor a palmilha ſuada de humas meias, ou çapatos, hum pedaço de biſpote ſarrento, a terra do fundo da ſepultura, tem mais de ſuperſticioſo que de legitimo. O vinho emetico dado

com

com o fim de que provocando o vomito, venha a causar nausea ao enfermo para tudo o que lhe parecer vinho, menos perigo teria se elle podesse ser hum remedio geral para todos sem depender de circumstancias, porém como estas saõ infinitas, e variaõ em cada sujeito, por isso nem ainda deste remedio me atrevo a dizer podem usar geralmente os Senhores Confessores, que naõ tiverem outras luzes maiores da Medicina; com tudo consultando primeiro os Medicos Professores para que digaõ se ha alguma contradicçaõ no sujeito, que se quer curar da bebedice com vomitorio, e praticando depois todas as cautelas, que elle ensinuar, digo entaõ que poderá este remedio ter efficacia, se no tempo da affliçaõ dos vomitos se avisar o enfermo do damno, que lhes faz o vinho, e de nenhum modo lhe declarar a confeiçaõ que tinha o que elle agora bebeo; mas só affear-lhe em geral todo o vinho, para que elle se forme de todo o licor inebriante huma idéa funesta, e lhe ganhe horror.

Porém diraõ, que bem póde ser o enfermo de bebedice algum Ecclesiastico, ou Regular, ou Secular, ao qual naõ se póde induzir o ter horror ao vinho: porque isso seria constitui-lo abstemio, e pô-lo em hum impedimento de celebrar o Santo Sacrificio.

Ao que se podia responder, que pôr ao Ecclesiastico Secular, ou Regular em tal impedimento seria hum procedimento permittido nos Sagrados Canones, que impõem similhantes penas

nas aos Ecclesiasticos, e naõ consente que elles subaõ aos Altares com taes vicios. Porém como estes sujeitos achaõ sempre na santidade, e zelo dos Senhores Bispos, e Prelados quem os castigue com carcerações, e privações do mesmo vinho, bem se vê que lhes naõ saõ necessarios remedios fysicos, e basta para os emendar os remedios Canonicos.

Agora a questaõ que eu mais quizera achar resolvida era: se se póde aconselhar remedios para rebater a bebedice a todos aquelles que sem se emendarem continuaõ a inebriar-se? A dúvida que me embaraça he que, ensinando-se remedios para rebater a bebedice, entaõ ainda com mais arrojo se apegaõ ao vinho os seus amantes, e continuaráõ em seus peccados. Com tudo sempre me parece mais racionavel o dar-se, aconselhar-se, e prescrever-se os remedios indicados para rebater-se a bebedice, ou tambem para se naõ inebriar, e isto pelas razões seguintes. Primeiramente; porque os remedios em si naõ saõ peccaminosos, pois naõ só naõ induzem a novos peccados, mas ainda preservaõ tanto da bebedice material, como de todas as mais culpas, que della se seguem, e quando estas com os remedios se diminuem, sempre ha conveniencia; porque se evitaõ offensas de Deos, e principalmente o escandalo nos Ecclesiasticos, com que outras pessoas tambem se perderiaõ.

Segundo; porque ainda que com os remedios se naõ tira o peccado antecedente da crapu-

pu-

pula, pois taes ſujeitos podem continuar a ſer glotões, comendo, e bebendo mais do neceſſario, naõ ſó *uſque ad ſatietatem*, porém tambem ſobre poſſe, ou ſobre a meſma ſaciedade; com tudo com os remedios elles ſe diſpõem a emendar-ſe do vicio, pois ficaõ com ſeu juizo deſembaraçado para poderem perſuadir-ſe dos motivos da emenda, e ſujeitarem-ſe a cumprir as penitencias de jejuns, e parcimonias que os Confeſſores lhes preſcreverem. Sendo pois louvaveis os remedios preſervativos, quaes ſeraõ elles? Os Authores de Medicina enſinaõ muitos, porém eu direi ſómente os que ſaõ mais faceis, ſeguros, e infalliveis porque ſeus effeitos tem ſido obſervados, e podem muito bem entrar no rol das penitencias que ſe podem impôr aos ebrioſos. O primeiro remedio he a agua fria bebida logo de manhã em jejum, e ſempre antes de comer. O ſegundo he a comida de coiſas ſalgadas, e miſturadas com muito azeite v. g. ſardinhas, bacalháo, &c. couves, e a meſma broa, ou qualquer paõ miſturado com muito azeite. O terceiro he o banho frio, o ſemicupio, ou ao menos o molhamento dos genitaes com a agua fria, ou ſimples, ou miſturada com vinagre. Todos eſtes remedios quebrantaõ o ſpaſmo que o vinho havia produzido com ſua irritaçaõ, impedem que elle fermente, e levantem vapores, e aplacaõ a agitaçaõ dos meſmos eſpiritos que ſe perturbáraõ no cerebro, e mais partes do corpo.

Quarto: o remedio porém mais ſingular que em Alemanha os Medicos, e o meſmo povo chama a Ancora dos ebrioſos, e glotões he o eſpirito de ſal ammoniaco aromatizado oleoſo na doſe de vinte, até trinta gotas em hum coſimento de funcho, ou de caſca de cidra, ou da laranja, porque eſte remedio praticado em qualquer tempo depois da comida, e da bebida naõ ſó preſerva da bebedice, mas tambem de todos os males que ſe ſeguem da crapula, como as convulsões, a afonia, a paralyzia, a apoplexia, e outras enfermidades perigoſas como atteſta o ſabio, e experimentado Medico Juriſta, Joaõ Franciſco Leaõ na expoſiçaõ do 5. afor. da ſes. 5. de Hyp. Eſte remedio manda-ſe comprar nas boticas, porque os meſmos penitentes naõ teraõ todas as commodidades para o prepararem, mas ſe as tiverem, e o quizerem fazer ſerá do modo ſeguinte.

Reſpice de canella duas onças.
Maciſ. meia onça.
Cravo da India huma oitava.
Caſca de cidra onça e meia.
Sal ammoniaco, e ſal tartaro, cada hum quatro onças.
Eſpirito de vinho doze onças.

Miſture-ſe, e ſe diſtille em fogo de area, e guarde-ſe em garrafa bem fechada para ſe uſar como aſſima ſe diſſe.

Eſte remedio he da invençaõ de Silvio de la Boe, e póde ſer variado nos aromas, porque

que em lugar da Canella, Macis, e Cravo da india, póde entrar a Mangerona, o Tomilho, o Alecrim, e outras plantas cheirosas, ligeiras, volateis, e tambem se póde advertir que quando se distilla este licor a fogo lento se apega no cume do recipiente bastante sal que se póde guardar em garrafas para outros usos, que se quizer na Medicina; porque elle he menos caustico, e mais cordial que o sal volatil da ponta de veado que se prescreve commummente.

Declarados os remedios particulares para as queixas particulares, de que temos tratado, passemos agora a descobrir os remedios geraes para se curar tambem todas estas enfermidades juntas consideradas genericamente.

CAPITULO XXI.

A Dietetica, que a Escriptura Santa prescreve para conservar geralmente a saude dos homens, he tambem o melhor remedio para curar suas paixões, e a melhor penitencia para punir suas culpas.

Lembrou-me que os Senhores Confessores, estando acostumados a ler sempre pela Escriptura Santa, naõ quereriaõ deferir ás minhas súpplicas por naõ se satisfazerem da narraçaõ, que tenho feito, tanto daquellas enfermidades da carne que saõ peccados, como dos remedios fysicos com que se curaõ, se os naõ achassem tambem narrados, e prescriptos na mesma

Eſcriptura Santa. Porém graças á bondade do Senhor que nos deo hum livro que em todas as Sciencias nos deixa inſtruidos ſe bem o ſoubermos meditar, e entender. Todas as enfermidades que tenho propoſto eſtaõ em reſumo pintadas na Santa Biblia com cores taõ vivas que excedem ao prolixo deſenho que dellas fizeraõ todos os Medicos juntos, e ſeus remedios tambem ahi ſe achaõ propoſtos os mais efficazes, e que ſendo praticados á riſca naõ poderáõ deixar de ſortir effeito. Digo que ſendo praticados, porque eſta he a difficuldade que ſempre devemos temer tanto da parte dos Senhores Confeſſores que os naõ quereráõ applicar, como dos Penitentes que deixaráõ ou de os acceitar, ou de os executar. Naõ ſei o que ſuccederá, com tudo ſempre os proponho, e queiraõ os Senhores Confeſſores, e Penitentes naõ fruſtrar o meu trabalho.

Primeiramente, eu chamo Dietetica Sagrada os remedios que vou a propôr tirados da Eſcriptura Santa; porque elles ſaõ aquelles que podem conſervar noſſo corpo, e alma no vigor da ſaude, e da juſtiça, ſegundo o uſo legitimo que delle fizermos. A ſaude, e boa conſtituiçaõ deſtas duas ſubſtancias he hum dom celeſte mais eſtimavel que todas as riquezas que ſe podem adquirir ſobre a terra, como falla o Eſpirito Santo no Eccleſ., e ap. 30. v. 15. por boca de Jeſus filho de Sirac. *Salus animæ in ſanctitate juſtitiæ melior eſt omni auro & argento, & corpus validum quàm cenſus immenſus.*

ſus. Sua enfermidade habitual he huma vida enfadonha a que ſe deve antepor a morte, e a eternidade. *Melior eſt mors quam vita amara, & requies æterna quam langur perſeverans*, ibid. v. 17. A ſaude depende do equilibrio da alma com o corpo, quando eſte equilibrio ſe perde por corrupçaõ do corpo, a alma fica entaõ opprimida tambem com enfermidade: *Corpus quod corrumpitur aggravat animam*, ibid. ſap. c. 9. Igualmente que quando a alma ſe deſordena o corpo o ſente, e padece mil enfermidades: *animarum inquinatio omnis mali cauſa eſt*: ſe lê no livro da Saberia c. 14.

Sendo pois a ſaude eſte equilibrio da alma com o corpo, ſó ſeraõ indicados aquelles remedios que concorrem para a conſervar ſempre firme, e permanente: ora em toda a Medicina naõ ſe achaõ outros mais convenientes que o bom uſo das ſeis cauſas chamadas naõ naturaes; logo eſte bom uſo das ſeis cauſas naõ naturaes he que deve ſer propoſto. Tambem a Eſcriptura Santa naõ propõe outros, e na Igreja de Jeſu Chriſto eſtamos vendo que eſtas ſeis cauſas naõ naturaes coſtumaõ fazer o material da penitencia de todos os que temos tido a infelicidade de peccar, logo com igual razaõ as proponho como Dietetica penitencial, iſto he, como remedios que conſervando a ſaude da alma, e do corpo, podem ao meſmo tempo ſer praticadas como punições do peccado.

Mas quaes ſaõ eſtas ſeis cauſas naõ naturaes re-

recommendadas na Medicina, e na Eſcriptura Santa, que haõ de fazer noſſa Dietetica, e Penitencia? Saõ todas aquellas que ſe tomaõ da condiçaõ do eſpirito, do ar, dos alimentos ſólidos, e fluidos; ſaõ tambem as que ſe deduzem das acções do meſmo homem, que pertencem ao exercicio, e deſcanço, ao ſomno, e á vigilia.

Quanto ás condições do eſpirito, que a Medicina, e Eſcriptura Santa recommendaõ, ſaõ a alegria, e a paz. Ella diz no cap. 17. v. 22. dos Prov., que hum animo alegre faz huma idade florida, que he o meſmo que dizer conſerva o homem no vigor da mocidade. *Animus gaudens ætatem floridam facit*, ou como ſe lê em outra verſaõ: *Animus lætus bene medicinam facit*, o animo alegre faz bem á Medicina: o que quer dizer, que a alegria he como huma boa Medicina, com que o corpo, e a alma ſe conſervaõ livres de doenças; porque na verdade ſó a alegria nos livra da triſteza, que no cap. 25. do meſmo livro ſe diz ſer taõ nociva ao coraçaõ do homem como ao páo he o caruncho, e a traça ao veſtido: *Sicut tinea veſtimento, & vermis ligno, ita triſtitia in viro nocet cordi.* Eſta triſteza carnal, que no teſtemunho do Medico Fernel enche o eſpirito de trévas, hebeta o engenho, impede a razaõ, obſcurece o juizo, deprime a elevaçaõ da alma, fórma com a melancolia penſamentos de deſeſperaçaõ, e he cauſa de que o corpo ſe affêe com a pallidez, entropeça

com

com a laxidaõ, ſe entiſique com a magreza, e morra em ſim affligido com mil enfermidades frias. Eſta triſteza, digo, bem ſe vê he aquella infernal deſconſolaçaõ, que naõ ſómente acompanha as gentes laſcivas, iracundas, e ebrioſas, quer ellas ſe precipitem nos ſeus peccados reſpectivos, ou delles ſe abſtenhaõ; mas tambem que he cauſa de que as meſmas peſſoas nunca ſe emendem, pois por experiencia ſe ſabe que hum homem laſcivo, quando o domina a triſteza, entaõ he que mais he combatido de penſamentos impuros, e buſca com mais ardor as occaſiões de peccar. Por experiencia ſe ſabe que hum colerico quando triſte toma a crueldade, e fereza das beſtas carniferas; e hum ebrioſo corre entaõ com mais preſſa para o lugar proprio, em que o vinho ſó o contenta. Logo naõ póde haver remedio mais indicado contra a triſteza do que a alegria. Com a alegria ſe fará o eſpirito fervoroſo, o corpo diligente para naõ ſentir trabalho algum na obſervancia das Leis Divinas, e Soberanas; com a alegria venceremos todas as paixões, faremos mais do que devemos a Deos, e aos homens. Oh como ſaõ diverſos os obſequios, que faz hum coraçaõ alegre, e hum coraçaõ triſte, aquelle vôa como a chamma que ſe atêa no canaveal ſecco, e por mais que trabalhe nunca ſe cança, quando eſte ſem nada fazer ſempre ſe lamenta! Mas com que remedios ſe agenciará eſta alegria? Será com a liçaõ frequente da meſma Eſcriptura Santa? Será cantando os

ſeus

ſeus Pſalmos; ſerá orando a miudo mental, e vocalmente; ſerá em fim fazendo hum uſo moderado do Açafraõ, e do Aipo, iſto he, temperando ſua comida com eſtes vegetaes, a quem Deos ha dado a virtude de produzir eſte effeito, quando delles ſe naõ abuſa com exceſſo, mas ſó por tempero como diſſe. Naõ he preciſo que eu traslade os textos da Eſcriptura Santa, que aſſim o daõ a entender, elles ou ſaõ bem ſabidos, ou faceis a achar, e quando naõ o foſſem baſtava a experiencia para nos deſenganar; experimente-ſe, e ſe verá: experimentem os Senhores Confeſſores impondo por penitencia a liçaõ eſpiritual, o canto ſagrado, e a meditaçaõ das obras de Deos; ajuntem a eſtes remedios theologicos os dois unicos fyſicos do uſo do Açafraõ, e do Aipo, e veraõ como a alegria naſce nos corações de ſeus penitentes, e com ella as luzes celeſtes, que accendem o amor Divino, e daõ alentos para a execuçaõ de ſeus preceitos, e perſeverança nas virtudes.

Depois da alegria, he a paz o ſegundo remedio que melhor convem á ſaude da alma, e do corpo. Poſſuir eſte dom do Eſpirito Santo he o meſmo que haver conſeguido victorias da laſcivia, colera, bebedice, e demais vicios, conſerva-ſe com a paz o equilibrio entre as duas ſubſtancias, que compõem o ſer do homem, hum movimento regular nos fluidos animaes com que ſe continuaõ, e conſervaõ em proporçaõ todas as operações humanas, iſto

he,

149

he, o efpirito, e o corpo fe vigoraõ, aquelle raciocina com toda a claridade, e profundeza, e efte naõ desfallece com doenças, ou movimentos tumultuarios que o difcompõe. E na verdade fe a perturbaçaõ da confciencia he hum bicho que róe o coraçaõ dos que fomos infelices peccadores; fe a lafcivia, a colera, a ebriedade trazem comfigo os ciumes, invejas, perda de fomno, cuidado de agenciar riquezas, e outras inquietações que entificaõ a carne, como diz o Efpirito Santo no Eccleſ. *Tabefaciunt carnes.* Naõ havendo eftes vicios ficará a alma focegada, e naõ deixará o corpo de ter faude.

Mas por que meios fe confeguirá efta paz? Será primeiro pela Confiffaõ, e Communhaõ frequente; ferá em fegundo lugar pelo ufo dos remedios fyficos, que affima fe deixáraõ prefcriptos contra os tres vicios declarados. A Confiffaõ alimpará a confciencia dos peccados, a Communhaõ mudará para Deos os affectos, e apegos que fe tinhaõ ás creaturas, e defenganará das vaidades da vida; os remedios fyficos em fim extirpando aquellas concupifcencias, que fe levantaõ dos ardores da carne, ficará o homem livre da efcravidaõ, e tyrannia do peccado, e vivirá em paz com Deos, comfigo, e com os demais homens.

Fallando agora das demais caufas naõ naturaes, que pertencem ao corpo, e que haõ de fazer a materia da Dietetica, ou Penitencia dos que fomos miferaveis peccadores; vem primeiro para fer confiderado o ar, do qual

tem o homem tanta neceſſidade para viver, que hum momento ſó que lhe falte diz Hypoc. lib. de Flatib. §. 6. *Brevi tempore illi eſſe pereundum*, faltará com o ar a reſpiraçaõ, e a palavra, que he como a chamma que conſerva o alento vital de noſſo coraçaõ, e que faltando ſe diſſipa a noſſa vida, como o veſtigio de huma nuvem, e diſſolve o laço de noſſa alma com noſſo corpo como ſe diſſolve a librina ferida dos raios do Sol que a affugenta: *Et ſermo ſcintilla ad commovendum cor noſtrum qua extincta tranſibit vita noſtra tanquam veſtigium nubis, & ſicut nebula diſſolvetur quæ fugata eſt a radiis ſolis*, lib. ſap. c. 2. Eſte ar para ſer ſaudavel he neceſſario que ſeja puro, porque quanto mais puro he tanto melhor promove a circulaçaõ do ſangue, augmenta o tom das fibras, favorece a tranſpiraçaõ do corpo, e firma as forças do eſpirito; mas quando o ar eſtá inficionado cheio de particulas heterogeneas, e maleficas, entaõ bem longe de ſer proveitoſo, nem para o corpo, nem para o eſpirito, he a origem de todas as enfermidades naõ ſó epidemicas, que deſtroem o corpo como a peſte, a lepra, o eſcorbuto, as bexigas, ſarampos, malinas, diarrheas, e o meſmo gallico, mas tambem de todos os males, que pervertem o eſpirito, como a loucura com todas as ſuas eſpecies, a triſteza, melancolia, colera, laſcivia, deſeſperaçaõ, &c. Diſto ſe deixa ver a bondade de Deos, que por ſua providencia ſingular ha deixado leis, que preſ-

prescrevem tudo o que póde inficionar o ar, ou fazer maligno o seu uso. Lea-se do Levitico os cap. 11., e 13., e consideremos que o fim, por que se manda separar os leprosos para fóra dos arraiaes, naõ he outro que o evitar a infecçaõ do ar, com que os demais homens se inficionariaõ. Ora naõ he só a lepra enfermidade epidemica, tambem todas as demais que assima se faz mençaõ produzem no ar huma corrupçaõ, que damnifica a todos que o respiraõ. Naõ ha creatura lasciva, colerica, e ebriosa, que naõ exhale de seu corpo hum fortum pestilente, alguns Santos conheciaõ pelo cheiro o estado, e qualidade do peccado, em que estavaõ muitas pessoas, e até as mesmas abelhas naõ podem aturar o bodum, e catinga do homem, e mulher lascivos, segundo o dizem, e observaõ os Naturalistas nestes insectos, e outros animaes.

Sendo assim de que modo poderáõ os Senhores Confessores prescrever o uso do ar aos seus penitentes, para que lhes seja saudavel? Naõ outro mais do que o que está mandado pela mesma Escriptura, e pelo mesmo Deos. Prescrevaõ que se separem do meio das creaturas, e que vivaõ em retiro longe das Cidades, que trabalhem ao ar livre dos campos, e quintaes, que de nenhum modo passèem por certas ruas infames, nem vaõ ás casas das meretrizes, e do jogo, ás tabernas, e outros lugares onde fysicamente se respira hum ar pestilente, ou inficionado com exhalações, que se

levantaõ dos córpos minados de doenças, taes como o gallico sempre existente nas mulheres lascivas. Repito que este retiro que os Senhores Confessores podem prescrever aos penitentes he sómente aquelle, que se ha de praticar ao ar livre, ou em o trabalho do campo, ou em as casas dos mesmos penitentes com as janellas abertas; porque este genero de retiro he compativel com todos os estados, quer os penitentes sejaõ Ecclesiasticos, quer sejaõ Seculares, pois assim cada hum se póde occupar, ou em ler, e meditar, ou a escrever, pintar, lavrar, cozer, fiar, e outros trabalhos de mãos proprios de cada arte, e officio, mas por esta declaraçaõ, que faço do modo do retiro, quero pedir aos Senhores Confessores considerem que legitimamente naõ tem jurisdicçaõ para impôrem por penitencia certos retiros, que saõ humas especies de prizões em camarins fechados, aonde se estragaõ os córpos dos penitentes pelo veneno que de si mesmos se exhalaõ, pois he claro pelas regras da sã Moral, que ninguem deve concorrer para o damno corporal do seu proximo, nem Deos quer que o peccador se procure pela penitencia huma morte, que elle lhe naõ dá. A mesma Igreja guiando-se pelo espirito de Jesu Christo, e dos Apostolos, naõ impõe em seus Canones outro retiro que o espiritual, ou aquelle que se pratica em lugares saudaveis; recommendando a todos os Sacerdotes o espirito de lenidade para com elle evitarem tudo quanto póde concorrer para a morte dos homens.

Quar-

Quarta: outra parte da Dietetica Sagrada he o uſo da comida, ſobre a qual a Eſcriptura Santa nos recommenda a ſobriedade como hum remedio para a conſervação da ſaude da alma, e do corpo; porque a gúla foi ſem dúvida ſempre a cauſa ordinaria naõ ſó de todas as enfermidades corporaes, mas tambem das eſpirituaes; a crapula tem dado a morte a muita gente, como ſe lê no cap. 37. do Eccleſ. *In multis enim eſcis erit infirmitas & propter crapulam multi obierunt*: E na verdade naõ ſó a Eſcriptura Santa nos faz lembrar que os peccados dos Pentapoliſtas tiveraõ ſua origem na fartura do paõ, mas tambem a Medicina tem obſervado que com a muita comida ſe opprime o eſtomago, diminue a ſua força, o chilo fica cru pela inſufficiencia da lynfa gaſtica, e ficando cru naõ ſe miſtura depois bem no ſangue, nem com elle ſe aſſemelha, mas ſe ſepara, e ſe converte em humores acidos, bilioſos, e podres, que vem cada hum a ſer origem de mil enfermidades agudas, e chronicas como Hypp. o comprehende em huma ſó palavra do ſeu afor. 17. do liv. 2. *Ubi cibus præter naturam copioſior ingeſtus fuerit morbum facit.* Pouco baſta para a conſervação da ſaude do corpo, e da alma, a comida principal, e que he neceſſaria a todos os viventes, naõ he mais que o paõ, e agua, aſſim ſe lê no Eccleſ. *Initium vitæ humanæ aqua & panis.* O paõ tem huma virtude cordial, e confortativa como cantou o Profeta Rei. *Panis*

cor

cor hominis confirmat. Depois do paõ as hervas, e os legumes fizeraõ ſempre a comida dos Santos, que conſerváraõ ſeus córpos, e ſuas almas em ſaude perfeita. Os tres meninos Judeos na Babylonia ſeraõ eternamente hum teſtemunho authentico para comprovar que os legumes ſaõ hum alimento ſaudavel, que nutre bem ſem deixar no corpo aquellas acrimonias, que depois de o irritar excitaõ as paixões da ira, e da laſcivia. Logo o paõ, as hervas, e os legumes devem ſer alimentos bem indicados nas tres enfermidades, que os Senhores Confeſſores devem curar, como tambem ſaõ os meſmos que devem fazer a materia da penitencia nos jejuns, com que a Igreja pune ſimilhantes culpas dos homens. E naõ ha dúvida porque baſtava ſer eſta huma verdade dictada pelo meſmo homem Deos, para todos nos capacitarmos, ſer o jejum com a oraçaõ hum remedio infallivel para curar a laſcivia dos peccadores. O que ſe pede demais huma attençaõ nos Senhores Confeſſores, e penitentes, he que huns, e outros naõ conſintaõ naquelles jejuns, que ſe fingem com a comida abundante da variedade de carnes ao jantar, e huma leve conſcada á noite; ainda naõ diſſe tudo; naquelles jejuns que ſe fazem, tomando-ſe entre dia boas chicaras de chá, café, chocolate, vinho, agua, e outras bebidas, que no eſpirito dos Santos Padres, e da meſma Medicina quebra o jejum; porque naõ ſó ſuſtentaõ o corpo, mas o enchem de hum fluido acrimonioſo, que excita

mais

mais a propensaõ á lascivia, ira, e outras paixões. Queiraõ todos com sinceridade diante de Deos cumprir a penitencia do jejum, alimentando-se huma vez sómente, ou de paõ, e agua, ou junto com suas hervas, frutas, e legumes: tudo o mais, e ainda o mesmo peixe, que a Igreja naõ prohibe, só póde servir de regalo, e naõ para materia de penitencia. O Doutor Hecquet, Medico de París, no Livro, que fez imprimir sobre as dispensas do jejum, prova com evidencia, que o peixe sendo hum alimento saudavel, naõ he conveniente a quem naõ quer ser atormentado de estimulos venereos: porque diz elle, he alimento que produz muitos succos, e por consequencia faz nos genitaes abundar o seu fluido estimulante. E se o peixe produz este effeito, que se ha de dizer do leite, ovos, &c. que tanto nutrem? Que se ha de dizer de todos os generos de guizados, cheios de mil adubos, e especierias todas causticas em si mesmas? Eis-aqui pois o modo que os Senhores Confessores haõ de impôr por penitencia naquelles jejuns que prescrevem aos penitentes, se querem que este remedio Divino naõ perca sua efficacia, e se troque em hum pallio para sómente cobrir a hypocrisia, e enganar aos mesmos penitentes.

Quarta. Com a comida se ajunta a bebida, e esta concorrendo mais que tudo para a conservaçaõ da saude, tanto do corpo, como da alma por poder ella só fazer a materia da penitencia dos peccadores arrependidos. Ora naõ

ha

ha bebida mais ſaudavel do que a agua : com ella he que vivem todas as creaturas, nem Deos criou outra para a conceder a todos os viventes ſem excepçaõ. Os Medicos tem eſcripto grandes volumes, para moſtrar que a agua he naõ ſómente hum alimento proprio dos homens, mas tambem hum remedio univerſal para todas as enfermidades. Póde-ſe ler entre muitos Authores a Lanſano, e Hoffman, que em Livros, e Diſſertações provaõ com razões, e experiencias a bondade deſte fluido univerſal na conſervaçaõ da ſaude de todos os viventes, e na cura de ſuas enfermidades agudas, e chronicas; mas depois de ſe ler tantos elogios da agua, que Confeſſor haverá deſejoſo da ſalvaçaõ de ſeus confeſſados, que a naõ preſcreva ſempre nos jejuns que lhes daõ por penitencia? Sim, naõ ſe duvída que os Senhores Confeſſores preſcreveráõ a agua por bebida nos jejuns, que impõem por penitencia, e meſmo a preſcreveráõ taõ reſtrictamente, que prohibaõ todas as demais bebidas de vinho, café, chá, chocolate, limonadas, &c. naõ ſó no tempo do meſmo jantar, porém muito mais fóra delle.

Agora conveniente ſerá ſaber-ſe, ſe podem os Senhores Confeſſores prohibir tambem a bebida da meſma agua, ou abſolutamente toda em todo o dia, ou ao menos ſómente fóra da unica comida? Ao que ſe reſponde, que a prohibiçaõ da bebida fóra da comida he inteiramente conforme á pratica, que teve a Igreja nos ſeus primeiros ſeculos doirados: porque da

Hiſ-

Hiſtoria, e dos eſcriptos dos Santos Padres ſe comprehende, que os Fiéis nos ſeus jejuns naõ bebiaõ licor algum fóra da comida, e que da meſma agua ſe abſtinhaõ em quanto naõ chegava o tempo da refeiçaõ; e aſſim obrigando os Senhores Confeſſores aos ſeus penitentes a praticar eſta abſtinencia da agua, faraõ huma renovaçaõ louvavel no Chriſtianiſmo, e que tambem nada tem de incompativel com a ſaude, porque a natureza naõ quer ſer opprimida com bebidas, e ſe contenta com aquella que ſe permitte no tempo da comida, por lhe baſtar eſta para ſe tirar do alimento huma emulçaõ doce, e proporcionada a todos os fluidos, que ſe haõ de reparar no corpo humano.

Quando porém ſe naõ permittiſſe bebida alguma, nem no tempo da comida, nem fóra della entaõ poderia a ſaude alterar-ſe, e com effeito ſe alteraria ſe a prohibiçaõ total da bebida, foſſe eſtendida a muitos dias; porque entaõ os fluidos animaes viriaõ a adquirir grande eſpeſſura, e deſta eſpeſſura ſe ſeguiriaõ eſtagnações, ou encalhes inflammatorios, que por gráos ſubiriaõ em malignidade até á morte; ou concorreſſe em occaſiaõ de comidas ſalgadas, e defumadas, que requerem agua para ſe diluirem, e naõ deixarem em todo o corpo impreſſões da ſua ſalſugem cauſtica; pois he certo na Medicina, que muitas enfermidades da pelle, como a lepra, a ſarna, os herpes, &c. ſaõ ordinariamente occaſionadas pela comida de peixes, e carnes ſalgadas, ſobre que depois

naõ ſe bebeo baſtante agua, e por vezes repetidas.

Cauſando pois eſta abſtinencia total da bebida damnos graviſſimos, fica claro que naõ ſerá licito aos Senhores Confeſſores, e meſmo aos penitentes concorrer para elles, impondo a huns por penitencia, e outros acceitando-a. Bem vejo que alguns aſceſticos diraõ, que he licito aos Chriſtãos mortificarem ſua carne até meſmo cahirem fracos, e enfermos; e que aſſim o fizeraõ muitos Santos que reſpeitamos nos Altares; porém o que reſpondo he que ſimilhantes obras de Santos ſaõ muito mais para admirar que imitar, pois naõ he ſempre o meſmo eſpiritos de Deos, que conduz a todos a taes exceſſo, mas que muitos enganados pelo eſpirito da ſoberba, cuidaõ com taes mortificações que ſe fazem grandes homens na ſantidade, e ficaõ reputados no juizo dos prudentes por grandes deſtruidores da natureza, e inverſores de ſuas leis. Deixemos aos Santos obrar como Santos, quando Deos nos der as meſmas graças que a elles ha dado, entaõ faremos os exceſſos que elles fizeraõ.

Quinta. Mas naõ he ſó a moderaçaõ na comida, e bebida a que he ſaudavel para o corpo, e alma; tambem o he aquella moderaçaõ que regula o noſſo deſcanço. Moderaçaõ, digo, no deſcanço, naõ ſó aquella que evita a ocioſidade, e faz occupar o dia em algum trabalho, mas a que ſabe combinar o ſomno com a vigilia, e preſcreve a cada hum ſeus tem-

tempos determinados. Huma ocioſidade inteira ſem trabalho algum foi ſempre reputada por mãi dos vicios moraes, e cauſadora de muitas enfermidades corporaes. A Eſcriptura Santa eſtá cheia de ſentenças, e exemplos, que comprovaõ eſta verdade, igualmente que de exhortações a trabalharmos. S. Paulo quer que naõ coma o que naõ trabalha: *Siquis non vult operari, non manducet*, e o Eccleſiaſtico nos declara a utilidade deſte trabalho quando nos diz que ſe em todas as noſſas obras formos velozes, promptos, diligentes, enfermidade alguma naõ nos opprimirá. *In omnibus operibus tuis eſto velox, & omnis infirmitas non occurret tibi*, cap. 31. verſ. 27., o que he muito conveniente na verdade, porque nada promove melhor a circulaçaõ do ſangue, e depura noſſos humores como o movimento exterior de noſſos muſculos; com eſte movimento ſe attenuaõ os fluidos mais craſſos, augmenta-ſe o calor vital, facilita-ſe a tranſpiraçaõ, evapora-ſe toda a humidade ſuperflua, e ſe adquire a robuſtez, e ſaude do corpo, e da alma. Naõ eraõ preciſas razões para nos capacitarmos da utilidade do trabalho, baſtava a experiencia que cada dia nos moſtra a todos os trabalhadores naõ ſó mais robuſtos, porém tambem mais innocentes. A Medicina naõ deſcobre as dores de pedra, gotta, a hypocondria, a cachexia, o eſcorbuto, a hydropizia entre os lavradores, que paſſaõ a vida no trabalho, como tambem naõ tem a Theologia deſcuberto entre elles

aquella frequencia de peccados abominaveis, que fazem horror á humanidade. Sendo pois o trabalho ſaudavel, e por conſequencia malefica ſua inteira privaçaõ, fica claro que no número das penitencias, que impõem os Senhores Confeſſores, huma dellas devia ſer o trabalho preſcripto conforme as circunſtancias do eſtado dos penitentes. Que mais proveitoſa penitencia para os Religioſos, e Eccleſiaſticos que a do eſtudo, e eſcrever por tempo de tres, e quatro horas cada dia? O pintar, bordar, &c., e outras obras louvaveis naõ póde ſer huma penitencia bem Medicinal para muitas Freiras, Frades, e Clerigos, e meſmo Seculares, que vivem na relaxaçaõ, e deſordem, ſempre ocioſos, ou vagabundos? Que mil officios ſe tem inventado, e cada hum delles naõ podia fazer a materia de penitencia de tantos, que ſó cuidaõ em paſſear, e peccar? Mas porque naõ impõem os Senhores Confeſſores eſtas penitencias? Naõ ſaõ elles bem indicados para a reforma dos coſtumes? Pois quem os impede.

Sexto. Tambem a moderaçaõ no ſomno devia fazer huma penitencia bem ſaudavel para todos os peccados. O ſomno ſem dúvida foi ſempre neceſſario para conſervar as forças do corpo, e eſpirito; mas iſto ſe entende do ſomno moderado, porque o exceſſivo taõ longe he de ſer ſaudavel, que foi ſempre pernicioſo. Salomaõ no cap. 6. dos Prov. nos diſſuade deſte ſomno, porque ſeu effeito he gravar a cabeça, induzir torpor de todo o corpo, tirar-

lhe

lhe a agilidade, impedir o influxo dos espiritos animaes, incrassar o sangue, e produzir mil enfermidades chronicas, que saõ seguidas da lascivia, e mais vicios, que encurtaõ a vida com sua execuçaõ. *Ne dederis somnum oculis tuis, nec dormitent palpebræ tuæ.*

Sendo assim naõ he bem conforme ao espirito da Igreja imporem-se por penitencia as vigilias? Para que praticou ella por muitos seculos estas vigilias, e faz hoje sua commemoraçaõ nas maiores solemnidades? He só para ostentar huma ceremonia inutil? Sem dúvida que naõ, mas sim para excitar aos Senhores Confessores a fazella observar por penitencia daquelle modo, que evita os abusos, que houveraõ, e seja inteiramente saudavel para as almas que as praticaõ; o que quer dizer que os Ecclesiasticos, e Seculares podem observar estas vigilias no escondrigio de suas casas occupados na liçaõ santa, e na oraçaõ, ou em outros trabalhos louvaveis, e virtuosos. Mas diraõ que as vigilias tambem naõ saõ saudaveis para o corpo, porque dellas resultaõ indigestões, a pallidez do rosto, o encovamento dos olhos, a tristeza, a magreza, como o mesmo Ecclesiastico o faz entender no cap. 31. quando diz: *Vigilia honestatis tabefaciet carnes*: Porém a isto se responde, que estas vigilias nocivas saõ aquellas que saõ contínuas, e praticadas por muitos tempos successivos, e naõ aquellas que se houvessem de praticar conforme o espirito da Igreja, sómente nas vesperas de suas

maio-

maiores ſolemnidades ; podem eſtas mortificar alguma coiſa a carne , porém nunca lhe ſaõ nocivas , mas antes ſaudaveis , porque as faz diminuir hum pouco da plethora, que accummuláraõ com a nimiedade do ſomno, que lhe ha precedido. Podem pois os Senhores Confeſſores impôr eſta penitencia ſem ſuſto de prejudicarem com ella aos ſeus confeſſados , mas antes com eſperança de melhor reformar os ſeus coſtumes.

Expoſta aſſim a Dietetica Sagrada , que deve entrar na Medicina, com que os Senhores Confeſſores haõ de curar ſeus confeſſados dos tres vicios, ou enfermidades, que ſe tratáraõ nos Capitulos precedentes, reſta agora o perſuadirem-ſe os Senhores penitentes , que a confiſſaõ ſerá para elles o remedio que melhor os curem de ſuas doenças ; mas para fazermos tudo com methodo, e diſtincçaõ, ſeja o ſeguinte :

CA-

CAPITULO XXII.

A Confissaõ frequente he o remedio moral, e fysico mais util para curar as enfermidades da lascivia, colera, e beledice.

NAõ he duvidosa a proposiçaõ deste ultimo Capitulo. A Escriptura, e Santos Padres a tem estabelecido, e os mesmos Hereges naõ deixaõ de reconhecer sua verdade. Sant-Iago nos exhorta que confessemos huns aos outros nossos peccados : e S. Paulo assevera que a Confissaõ se faz para por ella se conseguir a saude : *Confessio fit ad salutem* : Saude sim, naõ só da alma, mas tambem do corpo; porque primeiramente sendo certo pela fé, e experiencia, que a innocencia, e a piedade he util para tudo, e que principalmente nella temos vinculadas as promessas favoraveis, naõ só a esta vida presente, mas tambem á futura como diz S. Paulo no cap. 4. da 1. Epist. a S. Timoth. *Pietas autem ad omnia utilis est promissionem habens vitæ, quæ nunc est, & futura.* E sendo em segundo lugar tambem certo que a reverencia que mostramos a Deos, isto he, a obediencia prática ás suas vontades, e o cumprimento de suas leis influe em nossos corações hum prazer amavel, huma alegria celeste, hum contentamento divino, vem tambem a ser certo, que esta mesma innocencia, piedade,

de, e reverencia para com Deos nos ha de conſervar em huma vida permanente, e prolongada com ſaude corporal, e eſpiritual neſte mundo, e no outro: *Timor Domini delectabit cor, & dabit lætitiam & gaudium, & longitudinem dierum*: diſſe o Eccleſ. cap. 1. verſ. 11.

Ora que a alegria do coraçaõ ſeja huma Panacea geral para a conſervaçaõ da vida, e ſaude, naõ ha Medico algum que o naõ tenha lido em todos os Authores da Medicina; e que deixe de a aconſelhar a ſeus enfermos; porém qual ſeja o remedio ſeguro, e infallivel para conſeguirmos eſta alegria, podemos todos dizer que he a Confiſſaõ; porém ninguem o póde miniſtrar ſenaõ os Senhores Confeſſores.

Aos pés deſtes Miniſtros do Altiſſimo he que achamos o noſſo remedio geral, e ſempre ſaudavel. A Confiſſaõ frequente ſincera, e voluntaria, que lhe fazemos de noſſas culpas, he a que nos faz levantar intimamente conſolados, e por conſequencia com hum esforço, que nos ſuſtenta na graça de Deos, e nos ajuda a reſiſtir a todas as tentações da carne, do mundo, e do Demonio. Que conſolaçaõ o ſaber que ſe confeſſamos ſinceramente os noſſos peccados aos Miniſtros de Deos, eſte Senhor como juſto, e fiel em ſuas promeſſas nos remittirá as noſſas culpas! Pois aſſim o diz S. Joaõ, eſte Apoſtolo taõ amado do Senhor, e taõ amante dos homens todos: *Si confiteamur peccata noſtra fidelis eſt & juſtus, ut remittat nobis.* Ainda-

que

157

que naõ tiraſſemos outra utilidade da Confiſſaõ mais, que a remiſſaõ de noſſos peccados, e a alegria que della ſe ſegue, iſto baſtava para que nos chegaſſemos continuamente ao Tribunal da penitencia; mas ſe a eſte penſamento ajuntarmos o de que os Senhores Confeſſores nos podem enſinar tambem os remedios fyſicos com que moderemos noſſas paixões, e curemos noſſa laſcivia, extingamos noſſa colera, e evitemos a embriaguez, entaõ qual ſerá a utilidade que confeſſemos haver achado na Confiſſaõ Sacramental? Seraõ tantas quantas ſaõ as virtudes, que podemos praticar conduzidos da graça do Eſpirito Santo: ſeraõ tantas, quantos os frutos que no Chriſtianiſmo chamamos do Eſpirito Santo, e que ſe podem todos deduzir da innocencia.

Vamos pois, penitentes, vamos ao noſſo Tribunal da Penitencia: buſquemos eſtas fontes do Salvador com mais ancia do que a corça ſequioſa buſca a torrente dos rios para ſe refrigerar com ſuas aguas. A Piſcina eſtá patente a todo o mundo, temos homens nos Senhores Confeſſores que nos ajudem a entrar nella, naõ falta mais que a noſſa vontade. Tenhamos pois eſta vontade, e para a ter nos movaõ as noſſas meſmas doenças, excite-nos a noſſa meſma neceſſidade. Naõ podemos ter trabalho em nos conhecer; porque noſſa meſma conſciencia nos deſperta clamando continuamente que eſtamos cheios de miſerias. Eſtamos ſim cheios de miſerias, porém naõ deixaõ de haver remedios

para ellas. Os Senhores Confeſſores os tem como bons Medicos, e haõ de querer applicar-nos todos com compaixaõ de nós meſmos. Vamos, vamos buſcar os Senhores Confeſſores com todos os affectos poſſiveis, e depois de os acharmos, e expormos noſſas miſerias, façamos juntos a ſúpplica ſeguinte:

CAPITULO XXIII.

Súpplica aos Senhores Confeſſores.

Soberanos Miniſtros do Altiſſimo.

NÓs os peccadores confeſſamos aos voſſos pés noſſos peccados todos, mas no propoſito da emenda, que devemos proteſtar, naõ vos podemos aſſeverar, que entre huma ſegurança firme de naõ recahirmos nos tres peccados da laſcivia, colera, e bebedice, a que nos havemos habituado. Eſtes tres peccados, ſendo na verdade que naõ nos tiraõ a liberdade para os evitarmos, nos tentaõ com tudo com tantos enganos, e attracções, que naõ nos atrevemos a deixá-los. Até agora quaſi deſeſperados do remedio naõ o temos buſcado. Nós nos perſuadimos que noſſos máos habitos depois de ſe converterem em noſſa natureza já naõ podiaõ ſer extirpados ſem deſtruiçaõ da noſſa alma. Eſtamos deſenganados, deſcobrio-ſe huma Medicina, que mudando os noſſos ditos máos habitos nos faz poſſuir no corpo, e na alma huma

ma ſaude perfeita. Vós ſois, Senhores Confeſſores, os que poſſuis eſta Medicina: curai-nos pois, tende de nós compaixaõ porque vo-lo pedimos com as meſmas inſtancias, com que os enfermos pediaõ ſua ſaude a Jeſu Chriſto noſſo primeiro Medico, a quem vós imitais, caminhando pelos paſſos de ſua meſma miſericordia. Nós fomos como ovelhas entregues ao voſſo cuidado, naõ nos deixeis perecer devorados pelos lobos de noſſas paixões. Affugentai, matai eſtas féras peſſimas para que appareçamos no meio do Rebanho do Senhor como Cordeirinhos bem lavados, que ſobem das fontes da vida. Dai-nos remedios a noſſos males, enſinai-nos com que Medicina nos curemos, que nós em retribuiçaõ pediremos tambem a Deos vos encha de ſciencia, e ſantidade para continuardes a ſer em ſua Igreja como luzes brilhantes, que illuminaõ a todo o homem, e o ſal da terra, que a preſerva da corrupçaõ. Amen.

159.

INDEX

DOS CAPITULOS QUE CONTEM ESTE LIVRO.

PRefaçaõ. Pag. 3.
CAP. I. *Os Senhores Confessores devem ser chamados Medicos do homem, e naõ só do seu espirito.* 9.
CAP. II. *Se póde ser bom Confessor o Theologo, que for bom Medico.* 20.
CAP. III. *O Confessor deve tambem saber Medicina corporal.* 25.
CAP. IV. *Basta que os Senhores Confessores saibaõ a Neurologia.* 30.
CAP. V. *Da mudança morbifica, que produz no homem as suas paixões.* 34.
CAP. VI. *O Amor he enfermidade.* 38.
CAP. VII. *A Nostalgia, ou Saudades he enfermidade.* 45.
CAP. VIII. *A Erotomania, ou loucura amorosa he grande enfermidade.* 51.
CAP. IX. *O Satyriazes, ou Salacidade, e nimia propensaõ aos prazeres de Venus, he nos homens a maior enfermidade lasciva.* 57.
CAP. X. *Da Nymfomania, ou furor uterino das mulheres.* 61.
CAP. XI. *Os prazeres do amor tomados com excesso, ou intempestivamente, saõ causa de muitas enfermidades dos casados.* 66.
CAP. XII. *Dos Remedios formulados con-*

ve-

venientes no Satyriazes, e furor uterino, como tambem nas exhauriçōes por abuſo do Matrimonio. 73.

CAP. XIII. *Os Remedios tirados do Vitriolo, e combinados com outros licores refrigerantes ſaõ os mais efficazes antiafrodiſiacos.* 78.

CAP. XIV. *Os Remedios acidos tirados do vitriolo quando delles ſe abuſa por mais de quarenta dias, ou naõ ſe praticaõ outros ao meſmo tempo, produzem a caſtraçaõ, e mais enfermidades geraes, que ſe derivaõ dos acidos.* 82.

CAP. XV. *No uſo dos Vitriolados ſe devem interpolar os abſorventes, e alcalinos.* 85.

CAP. XVI. *Os Confeſſores podem aconſelhar, e precreſver os remedios fyſicos antiafrodiſiacos.* 90.

CAP. XVII. *Naõ ha mais perfeiçaõ, nem tambem maior merecimento na luta da concupiſcencia, do que ha de perfeiçaõ, e merecimento no exercicio pacifico das virtudes.* 93.

CAP. XVIII. *Nem todas as drogas, que alguns Medicos gabaõ, ſaõ geralmente antiafrodiſiacas para todos.* 102.

CAP. XIX. *A colera he enfermidade corporal, que ſe póde emendar com remedios fyſicos.* 108.

CAP. XX. *A bebedice he huma grande enfermidade, que nunca ſe cura com remedios moraes, e difficilmente com os fyſicos.* 115.

INDEX.

CAP. XXI. *A Dietetica, que a Escriptura Santa prescreve para conservar geralmente a saude dos homens, he tambem o melhor remedio para curar suas paixões, e a melhor penitencia para punir suas culpas.* 123.

CAP. XXII. *A Confissaõ frequente he o remedio moral, e fysico mais util para curar as enfermidades da lascivia, colera, e bebedice.* 143.

CAP. XXIII. *Súpplica aos Senhores Confessores.* 146.

CA794
M527m

66-78
R.B. Rosenthal
Sept 1965

GK. 5762.A2